

COMPRADA - ABR. 1940

SERÖES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA



SUMMARIO

AS ESTRADAS DO MUNDO — EPI-
SODIO DE VIAGEM — FRONTAL DE
ALTAR — ARCHITECTURA DA RENAS-
CENÇA EM PORTUGAL — UMA VISITA
À BEIRA — INDELEVEL — O TESTAMEN-
TO DE PEDRO BRAZ — DESCANTES
POPULARES (MUSICA) — ESTUFIM DE SA-
LA — UTILIZAÇÃO DAS FORÇAS NATURAES
— MODAS — VARIEDADES.

VOL. IV DE MAIO A JUNHO — 1903 NUM. 19

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

	Pag.
A ROCCA DE CUPIDO. — <i>Quadro de HENRY WORDS</i>	2
AS ESTRADAS DO MUNDO. — <i>Por SILVA TELLES — Com 5 illustrações</i>	3
EPISODIO DE VIAGEM. — <i>Com 2 illustrações</i>	11
FRONTAL DE ALTAR. Na sé de Braga. — <i>Por MANUEL MONTEIRO — Com 1 illustração</i>	19
A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — <i>(Continuação) — Por ALBRECHT HAUPT. — Com 11 illustrações.</i>	22
UMA VISITA Á BEIRA. — <i>Por ANTONIO ENNES.</i> ..	29
INDELEVEL. — <i>Soneto. — Por ALBERTO MARQUES PEREIRA.</i>	35
LAURA DE DIANTI E AFFONSO DE FERRARE. — <i>Quadro de TIZIANO VECCELLI.</i> ..	36
O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ. — <i>ROMANCE. — Com 3 illustrações.</i>	37
DESCANTES. — <i>Versos de JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO — Musica de AUGUSTO MACHADO.</i>	44
SANTO ANTONIO. — <i>Ceramica de R. BORDALLO PINHEIRO.</i>	46
UTILIZAÇÃO DE FORÇAS NATURAES. O Niagara — <i>Com 5 illustrações.</i> ..	47
ESTUFIM DE SALA. — <i>Com 3 illustrações.</i>	50
MODAS. — <i>Com 6 illustrações</i>	52
VARIEDADES. — <i>MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — NECROLOGIA. — THEATROS. — CONHECIMENTOS UTEIS — PROBLEMAS. — XADREZ.</i>	1

41 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I, ao II e ao III volumes da Revista. Por cada encadernação, de que também se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

Series de	}	3 numeros	600
		6 numeros	1\$200
		12 numeros	2\$200

Para os paizes da **União Postal**, por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3\$000 réis**, moeda portugueza. Para e **Brazil** (moeda brazileira), **18\$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado. — Numero avulso **1\$500 réis** (moeda brazileira).

O diminuto preço d'esta revista não supporta o encargo avultado de cobrança pelo correio ; por isso se pede a *remessa directa* da importancia das assignaturas á **administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7.**



A ROCCA DE CUPIDO. — QUADRO DE HENRY WOODS



MAPPA D'AFRICA DE FREDERICO DE WIT

As Estradas do Mundo

Depois da grande estrada do Mediterraneo, assumpto dos dois anteriores artigos, e da exposição synthetica dos problemas politicos e commerciaes que ella suscita, inicia-se no seguinte artigo, como continuação da serie subordinada ao mesmo titulo e aos mesmos propositos, o estudo dos problemas d'Africa, restringindo agora o assumpto á discripção succinta do grande continente negro que n'este momento historico tanto prende a attenção de todas as nações, muito especialmente da nossa, cuja vida social e prosperidades publicas estão, por assim dizer, adstrictas aos vastos dominios que ainda ali possuimos e mantemos.

PROBLEMAS DA AFRICA

Summario. — MORPHOLOGIA GERAL DA AFRICA. — AS REGIÕES NATURAES

COMO um immenso bloco emergindo entre dois oceanos, o Continente africano, cuja altitude media é superior á de qualquer das restantes partes da terra, apresenta uma conformação geral maciça, de bordos fracamente recortados, sem chanfraduras convidando a entrada do mar. Ao norte, no Mediterraneo, só a Grande e a Pequena Syrta, entre a Cyrenaica e Tunis, formam o unico recorte de todo o seu litoral. A

metade meridional, apertada pelo Atlantico, desvia-se para o oriente, aguça-se gradualmente até o Cabo das Agulhas, onde se juntam as aguas de muitas correntes. O mar separa n'essa direcção as terras antarticas das que formam, para o norte, o seu prolongamento natural, o relevo euro-africano.

De norte ao sul, em um arco terrestre de 12 graus, os seus oito mil kilometros de comprimento não revelam uma uniformidade

morphologica, nem a sua maior largura, de sete mil e quinhentos kilometros, offerece tambem uma disposição que indique, na historia geogenica do continente, uma origem commum. O vasto triangulo africano parece feito de peças diversas, que as modificações architecturaes do planeta tivessem aproximado e ligado. Os trinta milhões de kilometros quadrados da sua superficie, de relevos os mais variados, com condições geologicas as mais extremas, são, talvez, o resultado da união de varios continentes ou de grandes massas lithosphericas que as oscillações do globo tivessem obrigado a aggregar-se.

Esta fragmentação primitiva traduz-se hoje pela diversidade com que se caracterizam as differentes zonas do Continente, pelo contraste entre as suas regiões naturaes, pela sua asymetria orographica singularmente notavel e ainda por outros caracteres que imprimem ao seu solo aspectos muito especiaes. Ao norte, uma facha obliqua, fortemente montanhosa, de 2800 kilometros de comprimento e de 300 na sua maior largura, que abrange Marrocos, Argelia, Tunis e uma parte do *Pequeno deserto sahariano*. Do Atlantico ao Mar Jonico, prolongando-se de um lado até quasi se juntar ás terras da Hespanha e do outro até a Sicilia, este fragmento actual da Africa forma o relevo meridional que, em edades geologicas, teria contribuido para encerrar entre cordilheiras toda a *bacia occi-dental* do Mediterraneo.

Entre o dorço do Atlas e as regiões baixas do Sudan, separando completamente o *sulco transversal da terra*, distincto por muitos caracteres, do immenso valle transversal da Africa, por onde se fez a passagem dos povos do oriente até a Nigricia occidental, o Sahara constitue um vasto plató, que se estende para o nordeste, até se encontrar, atravessando a Nubia, a Arabia, a Persia e o Afghanistan, com a região morta do Gobi e os desertos do Thibet. Semeado de *oasis* na sua parte septentrional, mostrando aqui e acolá pequenas *ilhas* de rochas primitivas e altas, como a indicar uma remotissima ligação entre o Fezzan e a Abyssinia, o *Pequeno deserto*, em successivos planos inclinados, e o *Grande deserto*, em planicies quasi uniformes, separaram tambem climas, flora, fauna, raças humanas, e permittem á Africa do norte condições especiaes que não se encontram do Sudan para o sul.

Segmentando o Continente de leste a oeste, um immenso sulco transversal, largo de centenas de kilometros, forma o Sudan, que se prolonga dos primeiros contrafortes occidentaes da Abyssinia e, em successivas depressões do solo, que mais fundamente se accen-

tuam perto de Khartum, no Tchad e em toda a rêde hydrographica do Chari, se encaminha até a região fortemente montanhosa do Kong e do Futa-Djallon. Esta larga e extensa facha do Continente, diversa do Sahará tanto pelos seus caracteres geomorphicos como pela composição geologica, é o primeiro segmento *propriamente africano* e foi a estrada primitiva mais concorrida do Continente.

E' ao sul do Sudan que a altitude da Africa começa a augmentar. Todo o vasto triangulo, que constitue a parte meridional do Continente, apresenta-se, pela sua conformação orographica como pela sua riqueza hydrographica, com caracteres tão particulares e tão distinctos que pode ser considerado homogeneo pela sua origem. Toda a sua facha oriental, da Erythrea até os confins meridionaes, áparte uma estreita nesga do litoral, offerece, em linhas mais ou menos sinuosas, fortes relevos de uma altitude consideravel, formando immensos planaltos, que descem bruscamente para o poente, para a immensa goteira longitudinal do Continente, onde se encontram o Nyassa, o Banguelo, o Moero, o Tanganika, os lagos Alberto e Alberto Eduardo, o Victoria e o lago Rodolfo. Esta disposição orographica, em cordilheiras quasi parallelas que traduzem uma formação geologica especial, imprime á hydrographia de toda esta zona caracteres peculiares, aos quaes faz excepção o valle do Zambeze, que divide o oriente africano em dois segmentos de grandeza e importancia differentes.

Das grandes altitudes do centro da Africa, d'onde saem o Congo, o Zambeze e o Nilo, o solo, em declives irregulares, desce para o Atlantico, forçando ao oriente o Zambeze a varias sinuosidades e os affluentes do Congo, ao occidente, a direcções mais ou menos de sencontradas. De sorte que todos os rios, pelos degraus que teem de vencer, apresentam, com frequencia, quedas d'agua e cataractas, que tornam difficil a sua navegação.

A disposição diversa das massas de montanhas a leste e a oeste imprime ao triangulo meridional africano uma significação absolutamente diversa da que se observa na parte septentrional do Continente. E d'essa conformação geral resulta que os *caminhos naturaes* da metade sul-africana não representam, com raras excepções, para as necessidades economicas e politicas da civilização moderna, estradas faceis, por onde possam caminhar os productos da mesma civilização, transformando o estado social dos povos que habitam as regiões dos tropicos.

• • •

Mas n'essa heterogeneidade morphologica que caracteriza a Africa pode-se determinar um certo numero de largas zonas geographicas, que constituem, cada uma no seu conjunto, uma região natural. Todo o valle do Nilo, de Khartum até o Delta, é um vasto *oasis* mantido pelas aguas que correm das montanhas da Abyssinia, dos grandes lagos do Continente e da immensa planicie da Africa central, onde se espalha o Bahr-el-Gazal. E' o Nilo quem permite a toda essa facha productiva, que corta o deserto do Sahará, a sua importancia actual e a elle se deve a historia do Egypto antigo. Nenhum monumento da brilhante civilização dos Pharaós, nenhum documento da architectura egypcia seria possivel, se o Nilo sem as suas cheias periodicas, não regasse e fertilizasse, a prazos certos, o vasto areal que se estende do Darfur e Kordo fanaté as margens do Mediterraneo. Em toda essa extensa nesga africana, nenhum relevo sombreia o rio, nenhum lhe quebra a monotonia. Do Cairo até o encontro da bifurcação do Nilo é sempre a mesma paisagem; o solo offerece uma ondulação uniforme e o rio desce, ora sereno e esguio, ora amplo e barrento, e as suas aguas, transpostas as ultimas quedas, espalham-se tranquillamente, enriquecendo os campos, pelos muitos braços que irrigam o Baixo Egypto. De um e outro lado do Nilo, planicies mortas, queimadas por um sol que faz vertigens.

Sempre a mesma vegetação e sempre, apesar de todas as transformações do extracto humano mandante no Egypto, o mesmo fellah scismador e paciente; fatalista e sofredor, rithmico nas suas esperanças e nos seus desalentos como periodico é o cres-

cer e o minguar das aguas que lhe trazem a fortuna ou a fome.

O valle inteiro do Nilo, a começar onde o Azul e o Branco se encontram, constitue uma *região natural*, inconfundivel, absolutamente diversa de qualquer das restantes zonas da Africa e sem igual em nenhuma das outras



COSTUMES EGYPCIOS

partes da terra. E', pelas suas ligações com o Mediterraneo, subsidiaria d'este mar. Toda a sua vida economica ha de sempre engrenar-se com as transformações e as lutas que as nações europêas promoverem n'aquella grande estrada do mundo. A sua politica ha de depender da politica mundial. O povo que n'elle dominar com o direito de mais

forte será também o povo que deverá guardar as chaves do Mediterraneo. Ladeando o Mar Vermelho, passagem difficil e apertada para o Oriente; á curta distancia da Pales-

Toda a antiga Ethiopia, como um bloco de granito dominando um rosario de altas montanhas, apresenta, ao contrario da zona irrigada pelo Nilo, um aspecto morphologico especial, que imprime aos povos, ás suas crenças e aos seus habitos caracteres absolutamente diversos.

Encontrando-se com o Mar Vermelho em arribas quasi a prumo, núas de vegetações aquecidas por um sol ardentissimo e pelos ventos que sopram da Arabia, as montanhas, em degraus bruscos e deseguaes, crescem tumultuosamente ao sul e ao oeste, e alargando-se, ramificando-se, em redemoinhos orographicos que não supportam uma classificação, espalham-se em um vasto triangulo que abrange a Abyssinia e a Somalilandia. Depois, em declives irregulares, mas com formas orographicas mais definidas, as montanhas aproximam-se em cordilheiras sensivelmente parallelas que, ora isolando-se, ora communicando-se, vão até o valle do Zambeze. Em toda esta nesga oriental da Africa, protegida a leste pelo Indico, limitada ao occidente pelo immenso sulco longitudinal que conserva os maiores lagos do Continente os valles correm na direcção do litoral, os rios que-

bram-se em quedas successivas e sob a fórma de torrentes perdem-se nos lagos ou dão origem, pela estreiteza e desigualdade dos valles parallelos, a vastissimos paúes sem profundidade notavel e sem saída para o mar. Este colossal systema de muralhas naturais, protegendo a Africa ao oriente, grava no modo de ser social e moral de todás as populações que vivem n'essas regiões uma feição caracteristica, um relevo especial, que as torna inconfundiveis com qualquer outro typo humano de qualquer parte do continente. Em opposição com o fellah scismador e paciente, que tudo espera do rhitmo da natureza que enche e empobrece o Nilo a espaços certos, os indigenas da Africa oriental, seja qual fôr o typo ethnico a que pertençam,



COSTUMES EGYPCIOS

tina e não muito longe da Anatolia, o valle do Nilo, bem guardado, bem policiado, é a sentinella que vigia as ambições extranhas, do Mediterraneo ao Mar das Indias. Arrasta do Centro da Africa o que elle fabrica de mais rico e permite a ligação dos interesses dos povos europêus com os das populações ainda primitivas que se encontram em volta dos lagos.

Pela uniformidade do seu solo, pela periodicidade das suas oscillações hydrographicas, toda a *região nilotica* tem uma individualidade propria e constitue, apesar da sua extensão, uma *região natural* cortando a vasta facha do globo que liga Thibet aos territorios desertos do Alto Niger e Alto Senegal.

offerecem qualidades de energia e de decisão que raro se observam nos povos que habitam as planícies africanas.

Da aspereza das montanhas receberam a dureza do caracter; da uniformidade da sua composição morphologica, a tendencia antiquissima da rebeldia, a permanencia das suas crenças, o vigor com que se defendem dos estrangeiros. São povos difficilmente dominaveis. As migrações orientaes as mais remotas, infiltrando nos indigenas primitivos o sangue de raças asiaticas, a pouco e pouco, lentamente, esse crusamento, por se ter dado entre raças affins, firmou-se e, depois de seculos de mistura, surgiu uma camada superior, semi-aristocratica e mandante, que dominou e prepondera ainda em toda a Africa oriental. Nos baluartes naturaes que as montanhas lhes facultam, na rudez das regiões em que se encontram, afora o seu genio audaz e soffredor, essas populações firmam com confiança a sua melhor defesa.

Não ha caminhos naturaes. Da costa ás zonas lacustres, do Mar das Indias até o immenso veio que segue do lago Stephanie ao Banguelo, vae-se em degraus irregulares e successivos. A sua altitude, a sua conformação orologica, a distribuição das suas pequenas rêdes hydrographicas, a natureza do seu solo em grande parte composto de rochas primitivas, a desigualdade dos seus valles e planícies, tudo concorre para que o conjuncto de tantos caracteres tome um aspecto, se não identico em todos os segmentos d'essa facha, pelo menos approximadamente igual. Se a Abyssinia, pela sua situação geographica offerece condições climicas que se afastam das da Africa oriental allemã, é certo que outros caracteres naturaes que indicámos, as ligações orographicas entre as duas zonas, favorecem ás populações vantagens eguaes que criam uma uniformidade de caracter social.

Da extensa zona dos lagos, os planaltos seguem para o oeste em curvas irregulares mas de aspereza menos accentuada do que na costa oriental. Ha vastas planícies, com água parada, como a facha que se prolonga do Arhuimi ao lago Alberto Eduardo; ha zonas immensas de curtos relevos, sombreadas aqui e acolá de montanhas em pequenos agrupamentos, como esse vasto triangulo do centro africano envolvido pela grande curva do Congo.

Desce-se para o occidente, até chegar ao Atlantico, em planos inclinados dispostos em direcções variadas que os affluentes do Congo revelam na sua marcha. Elles não soffrem como o Zambeze, ao sul da Angonia, o estrangulamento promovido pelos montes muito



COSTUMES EGYPCIOS

elevados de uma e outra margem pertencentes ao mesmo systema orographico. Os rios, até as cataractas que avizinham o porto belga de Matadi, correm serenamente, em declives não bruscos, e é só ao approximar-se

do Oceano, quando os montes que margina a costa occidental da Africa se oppõem á sua passagem, que o Congo, reunindo todas as suas aguas, investe contra a muralha que lhe impede o caminho e depois de transposto os obstaculos entre Stanley-Pool e Matadi, caminha com uma forte velocidade até se perder no mar, a dezenas de milhas da costa.

Quem compara a *região natural* de toda a vasta bacia hydrographica do Congo com a região egualmente bem definida, mas inteiramente diversa da Africa oriental, comprehende que o modo de ser das populações deve differir absolutamente nas duas grandes zonas do Continente. Ao aspecto rude e aspero da natureza, na face oriental, oppõem-se no occidente, regiões não fortemente accidentadas; a rês hydrographicas revoltas e pobres, uma immensa bacia irrigando vastissimos prados; a cordilheiras dispostas parallelamente ao veio longitudinal do Continente, montanhas entremeadas com depressões, menos fundas é certo do que no Sudan, mas regularmente reintrantes, de modo a permittirem facil communicação entre o Nilo e o Congo e entre este e as aguas do Chari.

E' em toda esta *região natural*, formada pelo Estado Independente do Congo, parte de Angola e do Congo francês, que vivem as *raças propriamente negras*. N'um ou n'outro ponto uma certa confusão com o sangue oriental, que as migrações anteriores á expansão europêa permittiam com frequencia; mas na maxima parte d'esta rês humana, com insignificantes invasões de typos extranhos, nota-se uma uniformidade ethnica, levemente retocada de pequenas variantes, naturaes em agrupamentos humanos d'esta grandeza.

As regiões *nilotica*, *oriental* e a *congolesa*, com os seus caracteres especiaes, offercem á immigração dos homens e capitaes europeus facilidades ou difficuldades as mais diversas. Um exame detido d'essas tres zonas africanas revela, com clareza, como a influencia britannica contemporanea, a exemplo da antiga civilização egypcia, entrou na facha-nitica, guiada pelo rio, pelas variações rithmicas das suas aguas; como vae sendo relativamente facil a exploração e a colonização do segmento congolês, e como é laboriosa e necessita uma intensa energia nos immigrants a dominação da facha oriental. Facil e simples o caminho do Alto Nilo; fertil e espaçosa a área irrigada pelo Congo; rude e escabrosa a subida dos degraus montanhosos que vão dar á grande fieira dos lagos. A natureza dos caminhos, se explica o estado actual das populações indigenas, indica tambem quaes as resistencias que a civilização tem a vencer e

como o problema colonial africano tem de se subordinar a essa diversidade dos terrenos.



Uma quarta *região natural* se pode precisar no continente africano. Do Bahr-el-Gazal para o norte, o Nilo corre no meio de um grande deserto, raro semeado de pequenos oasis. Porem entre aquelle affluente e a curva do historico rio onde se encontram as suas primeiras quedas d'agua, n'uma zona transversal, do Kordofan ao Chari e d'esta rês hydrographica até os primeiros contrafortes das montanhas do Kong e do Futa-Djallon, o Continente como que se deprime em centenas de kilometros, de Khartum ao Sokoto. Um esforço de torção, para o oriente, do triangulo meridional da Africa teria produzido, em grau muito menos intenso, um phenomeno semelhante ao que se observa na grande depressão do planeta que vae do Golfo Mexico até a Malasia, passando pelo Mediterraneo, Golfo Persico e Mar Vermelho.

E' a *região sudanica* absolutamente distincta do Sahara, e da qual se começa a subir aos immensos planaltos da Africa meridional. Kordofan, Darfur, Uadai, Baghirmi, Kanem, Sokoto, constituem uma larga estrada de passagem facil, o caminho mais curto e mais protegido a todas as invasões dos povos do oriente. Bordada a leste pelo Nilo, que se esquia de a irrigar; circumdada ao sul pelos affluentes superiores do Congo, como o Ubanguí e o Uellé; parada ao occidente pela conformação asymetrica dos systemas montanhosos que flanqueiam o Golfo da Guiné, o immenso valle transversal da Africa é uma zona onde a vegetação se mostra facil e rica. Em muitos pontos, inferior ou igual ao nivel do mar, dos 30 por cento das grandes depressões do Continente, pertence á referida região sudanica a maior parte d'ellas. Não possui rios caudalosos a fertilizal-a, mas recebe as aguas de um subsolo riquissimo; não tem relevos que ponham obstaculos nos caminhos; as planicies succedem-se, umas vezes por zonas desertas do lado do Sahara e outras por declives mais irregulares que chegam dos altos cumes da parte meridional do Continente.

O seu aspecto não se assemelha, no seu conjunto, a nenhuma das tres regiões que indicámos. Aqui e alem, como é natural supôr, a contiguidade das zonas morphologicamente diversas permite o arremedo de uma região affim. Tal no Kordofan, onde a feição sahariana é muito accentuada; tal no Chari, até proximo do Tchad, onde se não descortina differença sensivel com a conformação

característica dos terrenos da região congolosa.

Para definir precisamente, no ponto de vista que nos occupa, a metade meridional da Africa, falta-nos exprimir qual a feição geomorphica especial ao vertice do continente occupado pela Colonia do Cabo.

Pode-se dizer que o Cabo, o Natal, o Orange e o Transvaal constituem, na extremidade sul da região *natural oriental*, o *pendant* do que ao norte representa a Abyssinia. Os systemas de montanhas correm norte-sul

de meridional da Africa, com os systemas orographicos complicados da Abyssinia e os fortes relevos, ainda hoje mal conhecidos, do Kong e Futa-Djallon constituem, na morphologia geral da Africa, os tres centros de resistencia principaes, que um dia poderão esclarecer o problema da formação do continente. Esse extremo meridional do triangulo africano não poderá, a nosso ver, considerar-se uma região distincta. Apesar da sua situação em plena zona temperada e da sua disposição orographica, bem caracteristi-



A CIDADE DO CAIRO

até se acercarem da extremidade aguçada do Continente, e é só então que se desviam para o oeste, contorcendo-se de modo a levantarem em torno do litoral uma forte barreira ao conflicto com o mar. As tres ordens de cordilheiras transversaes do Cabo e os relevos transvaalianos na mesma direcção como que traduzem intimos obstaculos geologicos n'este movimento de propulsão para leste, de que o Cabo Guardafui foi a parte mais feliz. Effectivamente, a costa desvia-se, no extremo sul-africano, para o occidente, e esse desvio indica talvez as difficuldades soffridas pelo Continente n'esse movimento de propulsão oriental tão caracteristico nas duas Americas e na Asia.

O agrupamento montanhoso da extremi-

ca na Colonia do Cabo, é, no conjuncto dos seus caracteres, um prolongamento da facha oriental que descrevêmos.



Ao norte e oeste d'esta zona, prolongando-se do Alto Limpopo até o systema longitudinal das montanhas que bordam a oeste o continente, do Orange ao Congo extendem-se planicies improductivas, baixas, pequenos desertos comparaveis a fragmentos do Sahara. E' o Kalahari, a Bechuanlandia, parte da Grande Namaqua, da Damaralandia e do *hinterland* oriental da nossa colonia de Angola. Ao oeste, rodeiam esta *região natural* as grandes montanhas da colonia allemã; ao norte, é o encontro das regiões affins pelos

seus caracteres, do Congo e do Alto Zambeze; ao sul, na Griqualandia, está separada ainda, pelo Orange, dos desfiladeiros successivos que vão morrer no Cabo das Agulhas. Foi essa região o refugio das antigas raças africanas, e, ainda hoje, a área de protecção dos *typos ethnics* os mais primitivos do Continente.

Completamente differente pelos seus caracteres hypsometricos, de toda a facha Abyssinia-Transvaal; pobrissima de rêdes hydrographicas que a região congoleza possui; sem ser alimentada periodicamente pelo humus arrastado por uma forte corrente, como se observa na zona nilotica; sem nenhuma das qualidades culturaes do Sudan, o deserto de Kalahari, que muito ao oriente, na Australia, tem, em latitudes approximadas, o seu prolongamento geologico, constitue uma região com caracteres proprios, com uma individualidade distincta de qualquer dos outros segmentos africanos que temos indicado. É como uma immensa bacia, que o esforço conjugado das montanhas que a bordam tivesse deprimido, fazendo-a descer a profundidades grandes.

Este rapido esboço da topographia do triangulo sul-africano esclarece a feição especial a cada uma das suas partes. A geologia poderá talvez um dia explicar como o movimento de torção na direcção do movimento do nosso planeta teria contribuido para essa desigualdade flagrante entre os diversos fragmentos do solo. Sem nos demorarmos na investigação das causas, registemos unicamente o facto.

Ao noroeste do Continente, encontram-se ainda duas regiões igualmente bem definidas: a do Atlas, como uma muralha que partisse da Syrta até se ligar ás Canarias, e a da Senegambia, e Alta Guiné que vae terminar nos successivos planos inclinados que se prolongam com as planicies do Sudan.

A primeira d'estas regiões naturaes, com caracteres mediterraneos, isola-se facilmente do resto do Continente. Preserva-a d'esse contacto o Sahara, zona morta e de valor commercial insignificante. Limite meridional da bacia occidental do Mediterraneo, a sua população é diversa da do resto da Africa e as suas condições politicas teem por isso outro alcance e outro valor que não apresentam as regiões que foram mencionadas.

Para o sul, o Alto Niger e o Alto Senegal indicam bem como é irregular, polymorpha, a constituição do seu solo. Mas n'esse conjuncto irregular, n'esse aspecto revolto da alta região que defronta immediatamente com o Atlantico, ha a notar um nucleo central formado pelas grandes altitudes de Kong e Futa-Djallon, altitudes que, em quebradas tortuosas e deseguaes, chegam umas, intactas, até o Oceano, como na Serra Leôa e na Liberia, perdem-se outras em gargantas e saltos successivos, criando redemoinhos orographicos ainda mal definidos, como nos Camarões, na Adamaua e na Alta Nigricia, abaixando-se ainda outras, gradualmente, de um modo tão notavel, que os rios se vasam no mar em deltas pestilentos e instaveis.

Ha pois na Africa, como a denunciar o destino que deve pertencer a cada uma das suas zonas, *oito regiões naturaes* bem caracterisadas. Relevos orographicos, riqueza hydrographica, constituição morphologica do solo, separação facil e isolamento de algumas d'ellas, populações com caracteres ethno-sociaes diversos, tradições antigas peculiares, situação especial em presença dos oceanos, tudo concorre, dentro dos limites dos quadros em que dividimos o Continente, para que cada uma d'essas regiões tenha probabilidades de uma funcção historica que as questões actuaes da politica colonial contemporanea vão preparando lentamente.

A dominação europêa, n'essas regiões, valorisa-as de um modo differente. Mas desde os tempos primitivos, a começar das primeiras migrações recebidas da Europa e da Asia, a *personalidade* de cada uma d'ellas conservou-se sempre intacta e inalteravel. É porque as condições geographicas, resultado das causas internas, profundas, traduzem-se syntheticamente, sob uma forma coordenada. Entre o aspecto ethnico de uma zona e as qualidades que caracterisam o solo ha relações intimas, só apparentemente des-aggregaveis.

É nenhuma parte do globo melhor do que Africa, revela com mais nitidez, essa reunião de forças, essa troca de serviços, que estabelece a harmonia entre as vantagens que ao homem a terra offerece e a adaptação ao solo a que o homem se sujeita.

SILVA TELLES.





... Uma mulher lanchava sósinha na meza proxima ...

EPISODIO DE VIAGEM

CHAMAVA-SE Eduardo Travers. Quando lhe fui apresentado em Londres, elle era capitão de cavallaria do exercito da India, no goso dos seus seis mezes de licença. Encontramo-nos amiudadas vezes no *club*. Elle convalescia lentamente d'uma dolorosa entorse n'um pé, o que ainda o obrigava a coxear arrimando-se a uma grossa bengala, de castão dourado e burilado de complicados labores em estylo persa; eu estudava então descuidadamente um capitulo muito curioso da sociedade londrina, viajando no paiz dos *clubs*, na *clubland*, uma região característica que vae de Picadilly a Pall Mall, passando por St. James Street. Jantamos juntos algumas vezes, ouvindo attentamente um delicioso sextecto austriaco que n'um recanto da sala, meio occulto por enormes plantas ornamentaes sempre renovadas, executava valsas de Strauss. Verifiquei com segurança então a benefica e apregoada efficacia da musica sobre as digestões, sobretudo da musica ligeira, fortemente rythmada e vagamente expressiva d'aquelles encantadores movimentos de tres por quatro. Depois do jantar conversavamos longamente, eu por habito, elle por não poder andar. Bem edu-

cado, bem parecido, affavel de maneiras, trinta e quatro annos, espirito nem particularmente instruido, nem excessivamente culto, mas intelligencia reflexiva e bondoso de temperamento, foram as notas rapidas que sobre o character do esbelto capitão escrevi na minha carteira. Dias depois, accrescentei-as com as palavras do official das Horse Guards, Tom Garton, que m'o apresentara e a quem eu fazia o elogio do meu novo conhecimento:

— E' um excellente rapaz, na verdade. Muito affeçoadado á familia, adora as irmãs mais novas, embora possa estar separado d'ellas, em Bombaim, sem lhes sentir a falta. Dedicado aos amigos sem ter grande empenho de conviver com elles. Com respeito a amores, nunca lhe soube d'uma paixão, e conheço-o desde o collegio; supponho simplesmente que nunca lhe occorreu tal idéa; a vida tem-lhe sorrido, bastante agradável; para que complical-a com inexperimentadas, situações?

Uma noute, communiquei-lhe a tenção de partir para Liverpool, e despedindo-me, Travers interrompeu:

— Agradavel coincidencia, parto tambem

vou fazer uma viagem ; robustecer este pé, e bateu-lhe levemente com a ponta do inseparavel bastão. Ha navios que vão de Liverpool ao Mediterraneo. De Genova subo a Milão e aos Lagos Italianos, depois um passeio na Suissa e vou esperar ali por minha familia.

Os Travers iam para Engadine todos os mezes de agosto tão natural e invariavelmente como iam á igreja aos domingos. D'alli contava descer á costa e a tempo de tomar o paquete para Bombaim. Programma traçado era programma realizado para o character de Eduardo; era quasi uma obrigação imposta, como um dever a cumprir.

Partimos juntos no expresso de Liverpool e Tom Darton acompanhou-nos á estação, para se despedir do amigo. Um *good bye* expressivo, um *shake hands* mais communicativo, e cada um seguia o seu destino.



O *Arab* largava somente ás tres horas, portanto lanchamos ainda juntos no hotel. Pouco depois, Travers reparou n'uma senhora, simplesmente vestida, attitude reservada e serena, que lanchava sósinha na meza proxima. Causou-lhe viva impressão, e chamou para ella a minha attenção. Delicada e de apparencia abatida, mesmo um tanto insignificante á primeira vista,—trinta e tres a trinta e quatro, talvez—havia n'ella qualquer cousa de estranho no olhar velado e profundo que attrahia irresistivelmente.

— Parece-me que já a vi—dizia Travers; a phisionomia d'ella parece-me familiar. Quem será?— e pedia ao mesmo tempo costelletes de carneiro e um copo de clarete.

— Tem esse particular as phisionomias insignificantes; parecem-nos sempre conhecidas — objectei indifferente.

— Talvez assim seja, mas com certeza não posso aturar uma mulher que tome um ovo escalfado e uma chicara de chá no meio do dia, concluiu Travers, observando o que ella lanchava. E' deveras implicante.—Depois a conversação encaminhou-se para outros assumptos e a mulher solitaria ficou esquecida.

Separamo-nos, Travers para embarcar, eu para percorrer escriptorios e em verdade não contava encontrar outra vez o bello capitão de cavallaria, que iria para India; e esperava quando muito, ter d'elle noticias por alguma carta de Darton, a quem regularmente escrevia, se me lembrasse, falto de assumpto, de lhe perguntar pelo amigo. Mas, dois mezes depois, atravessava a Suissa em rapida digressão de recreio, chegava a Milão, e *via Mazoni*, junto do Grande Hotel, o acaso fazia-me topar com Travers em preparativos

de regresso á India, quasi a findar a sua licença. Dias depois, n'um passeio aos celebres jardins, assaltou-me á memoria a estranha e implicante mulher do *lunch* em Liverpool e fallei-lhe d'ella.

— Oh! meu amigo, dolorosa recordação! e Eduardo Travers callou-se.

A minha curiosidade aguçou-se, julguei descobrir n'aquella expressão alguma cousa de tragico n'esta eterna comedia da vida, e engenhosamente, com mil rodeios, insisti no assumpto, e obtive a narrativa que segue, tal como a encontro nos meus apontamentos escriptos á noute no Hotel, n'uma noute quente e limpida.



Quando Travers de pé, junto da amurada a bordo do *Arab*, seguia com a vista o caes, afastando-se já n'uma fusca distancia, viu outra vez a desconhecida do ovo escalfado. Era sua companheira de viagem. Estava inclinada sobre a amura do vapor, observando com uma ansiosa e alegre expressão — não estava mais ninguem em redor, e imaginava-se inobservada — a terra que ia desaparecendo. Travers sentiu-se novamente atrahido pelo fulgor estranho d'aquelles olhos, e como para fugir ao encanto deu uma volta rapida para se dirigir para outro ponto do convés. Infelizmente deu um geito ao pé torcido e cahiu. Soltou uma exclamação de dôr e de desespero, sendo desolador de vergonha, para um desembaraçado e esbelto capitão de cavallaria, ver-se cahido ridiculamente aos pés de uma mulher. Ella voltou-se subitamente, e estendeu-lhe a mão para o ajudar a levantar-se; porém foi desnecessario. Travers aprumava já a sua estatura altiva.

— Magoou-se— disse ella, — com certeza magoou-se. O som da voz era meio assustado, meio compadecido.

— Não foi nada— respondeu elle;— muito obrigado. Torci devéras o meu pé ha seis semanas, n'uma queda do cavallo no picadeiro, e devia ser mais cuidadoso.

— Devia de certo; uma torcedura leva muito tempo a curar. — A sua voz era funda e suave, d'aquella suavidade muito mansa que parece encaminhar-se direita ao coração; mas o pé ainda lhe doia, e ella bem o percebia.

— Sente-se um pouco n'essa cadeira de palha e descance, disse-lhe ella: está sofrendo muito. O chão está escorregadio. Deixe-se estar, que lhe vou buscar outra cadeira mais confortavel.

— Sem incommodo, minha senhora. Esta deve servir-me muito bem.

Ella ficou de pé ao lado d'elle.

— Fizeram-me, ha pouco, uma nova operação cirurgica, explicou; mas não está consolidada ainda; dá-me fraquezas subitas.

— Deve curar-se bem — aconselhou ainda compadecida — e facilmente agora o poderá fazer a bordo do vapor.

— Apenas vou até Genova. Tenciono seguir pelo St. Gothard e dar um passeio.

— Não lhe deve ser conveniente, — objectou ella, envolvendo-o n'um doce olhar convicto e expressivo. Os seus olhos eram pardos, fundos e limpidos, e aquelle olhar meio desconfiado da manhã, á mesa do *lunch*, tinha desaparecido.

— Por longo tempo não deve andar, — accrescentou; — não muito, pelo menos.

Havia n'ella um irresistivel magnetismo que elle sentia sem o perceber.

— E' um grande aborrecimento, — esta inopportuna entorse — confirmou Travers. Depois repentinamente perguntou:

— Acaso não estava hoje a lanchar no North Western?

— Sim, estava lá.

— Váe para longe por este vapor?

Ha algumas perguntas que, apesar de indiscretas, toda a gente se arroga o privilegio de fazer aos companheiros de viagem.

— Vou para Napoles.

— As laranjeiras devem estar em flôr; mas não é conveniente ficar lá muito tempo — é pouco saudavel.

— Vou mais para cima — A Posilippo — disse com reluctancia.

— Conheço Posilippo. Ha no alto um pequeno restaurante onde se vae almoçar, sabe.

— Sim? respondeu distraidamente. — Nunca estive lá. Voltou-se como quem queria descer á camara, depois hesitou, olhou ainda para trás, e disse-lhe — deve ter cuidado com o seu pé. Quer que lhe vá buscar uma bengala ou que lhe dê o braço para descer, se váe para baixo?

O seu modo affectava uma completa indiferença dentro d'aquella delicadeza; não mostrava desejo de prolongar a conversação, nem contrahir mais intimo conhecimento; talvez o contrario. Evidentemente cumpria apenas o dever christão em favor d'um estranho que soffria.

— Oh, muito obrigado, hei-de conseguir, logo descer, sem auxilio. Ella seguiu o seu passeio pelo convés vagarosamente.

Não parece ter mais de vinte oito annos quando falla, — pensou Travers. — Quem será? Provavelmente alguma menina errante — elle notara que não usava nenhuma alliança no terceiro dedo da mão esquerda — descon-

tente e inquieta, como são as mulheres da sua idade. Porém é galante.

Uma ou duas horas mais tarde, quando se ia sentar para jantar, a bordo do *Arab* viu com certo prazer intimo que o seu logar era proximo do d'ella.

— Vamos ser vizinhos por uma semana, a não ser que tenha empenho em que troque o logar por outro.

— Não tenho motivo algum para fazer semelhante objecção ao acaso das collocações — disse ella seriamente. Porque o havia de fazer?

Travers pensou que era sincera.

A bordo dos vapores, estabelecem-se ás vezes intimidades n'uma semana, entre pessoas que depois seguem o seu caminho, e geralmente não se tornam a vêr.

— Viaja muito?

— Tenho percorrido o mundo por aqui e por acolá! Sou militar, devo regressar á India em outubro — com licença até então. Calou-se, esperando que ella lhe dêsse alguma informação pessoal, mas nada disse. Travers reparou que ella tinha uma cabecita muito elegante, muito esculptura antiga, com cabellos castanhos sedosos cahindo-lhe sobre as orelhas, e muito simplesmente enrolados atrás. Os bellos olhos pardos tinham longas e negras pestanas a amortecer-lhe o brilho d'aço. E' muito singular esta mulher, reflectia Travers; á primeira vista parece insignificante, depois gradualmente váe-se descobrindo que ha n'ella alguma cousa de bello. Os seus encantos appareceram-lhe pouco a pouco, um a um, como as estrellas no crepusculo.

— Conhece algum dos nossos companheiros? perguntou unicamente para reatar conversação.

— Nenhum, — respondeu — e nem os quero conhecer, accrescentou quasi para si.

— A maior parte tornar-se-ha invisivel d'aqui até ámanhã. Talvez tambem lhe succeda o mesmo.

— Oh não! — respondeu com um leve estremecimento. — Não enjôo. Tenciono sentar-me no convés todo o tempo a respirar os quatro ventos.

— Soprando para longe os cuidados da vida, não é assim?

Uma subita e sombria idéa pareceu vibrar lhe nos olhos. — Sim, afastando-os todos para longe. Quem sabe se elles se afastarão?!

Parecia ter pouca vontade de conversar, e tanto mais Travers a apreciava. Odiava as pessoas que se agarram a um novo conhecimento, que tagarellam á mesa com os hospedes desconhecidos, que se demoram nos hoteis para attrahir a attenção. Zangára-se

comsigo proprio por diligenciar sondal-a, a sua bella desconhecida — já a considerava bella—e arguia-se de estar a forçar conversa, comquanto por impulso irresistivel não o podesse evitar.

Depois de acabado o jantar ella desappareceu. Cançado de fumar e do grupo de fumadores, foi experimentar se, com o apoio da sua bengala e na escuridão que o tornaria menos ridiculo, poderia conseguir arrastar o pé e dar algumas voltas no convés. Seria cuidadoso d'esta vez e não cahiria. Então viu-a, encostada outra vez ao parapeito. As luzes do salão inferior reflectiam mil manchas de luz movediça sobre as ondas que vinham quebrar-se mansamente contra o costado do paquete, e ouvia-se aquelle som especial, e estimulante do desejo de caminhar rapido, que produz o córte das aguas pela prôa do navio. Passou quasi perto d'ella e envergonhou-se de o ter feito. Ella sentiu os passos arrastados, olhou e reconheceu-o na meia obscuridade do convés.

— Não deveria estar a passear.—Está melhor do seu pé ?

— Vae indo muito bem, obrigado—só um pouco entorpecido.

Hesitou um instante, depois disse com certa reserva, a distancia— Póssó ir tambem vêr a vista do mar ?

Ella fez-lhe um signal de assentimento, e elle encostou-se tambem ao parapeito perto d'ella. Chocaram-se os olhares e quedaram-se por momentos silenciosos. Sentiu-se enleiado sem saber por que motivo, e perguntou-o a si proprio. Travers era um peccador insensivel, pensava comsigo proprio, trinta e quatro annos, com reminiscencias de muitas viagens, de muitas terras d'aguas, com o uso constante da sociedade: nunca na vida amára, ou pelo menos uma vez só e essa apenas durante um mez, quando tinha desenove annos, a bella e ingenua Dolly Ronaidson, que se rira d'elle e casara com um pastor anglicano. Habituára-se tambem ás conquistas faceis, de momento, das meninas e das viuvias levianas que viajam; prompto sempre a quebrar a monotonia de uma travessia pela fórnica que o outro sexo lhe quizesse corresponder. E todavia por um motivo que elle não podia definir, estava ali aquella pequena mulher desconhecida, com um rosto pallido e um par de bellos olhos, insinuando-se no seu espirito, e excitando não só a sua curiosidade, mas uma especie de interesse em escutal-a, desejo de estar perto d'ella, enleiado, hesitante, quasi romantico. Subito ella perguntou-lhe:

— Desejava que me dissesse o seu nome.

— Travers, respondeu immediatamente,— Eduardo Travers. Eu conheço o seu, accres-

centou. Ella estremeceu um pouco e olhou para elle, muito fixo e insistente olhar, com a respiração quasi suspensa.

— Henriqueta Williamson—vi na lista dos passageiros,—apressou-se em declarar.

— Ah !—e suspirou longamente.

— E viaja sósinha ?

— Sim, só.

— Ninguem, nem mesmo para a vêr partir hoje ?

— Ninguem. Diga-me, acaso é parente do celebre juiz Travers ?

— E' meu pae. Conhece-o ?

— Não ; mas vi-o em qualquer parte—não me lembra onde —concluiu depois de um momento de hesitação — Ouvi dizer que era um homem muito bondoso.

— Immensamente bondoso. Corta-se-lhe o coração quando tem de sentenciar alguém.

Em baixo no salão ao piano principiára a tocar-se uma aria allemã. Elle parou um momento para escutar. — Esta musica recorda-me cousas passadas. Chamamol-a em Simla, no regimento, o *Grande dia indiano*.

— E' de Herz, do meu Herz.

— Fez-me pensar no caso Waylet do anno passado.

Ella voltou-se rapida e olhou-o de novo fixamente.

— Porque ?—perguntou curiosa, d'aquella curiosidade que procura ordenar e impor-se.

— Meu pae estava julgando esse caso. Estavamos, eu e minha mãe, esperando em casa pelo veredicto, justamente antes do jantar—porque já era tarde quando acabou. Estavamos certos de que a mulher era culpada, seria condemnada e sabiamos o que sentiria meu pae por ter de a sentenciar. Elle tinha pena d'ella. Que cousa horrivel condemnar ao enforcamento, especialmente uma mulher !

— Mas o que tem—Herz, o meu Herz—que fazer com esse julgamento ? perguntou ella ; e enquanto fallava collocára os cotovelos sobre as grades de ferro da amura, e encostando o queixo nas mãos encruzadas olhava direita para o mar.

— Uma banda indiana estava-a tocando no largo quando chegou meu pae do tribunal, muito alegre. Tinha julgado a favor d'ella, absolvendo.

— Sim ?—A sua voz era serena como quem pouco interesse tivesse no assumpto.

— Porque elle disse-nos que mesmo que ella houvesse praticado o crime de matar o marido, o homem era tão bruto que o merecia. Creio que alguns jurados tambem pensaram da mesma sorte.

— Talvez tenha sido assim, accrescentou ella com a voz repassada de tristeza — geral-

mente poder-se-hia poupar o trabalho de sentenciar penalidades aos criminosos. Maior castigo é para elles o proprio crime do que qualquer outro que se possa inventar.

— Oh, minha senhora, não diga isso! — objectou Travers, educado no rigor disciplinar, inflexivel, aspero. E' preciso que haja leis que punam e tribunaes que applichem as penas.

Ella nada respondeu, e seguiu-se um silencio prolongado.

— Vae demorar-se muito tempo em Napoles? — perguntou Travers, como pretexto de mudar de conversação.

— Não sci.

— Vae ter com pessoas amigas?

— Vou procurar uma velha amiga de minha mãe — depois n'um repentino impulso de confidencia, — ella está em más circumstancias e tem lá uma casa de hospedes.

— Demora-se muito tempo?

— Não sei. Toda a minha vida talvez — ou só um dia. Eu desejava ter viajado muito — continuou. Quero vêr tudo no mundo. Parece-me que é o que devo fazer.

Havia decisão na sua voz; fallava como se tivesse esquecido de que estava ao pé de uma pessoa estranha.

— Tem razão — disse elle. Não me parece que eu me podesse contentar com uma pequena talhada de mundo.

Ella desencostou-se subito da amura, e deu alguns passos para se retirar;

— Vou para baixo — confirmou — já é tempo.

— Tem acaso um bom camarote?

— Sim, uma senhora que parece bastante socegada occupa o outro beliche. — Parou, enquanto fallava, olhou em redor como para as sombras que escureciam o convés.

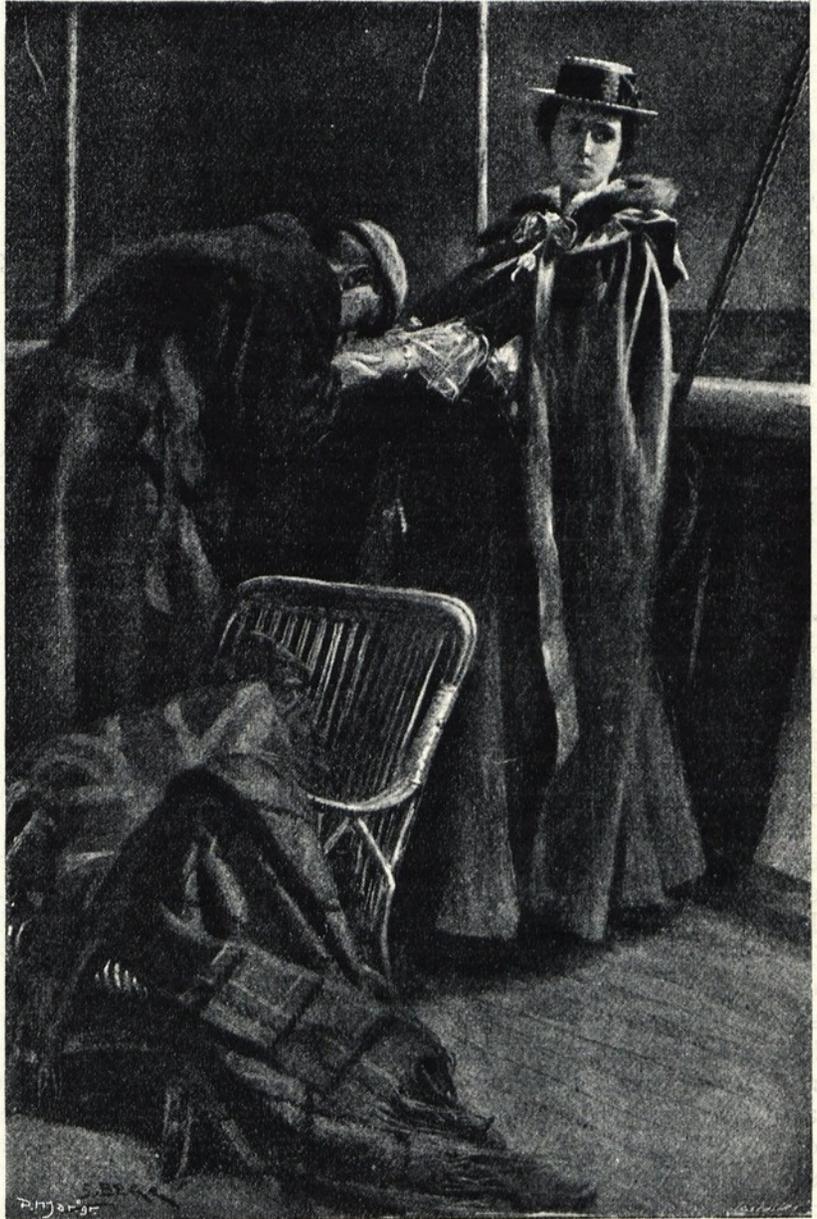
— Preferivel comtudo não ter ninguem, não é assim?

— Oh, não! — respondeu com um certo es-

tremecimento. — Detesto estar só. — Depois desapareceu vagarosa na sombra. Travers, vivamente interessado e curioso, sentia que havia um mysterio na vida d'aquella mulher.

• • •

Dez dias depois do *Arab* ter lutado atra-



... E beijava-lhe as mãos longamente ...

vés da bahia de Biscaia para entrar em mares mais calmos, de ter mettido carvão em Gibraltar, e de se ter afadigado no traçoieiro golfo de Lyon, achava-se a poucas horas de Genova. Parecia a Eduardo Travers que vivêra annos desde que deixára Liverpool — annos longos, agradaveis e sonhadores. Miss Williamson dera provas de ser um excellente marinheiro, como elle, e assim tinham sido quasi inseparaveis. A sua convivência fôra em

regra silenciosa; nem um nem outro eram falladores; porém qualquer d'elles, instinctivamente, quasi inconscientemente, procurava o outro, se o acaso os separava por algumas horas. Durante os dias de temporal rijo, quando todos os outros passageiros se tornaram invisiveis, elles continuaram sentados no salão, lendo geralmente, porém dirigindo de vez em quando um olhar ou uma palavra; até que fosse possível trepar para o convés. E assim andavam juntos em quanto o vapor ia sulcando as aguas. Gradualmente o tempo tornou-se de velludo, e a felicidade parecia deslizar-se-lhes suavemente — assim o sentia elle pelo menos. Para ella era diferente. O trepidar do helice da machina, a serenidade das vagas onduladas, a apparição d'um barco a distancia, na isolada vastidão indefinida do mar e do céu, o convés comprido, o toldo branco que se acabára de estender sobre elle, a esplendida manhã quando vira Gibraltar e ao longe as margens fuscas d'Africa, todas estas cousas lhe passavam dos sentidos para o coração e como que lhe suspendiam o viver da alma. Não volvia o pensamento em recordações ou em sonhos do futuro, apenas ousava viver, e era bastante. Travers achára-a difficil e vacillante, comquanto agora já lhe permittisse sentar-se ao lado d'ella no convés, ou no salão, tão naturalmente como tomára o logar á meza do jantar, e a pouco e pouco ella já o esperava e observava. Os restantes passageiros estiveram invisiveis, quasi todos, até a noite em que se avistaram os faroes do porto de Lisboa. Os dois, que casualmente se haviam encontrado pela primeira vez no hotel em Liverpool, parecia terem herdado o mundo. Travers reconheceu perfeitamente que estava enamorado da bella desconhecida Williamson; e as suas famosas linhas de defesa, que longos annos levára a construir com a experiencia da vida, estavam arrasadas. Tinha avidéz, desejo ardente de saber mais alguma cousa d'ella, do seu passado, de a despertar do sonho meio tristonho que por vezes lhe anuviava o olhar, de a encaminhar para a felicidade que elle imaginára poder offerecer-lhe; sentia sêde de saber tudo d'ella, e mais ainda, de lhe ver os olhos pardos, aquelles estranhos olhos mysteriosos, illuminados de amor, e de amor por elle!

— Com a breca! — pensava comsigo. Tenho vivido o sufficiente para que haja, na minha cabeça, alguns cabellos brancos, e por causa de uma mulher não tenho pregado olho em dez dias. Estou idiota sem duvida! Mas em verdade nunca vi ninguem parecido com esta mulher. Se pudesse conseguir que ella se importasse comigo, que bella vida lhe

daria na India! — Já resolvêra não desembarcar em Genova. Recordara-se de que não tinha visto Napoles, havia quatro annos, e portanto seria uma bella idéa seguir viagem até lá; além d'isto, ella tinha-lhe dito, que seria melhor para o seu pé, que ia melhorando: uns dias mais far-lhe-hia grande differença.

— Parece que nos conhecemos já de longos annos — disse-lhe Travers n'aquella noite, enquanto estavam sentados nas cadeiras do convés. O barometro oscillara; havia pronuncios de phosphorescencia no mar; o ar brando e quente, quasi a briza da Italia.

— Amanhã estaremos em Genova. Deviamos desembarcar por um pouco de tempo. Se me permittisse, gostaria de lhe mostrar o Palacio Vermelho.

— Tenho pena de voltar outra vez á terra, — disse ella — Desejaria ficar a bordo para sempre — e todavia queria vêr tudo.

— Como?

— Oh, não sei, respondeu sorrindo.

Elle sabia tanto da vida d'ella como no primeiro dia em que se encontraram. Escutara tudo quanto Travers dissera a seu proprio respeito, porém nada lhe contara da sua existencia.

— Talvez tivesse familia que não quizesse abandonar n'essa viagem ininterrupta e sohnada?

— Sim, tinha — e hesitou; depois continuou: — Eramos muitos em casa, sendo eu a mais velha. Não eramos ricos e não tive ensejo de viajar. Tinha de educar minhas irmãs mais novas; de lhes ensinar o francez, de lhes fazer tocar as escalas, até os meus desoito annos. Isto passou-se ha dez annos; pareço-lhe já velha e feia, porém tenho apenas vinte e oito annos.

— Não deixou agora a casa de seus paes?

— Deixei-a quando tinha desenove annos — porém nunca tive felicidade, — nunca, na minha vida — e tanto a ambicionava. — Depois, com uma estranha vibração na voz, continuou:

— O senhor fallou-me em outra noute do caso Waylett; aquelle que seu pae julgou — lembra-se? Conheci essa mulher, fui muito intima d'ella, e tenho desejado a felicidade exactamente como ella a desejava.

— Conheceu-a? perguntou Travers surprehendido.

— Sim, conheci-a muito bem.

— Então deve saber se ella praticou o crime?

— Não lhe sei ou não lhe posso dizer; porém sei que ella casou por deferencia e conveniencia, e sei que elle a tratava vèrgonhosamente, e se tornara um empecilho de felici-

cidade. Fazia-lhe sentir duramente a pobreza donde a tirára. Demais era um avaro incorregível e asqueroso. O mundo ficou talvez um pouco melhor sem semelhante homem. Se ella o matou, perdeu a sua alma praticando uma acção recta, e foi a desesperada fome de felicidade que a levou ao crime, se acaso o fez.

— Lembra-se que o caso foi muito discutido na India. Os jornaes dessecaram a complexa psychologia d'essa mulher, a narrativa foi minuciosa; mas o que não pude comprehender d'ella foi que, depois de ter sido absolvida e livre, serenamente abrisse e tornasse publico o testamento do marido morto e guardasse o dinheiro d'elle. Não poderia ter sido tão mau como se affirmara, logo que lhe deixara tudo quanto possuia, uma bella fortuna.

— Não a podia levar comsigo para o outro mundo — replicou asperamente.

— Sabe o que é feito d'ella?

— Desappareceu. Supponho que será para sempre uma desterrada na sociedade.

— Pois bem, criminosa ou não, certo é que não conquistou a felicidade, a que o marido era empedimento.

— Ninguem a conquista; sómente a procura.

— Santo Deus! — disse Travers com repentina emoção — que cousa horrivel será essa mulher!

— Comtudo ha tantas cousas horriveis n'este mundo — concluiu ella com tristeza.

— Deve ter soffrido muito para fallar do modo como tem feito esta noute.

— Talvez.

— Em todo o caso, não terá sido tanto como a mulher de Waylett — se ella está culpada. Quero dizer, não terá nada no seu espirito... — interrogava curioso Travers.

— Não — disse ella; — supponho que não. De certo que nada tenho feito, que não tornasse a fazer; com quanto esteja convencida que todos nós fazemos cousas de que nos arrependemos. — Ella olhava então por sobre o hombro, d'um modo particular que a caracterisava, como quem sentisse alguém do lado que a chamasse.

— Mas ás vezes praticamos actos tão desesperados com a mira na felicidade, que apenas servem para perder a possibilidade de a obter, — e continuou quasi em segredo:

Somos como os escravos que tentam um esforço supremo e arrojado para conquistar a liberdade e surpresos na fuga conseguem somente augmentar o rigor da sua escravidão.

— Porque não falla em outra cousa senão

na felicidade? — disse elle repentinamente. Diga-me já amou alguém?

— Não, — disse em voz baixa; nunca amei ninguem — hesitou, quasi ia dizendo — antes — e escolhia as suas palavras cuidadosamente — da maneira como quer dizer — em toda a minha vida. Talvez seja esta realmente a tragedia d'ella.

— Não confia em mim, então? — instou Travers. — Apenas nos conhecemos ha alguns dias, porém contamos n'elles annos. Sinto por si o que nunca senti por nenhuma mulher; mas, quando a procuro nos meus pensamentos, é sempre no desconhecido ou na sombra...

— Na sombra, — repetiu Henriqueta.

— Diga-me alguma cousa de si, — instou apaixonado.

Ergueu-se e levantou-a delicadamente da cadeira, e passando-lhe o braço em volta da cintura encaminhou-a pouco a pouco, meigamente para a extremidade do convés. Estava escuro, ninguem os podia vêr: o convés estava deserto, ninguem os podia ouvir. — Confie-me toda a sua vida. Diga-me se posso pensar em si, se poderá algum dia pensar em mim. Ha tão pouco tempo que nos encontramos, comtudo não somos estranhos um para o outro. Sinto como se tivéssemos partido das extremidades oppostas do mundo para nos encontrarmos.

Involuntariamente, ella aconchegou-se a Travers, pesando sobre o braço, n'um terno abandono.

— Amo-a. — Juro que a amo.

E, docemente enlevados no encanto das confidencias intimas, se quedaram alheados do mundo até que repentinamente, através da escuridão do convés, sentiram passos, que se approximavam. Era o capitão.

— Noute escura, — disse alegremente o capitão; — nem parece que já estamos para chegar a Genova de manhã, não é verdade!

— A que horas entramos?

— Pelas sete, espero, e sahiremos de tarde. Apenas um dia ali — e retirou-se.

— Um grande, e bom dia, — disse Travers, dirigindo-se para Henriqueta. Porém ella afastou-o.

— Não posso! — disse — Não posso. Deixe-me ir. Amanhã comprehenderá. — Elle segurava-lhe as mãos que ella procurava retirar e beijava-lh'as longamente. — Quero dizer-lhe ainda uma vez — continuou suffocada — nunca amei ninguem *antes*, em toda a minha vida; e libertando-se n'um momento desapareceu apressada, atravessando o convés, integrando-se na sombra...

Manhã humida e encinzeirada: a belleza de Genova escondida pela neblina e pela chuva. Travers, deitado no seu camarote, pensava — Italia e chuva! Não vou para cima enquanto não tocar a campainha. Talvez levante o tempo dentro de horas; nada podemos fazer a chover a cantaros. Sentiu passos e fallas em cima; alguém que ia a terra — provavelmente gente do vapor, para compras. Percebeu bem o ruido de um escaler que desamarrava, depois o patinhar dos remos. Deixou-se ficar repousado, curioso de saber o que ella lhe diria quando se encontrassem.

Eram nove horas quando se levantou. A campainha do almoço tinha tocado. Vestiu-se lesto, como bom militar; porém, antes de ter acabado de se vestir, alguém bateu á porta do camarote—o criado com uma carta.

—A senhora Williamson deu-m'a esta manhã para entregar á hora do almoço. Ella mudou de tenção; não seguiu para Napoles, e foi levada para terra com a sua bagagem; disse que ia pelo comboio para qualquer outro ponto.

Travers tomou a carta sem pronunciar palavra. Fechou a porta e ficou a olhar espantado para o papel, escutando os passos do criado que se afastava ao longo do corredor dos camarotes; soavam-lhe como o declinar da vida. Depois abriu vagarosamente o sobre-scripto. Continha um pequeno bocado d'um jornal dobrado e umas linhas que elle leu n'um relancear:

«Disse-lhe hontem, á noute, que estava

em pé nos degraus das portas abertas do céu; agora estou-as fechando sobre mim para sempre. Adeus».

Estupefacto, Travers desdobrou o bocado de jornal. Era evidentemente um retrato cortado de Henriqueta Williamson, muito mal reproduzido, mas innegavel. Em baixo d'elle impressas as palavras: — Waylett, accusada de ter assassinado o marido. — Na margem a lapis, estava a data de um anno antes e as palavras: — *Eu matei-o* — da mesma lettra da carta.

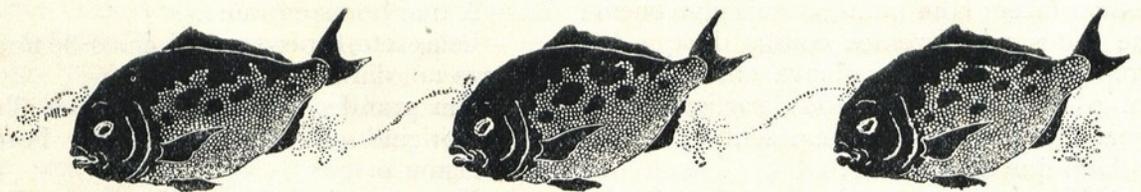
Olhou em volta por momentos atordido. Depois recordou-se dos seus beijos e dos braços d'ella — como elles se haviam entrelaçado, unindo-se cada vez mais ao seu pescoço, e sentiu um calefrio pela espinha, uma angustia no coração.

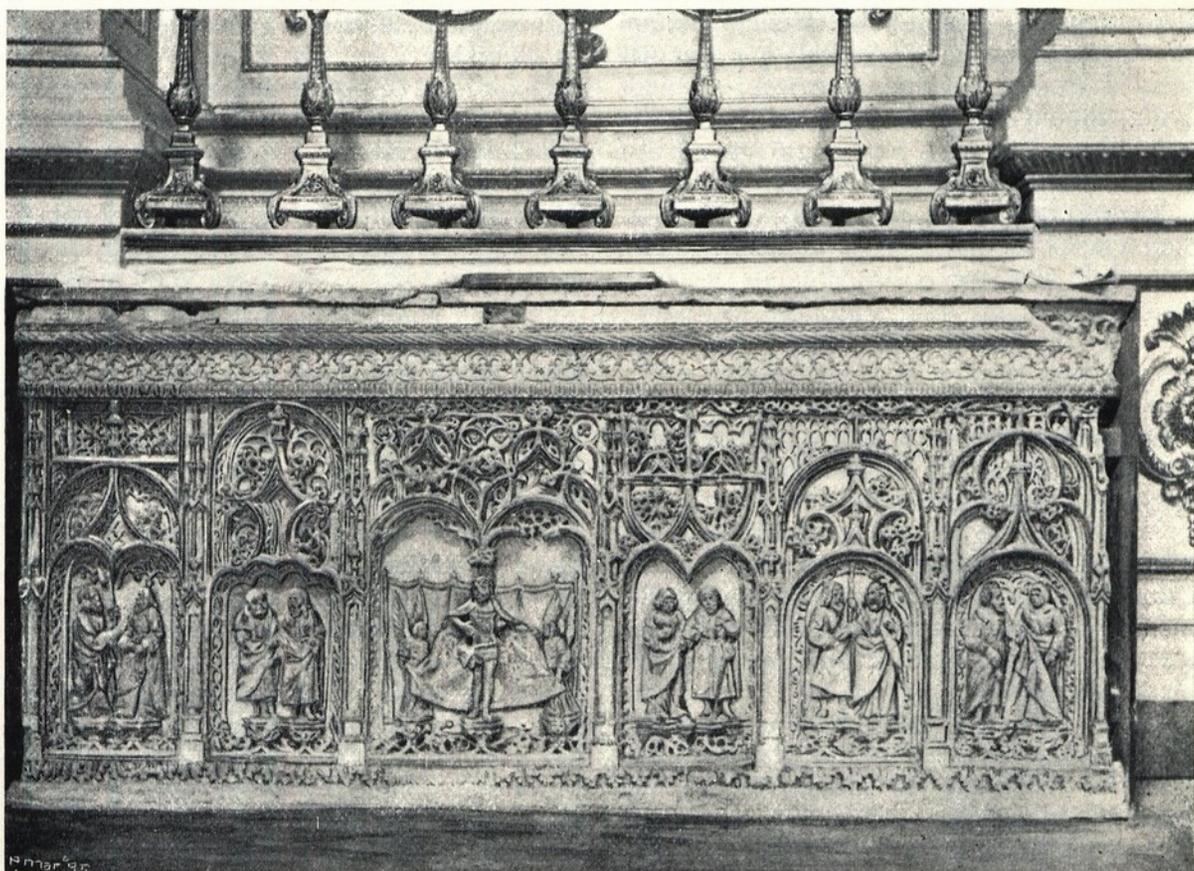
O criado reapareceu.

— Peço perdão, senhor, mas quer que lhe traga o almoço?

— Não, não, eu já lá vou.—Procurou uma caixa de fosforos, e accendendo um, pegou fogo á carta e ao bocado do jornal. Viu-os queimar e desaparecer lentamente. Depois juntou as cinzas, e deitou-as ao mar, pela vigia do camarote.

— Nem olhei para ellas — disse-me elle ao findar a sua narrativa no *giardino* de Milão — nem soube a direcção para onde o vento as dispersou. Todavia ainda vejo aquelles olhos pardos, de longas pestanas pretas, limpidos, a fitarem-me mysteriosos, d'uma ineffavel expressão.





FRONTAL DE ALTAR

NA SÉ DE BRAGA

PARA a formação do inventario da nossa riqueza artistica, cumpre exhumar do obscuro e injusto esquecimento para o ruido da publicidade vulgarizadora muitas preciosidades dispersas pelo paiz e que desde longe permanecem torpemente desprezadas ou ignoradas. D'esta forma archivar-se-ha lento e lento todo o material indispensavel, embora secundario, que um obreiro possante e arrojado possa desejar no futuro para a construcção integral do grandioso monumento da Historia da Arte em Portugal.

Plenamente crentes na temeraria realizacção d'essa Obra perduravel folgamos em contribuir para ella com o modesto e humilde grão d'area.

Da serie indefinida dos prelados bracharenses apenas um pequeno numero merece o justo reconhecimento da posteridade, já pelo brilho fulgente das suas nobilissimas virtudes, já pela alta benemerencia dos seus emprehendimentos generosos.

D'este punhado de mitrados eleitos, um

houve todavia, que se distinguiu com raro destaque e cujo nome é extremamente grato rememorar: — D. Diogo de Sousa. Elevado á dignidade primaz na época (1505) de mais extranha gloria, infelizmente insubsistente e ephemera, que a historia nos registra, e sendo elle, por assim dizer, um producto das circumstancias do seu tempo não podia ficar indifferente a esse singular desvairamento de grandezas, que estonteadamente avassallou este povo de heroes.

Alliando uma opulenta magnanimidade á robusta sinceridade da crença dotou, a cidade dos arcebispos com os mais sumptuosos edificios religiosos, além d'outras dadivas, que o execravel camartello *reformador* do seculo XVIII houve por bem aniquilar com uma brutalidade incomprehensivel. Ás magnificencias da architectura additou faustosamente inestimaveis maravilhas de ourivesaria, joialharia e esculptura.

O espirito d'este grande homem, bem como o d'outros collegas coevos, parecia dominarse obstinadamente por este principio de todo o ponto exacto: fazer triumphar a religião

pelo luminoso deslumbramento da Arte! Do seu riquissimo patrimonio artistico restam alguns despojos na Cathedral, que durante seculos esteve a saque, e em que a mais ávida rapina deu mãos ao mais estúpido vandalismo.

Amargamente o relembramos.

Tudo o que existe é conhecido do publico com excepção d'uma peça notabilissima: o frontal do altar-mór.

⊙

Na intensa dedicação, que D. Diogo de Sousa assiduamente tributou á religião de que foi pastor distincto, ha que especializar a sua profunda hyperdulia.

Da manifestação pomposa d'este culto affectuoso e ardente derivou, entre outras consagrações, o celebre retabulo da capella-mór, considerado por todos os escriptores, que a elle se referiram, como *o melhor de todas as Hespanhas*.

Certo que esta apreciação é excessivamente apaixonada e, portanto, suspeita e inaceitavel, revelando ao mesmo tempo uma ingenua ignorancia.

A avaliar, porém, pelos vestigios sobreviventes devia ser um dos trabalhos capitaes da Renascença portugueza.

Lamentavel é pois que as referencias dos chronistas sejam tão parcimoniosas e mesquinhas, que não nos permittam reconstituir, pelo menos mentalmente, essa esplendida composição de radiante apothese á Mãe de Deus, alem de imperdoavelmente injustas por não transmittirem o nome do privilegiado artista, que conseguiu vivificar a pedra com a mais nobre inspiração do seu talento e com a mais firme convicção da sua fé. E a admiravel producção do esculptor ignorado, a quem se prende a nossa mais viva sympathia e respeitosa admiração, foi ignominiosamente demolida pelo archiepiscopal iconoclasta, que se chamou D. Gaspar de Bragança!

A' delirante vesania de furiosa destruição, que acommetteu sua alteza serenissima, escapou apenas o lindo frontal, que apesar de mutilado e incompleto, é uma das maiores preciosidades, que possui a cidade de Braga —actualmente d'uma penuria miseranda em archeologia artistica.

O calcareo d'Ançã de que é formado pode dar logar á presumpção d'uma vaga conjectura sobre a sua procedencia pela interferencia do cinzel eximio d'algun mestre da escola esculptural de Coimbra. Mas, no campo indeciso das hypotheses, pode tambem attribuir-se aos *Biscaios*, encarregados pelo insigne arcebispo das renovações a introduzir

na vetustez da sua Sé e que n'ella deixaram perennemente expostos os elevados credits do seu valor.

O que sabemos de positivo e indiscutivel é que foi esculpido o soberbo retabulo nos principios do seculo XVI, quando o espirito do povo portuguez assimilava os principios fundamentaes do estylo gothico para substituir essa esthetica, que se extinguiu, por outra de mais tocante expressão e de mais imprevisada originalidade, assignalando com um relevo inconfundivel uma phase brilhante na evolução da Arte.

Pertence pois o referido frontal ao estylo *manuelino*, embora se divisem uns ligeiros caracteristicos do gothico expirante, que denunciam o periodo da transição.

D'uma sentida concepção, cheia de harmonia, equilibrio e vida, e d'uma graciosa estrutura architectonica na elegancia suprema das linhas e na ostentosa riqueza decorral, este magnifico baixo-relevo compunha-se originariamente de sete formosos ediculos sendo-lhe eliminado o extremo do Evangelho, com muita probabilidade, no tempo do proprio D. Diogo de Sousa, visto que se lhe ajusta com precisão o riquissimo frontal de seda, bordado a matiz e copiosamente alastrado d'oiro, que o monarcha Venturoso offereceu ao egregio primaz.

Não atinamos com razões, que justifiquem esta sevicia.

No ediculo central ergue-se a imagem de Christo resurgindo, com a cabeça cingida pela corôa d'espinhos e com o sudario pendente dos hombros em forma de manto, que dois anjos reverentes lateralmente apartam de leve para deixar ver a divina anatomia n'uma radiosa plenitude.

Nos lateraes encasam-se admiravelmente os apóstolos aos pares, pousando sobre misulas d'um fino rendilhado e sendo os logares d'honra occupados, á direita, por S. Pedro e S. Paulo: este de barbas longas e grandes cabellos, aquelle de calva veneranda e com as chaves do céu; á esquerda por S. Thiago e S. João: este de rosto juvenil que uma farta cabelleira emoldura, aquelle de bordão e traje de romeiro.

Cada grupo discorre confidencialmente sobre os estupendos successos desde a tragedia cruciante do Calvario, ou sobre os transcendentos ensinamentos do Mestre, e um ou outro dos personagens trava do braço do seu interlocutor a chamar-lhe a attenção para a sua convicta affirmativa, ou para a grave importancia do facto a revelar.

O modulo, a attitude, a expressão e a mimica de todas as figuras são d'uma justeza e d'uma correcção admiraveis.

Em remate ornamental sobre a airosa arcatura de cada um dos nichos, divididos entre si por esbeltas pilastras, a pedra recorta-se fundo com perfeição geometrica n'uma ascendencia caprichosa e abundante de linhas diversas que se entrelaçam ou sobrepõem, afastam ou convergem, recamando-se de finos bordados, ou terminando n'uma exquisita florescencia de labores subtis do mais apreciavel encanto pela inexcedivel tenuidade do seu burilado.

A imperturbavel firmeza do traço, auxiliada pela suave maleabilidade do calcareo, e a opulenta prodigalidade do *decor* evidenciam bem as excellentes aptidões technicas e a poderosa exuberancia imaginativa do artista que modelou e lavrou o formosissimo frontal, que é sem duvida uma das mais valiosas joias do defraudado espolio da arte portugueza.

Todavia isto não obsta ao lastimoso desco-

nhecimento em que jaz, porque os maus fados que atrozmente o perseguiram desde a nascença, depois de o terem truncado primeiro e despedaçarem mais tarde a parte principal, occultaram por fim o resto com um ignobil tapamento de madeira!

Cumprê expor á admiracão do publico esta preciosissima peça esculptural, que lhe é tão barbaramente sequestrada. Urge desentaiPAL-a, defendendo-a depois com os necessarios resguardos para que a sua conservacão não fique comprometida.

Ao cabido que seja conscio dos seus deveres compete realizar tão louvavel tarefa, com a dispensa d'algumas minguadas migalhas dos seus redditos, praticando assim um acto exemplar de dedicado civismo com que muito se nobilitará.

Eis o que se nos offerece dizer sobre este bello thesouro escondido, cuja gravura supre as deficiencias da escripta.

Fevereiro de 1903.

MANUEL MONTEIRO.



A Architectura

da Renascença

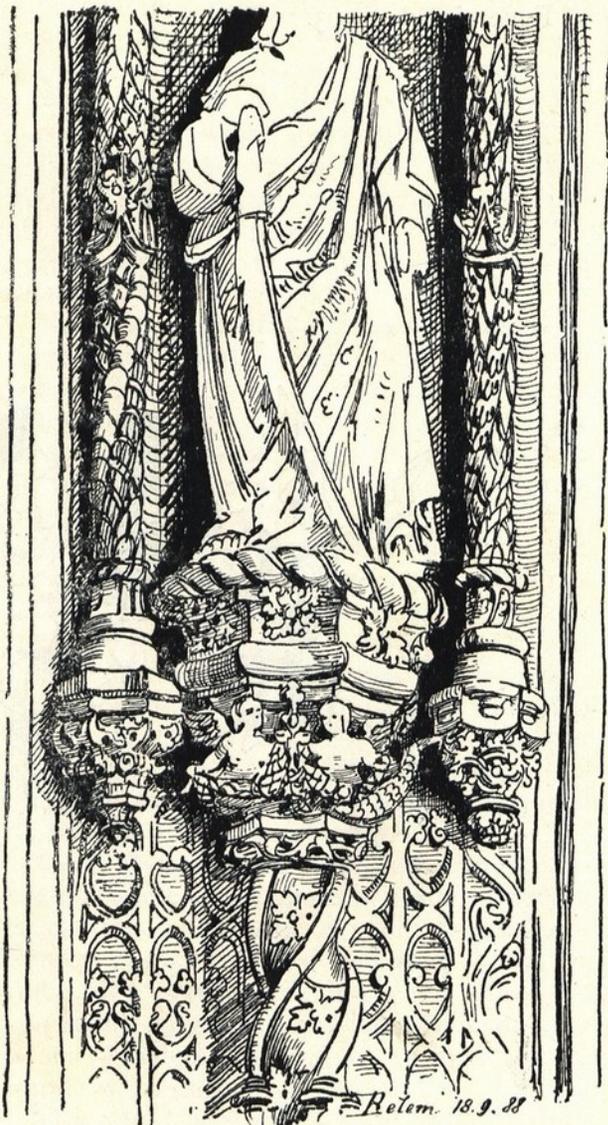
em Portugal POR ALBRECHT HAUPT

Mosteiro de Santa Maria de Belem. Portal e claustros. Refeitório e capella dos Jeronymos.

O EFEITO do interior impõe-se pela belleza e pela largura, especialmente na nave transversal; a architectura interna é comparativamente simples, com excepção das abobadas ricamente construídas, cujos fechos são decorados com corôas de bronze e outras ornamentações, e dos pilares que debaixo até acima se recobrem de soberbos ornatos por entre finos bastões; as paredes são construídas de enxelharia e sómente as aberturas das capellas e do côro são moldadas em architectura pujantemente desenvolvida em grupos de columnas torsas e recamadas de escamas. Adornam tambem a entrada do côro dois pulpitos, repousando sobre magnificos cachorros e supportes.

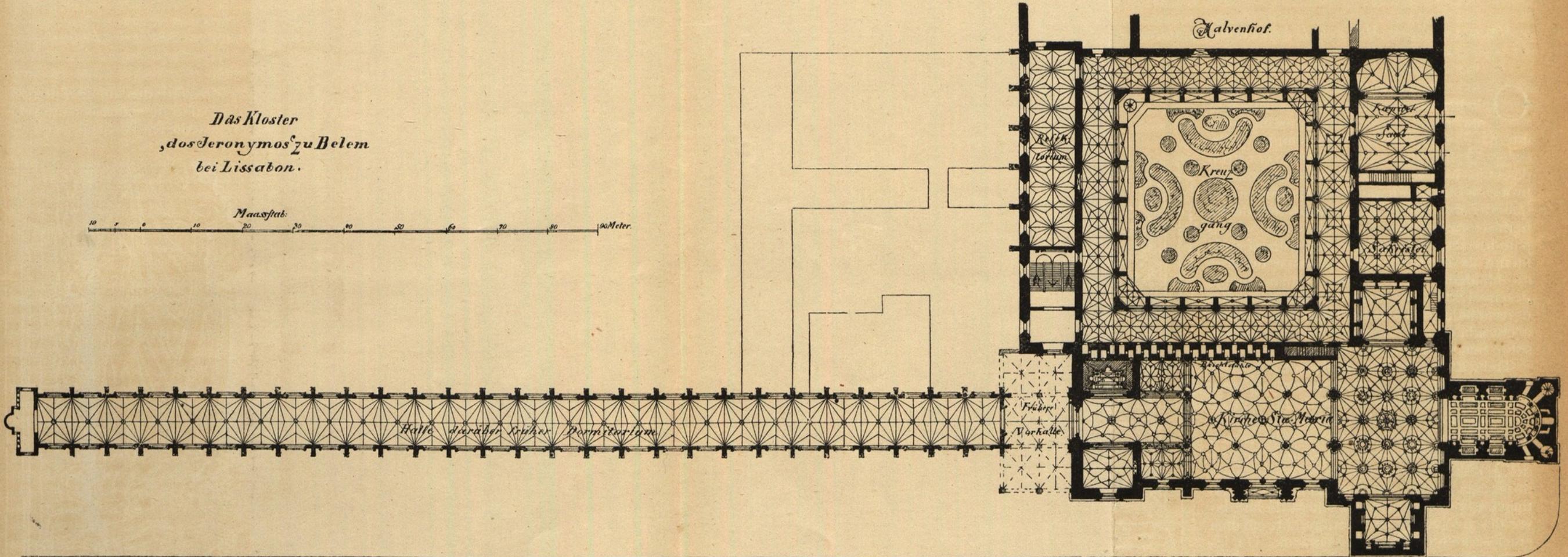
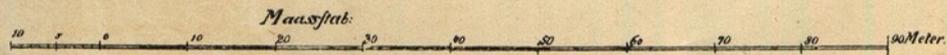
Toda a parede do lado do norte da nave é interrompida por confessionarios que teem a estranha disposição de se comporem de duas camaras, uma das quaes tem entrada pelo claustro e outra pela nave da igreja. Ambas são ligadas por uma janella de grades. D'estes confessionarios existem ainda doze, cujas portas do lado da igreja se distinguem por um arco em sanéfa de fino lavor desenvolvendo-se superiormente em uma graciosa architectura de tabernaculo. Do lado occidental da igreja parece ter hayido intenção de construir duas torres, uma das quaes está feita, baixa, terminando em fórma octogona, e coberta por um telhado cónico. Recentemente este telhado foi substituido infelizmente por uma feia cupula moderna. As bases das duas torres avançam para o interior da igreja e conteem, no nivel terreo, cada uma a sua capella ricamente abobadada. A galeria de pedra entre as torres (cujo parapeito está infelizmente restaurado) avança tambem na igreja por uma arcada, de maneira que ha ainda duas outras capellas além das já mencionadas sob as tor-

res. A galeria do côro dos monges tem o mais soberbo trabalho de cadeiras em estylo de renascença existente em Portugal, as quaes



D'um portal do mosteiro dos Jeronymos

Das Kloster
 dos Jeronymos zu Belem
 bei Lissabon.

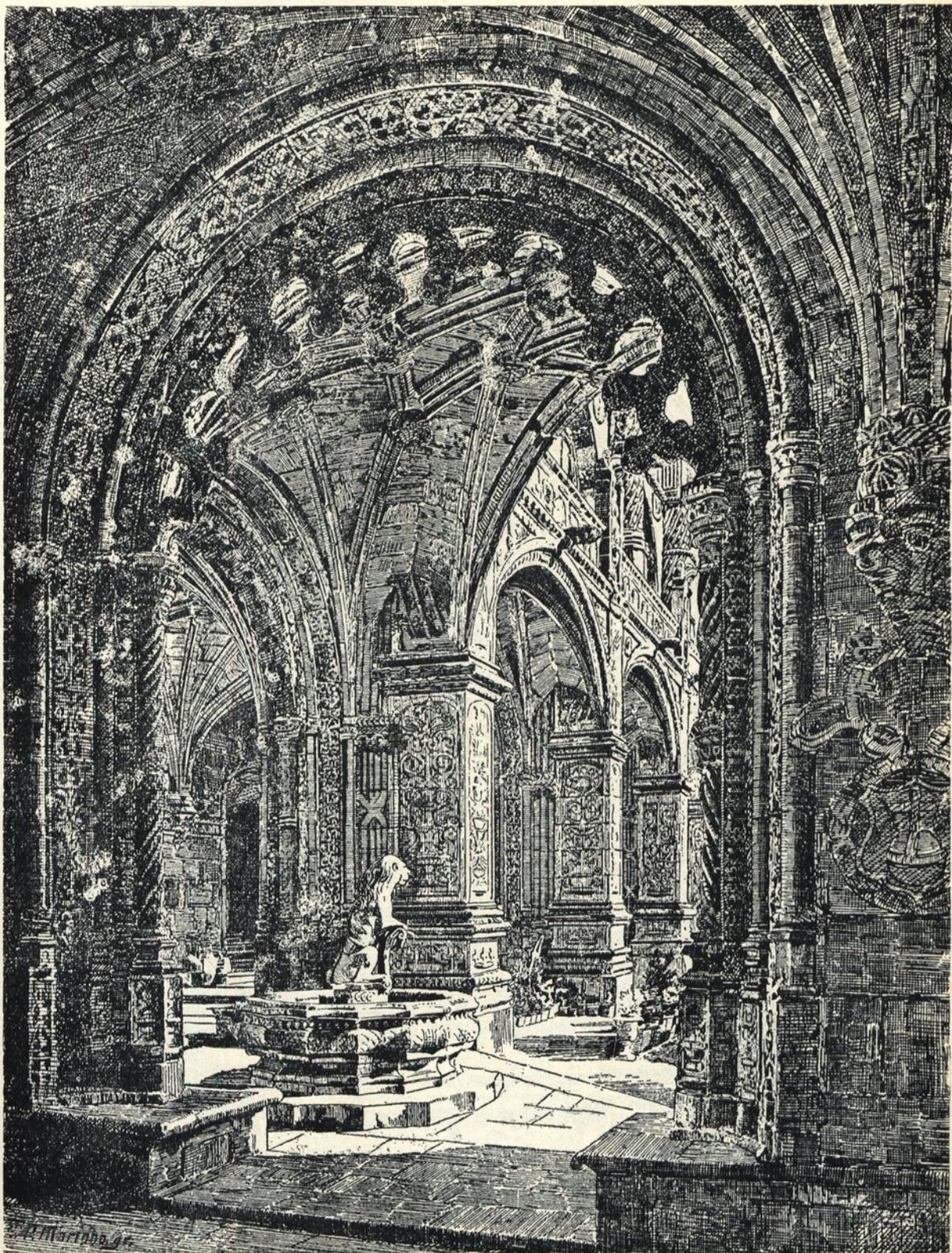


Strasse nach Lissabon. →

Aufgen. von H. Haupt, Archit. Hannover 1886
 29, 87

Planta da Igreja e Mosteiro dos Jeronymos, de Belem

delimitam o espaço oblongo por tres lados os lados das cadeiras do côro, são recobertos em duas filas sobrepostas. As superficies dos de ornamentação riquissima, que demons-

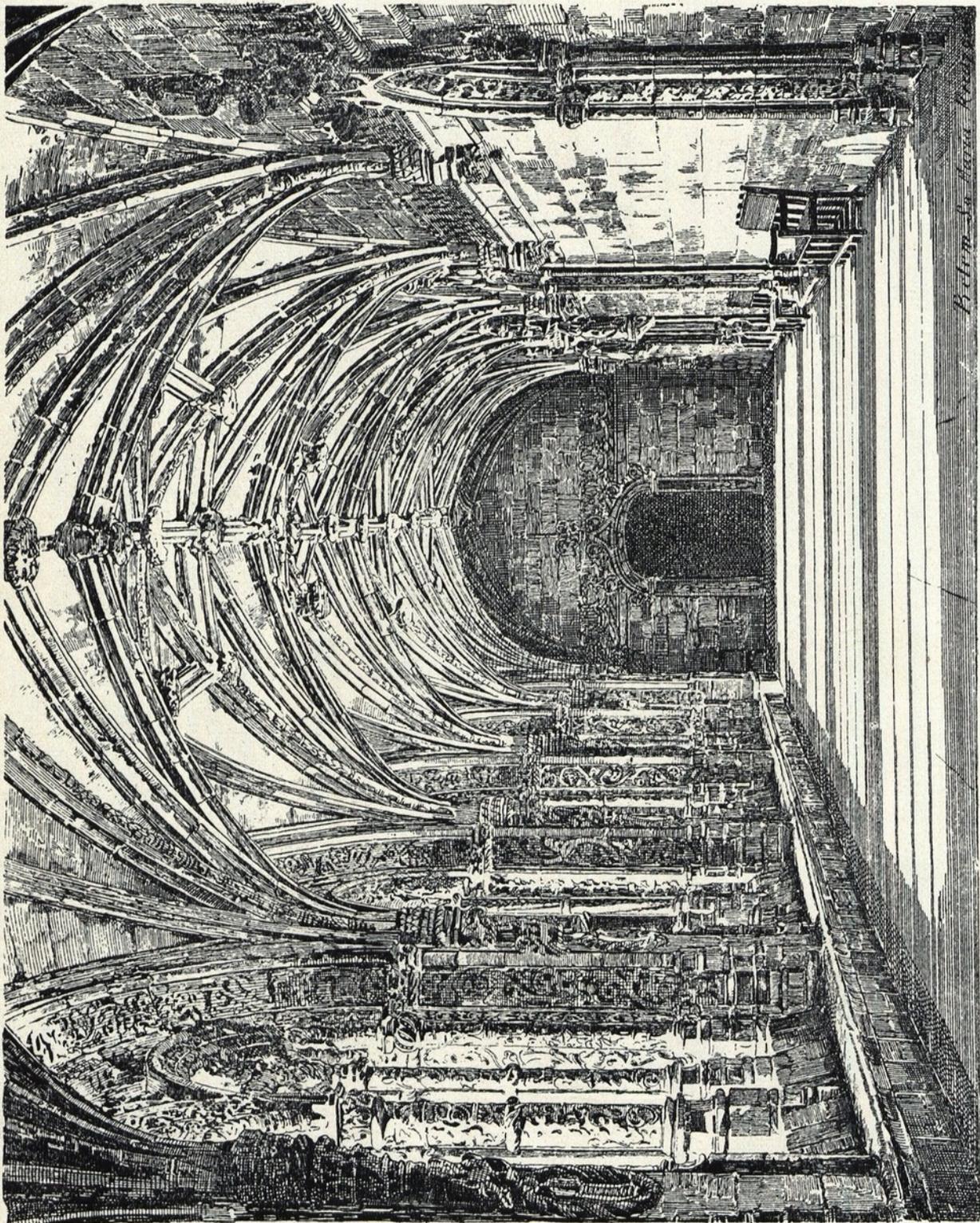


Claustro do mosteiro dos Jeronymos

enormes pilares e suas bases, que dividem o fundo, os frisos, os parapeitos, os caixilhos e egualam, em technica perfeita e poderoso

impulso de composição, as melhores obras da Hespanha. A data do começo das cadeiras do côro é de 1560, e devem sem duvida ser attribuidas ao mesmo artista que produ-

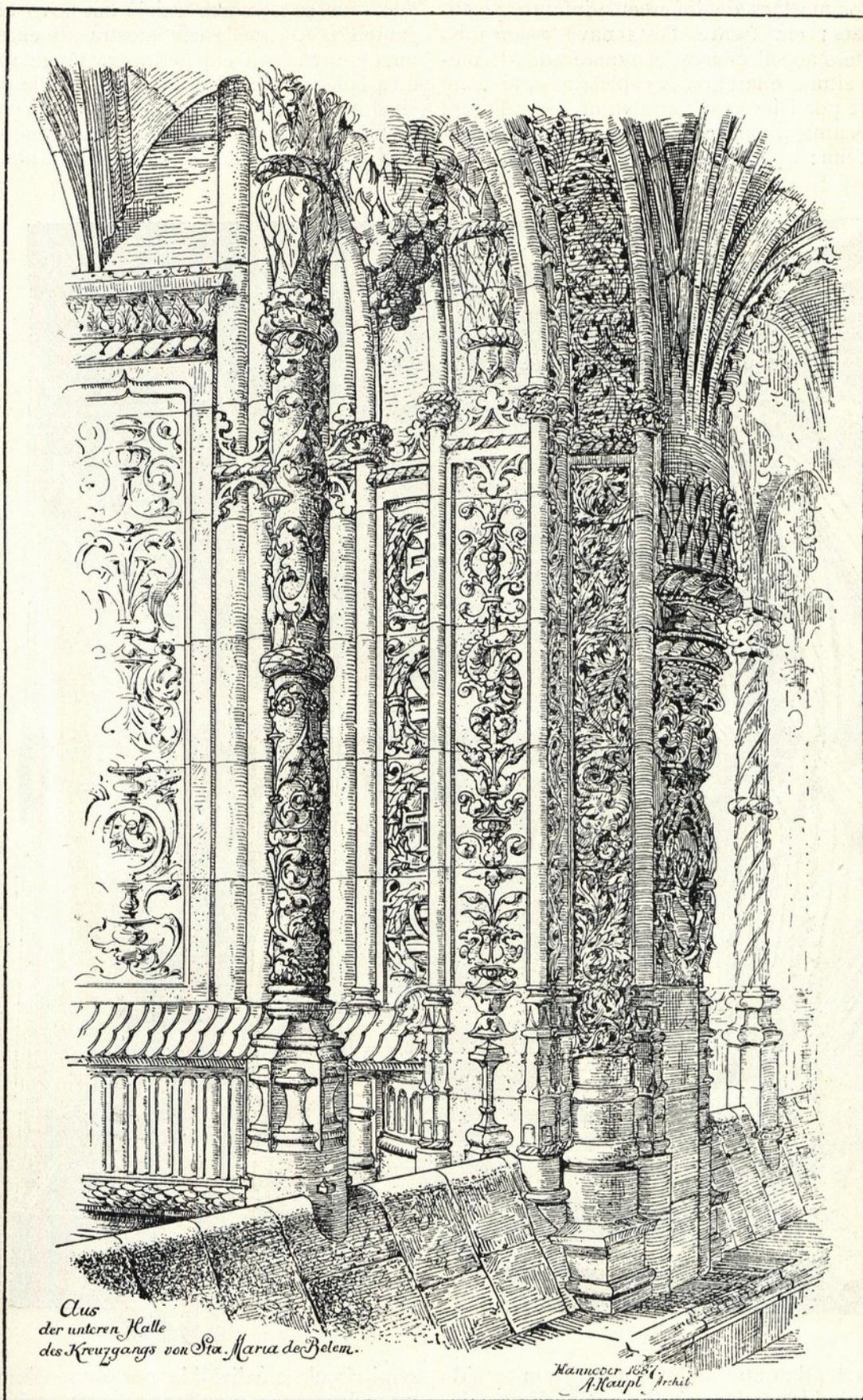
Talvez devermos pensar aqui em Diogo de Carta ou Carça, que em 1548 esculpiu as celebres cadeiras do côro de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa já desaparecidas. A



Abobada do claustro dos Jeronymos

ziu as cadeiras do côro da Sé d'Evora, quasi tão importantes como estas; mas sendo este um trabalho mais antigo do mestre, não attinge a grandeza e o arrojado de Belem.

conservação das bancadas do côro de Belem pouco deixa a desejar. A nave da igreja é no resto vazia. A nave transversal guarda, á esquerda e á direita n'uma serie de nichos, os



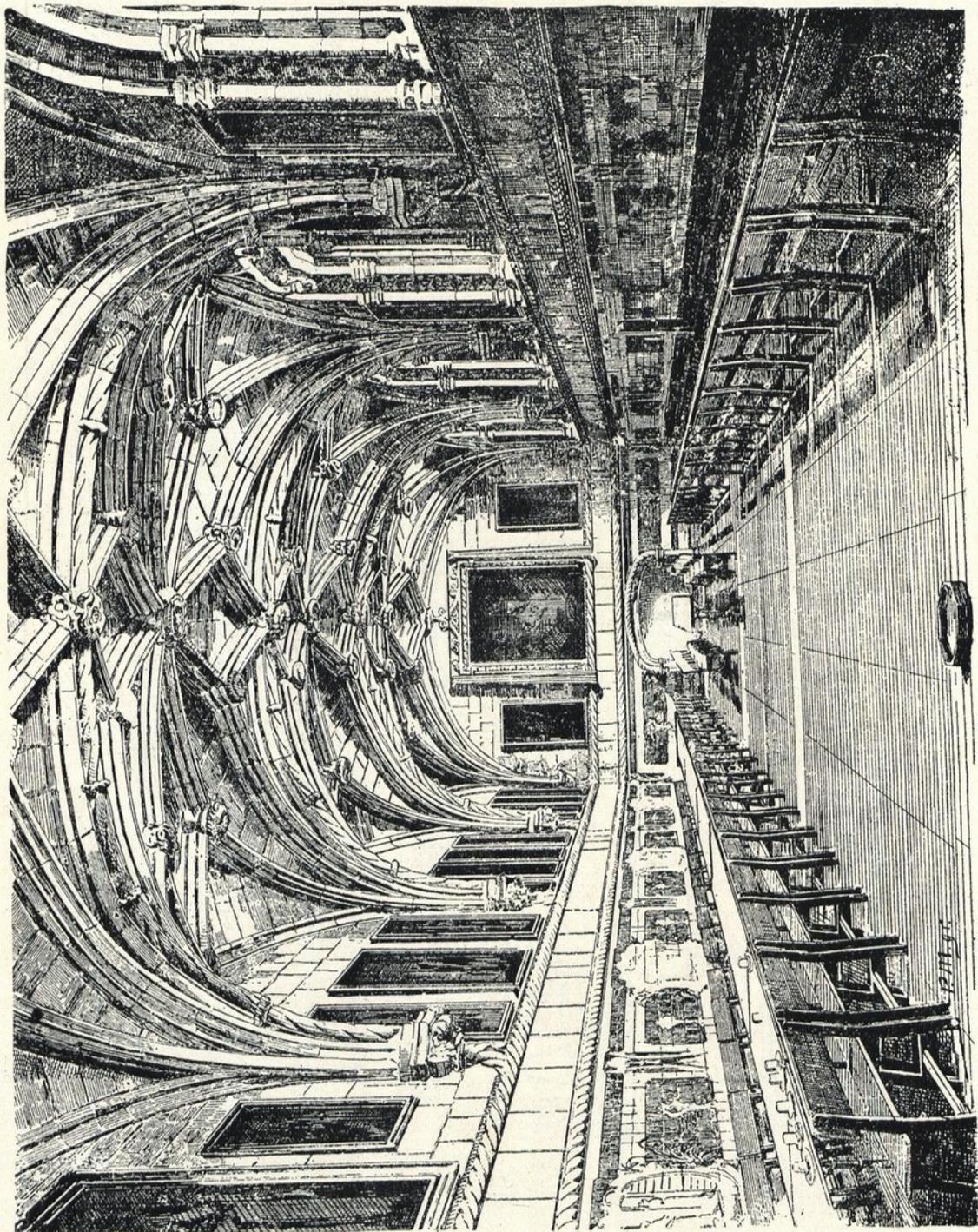
Clus
der unteren Halle
des Kreuzgangs von Sta. Maria de Belem.

Hannover 1887
A. Kaupl. Archt.

Janella do claustro dos Jeronymos

restos mortaes de infantas e infantes portuguezes; em frente d'esta nave avança ao norte e ao sul uma capella quadrada de menor altura e largura. A capella mór, feita até 1551 por Diogo de Torralva no logar d'outra mais antiga, apresenta fórmãs de renascença perfeita; a parte desaparecida, que tinha o

dos seus successores exigiu um novo alongamento. A capella mór mostra no exterior uma construcção em pedras rectangulares e uma balaustrada sobre a pesada cornija principal, e duas pequenas torres baixas com cupulas sobre as escadas aos cantos; bem como simples janellas quadradas. No interior acaba em

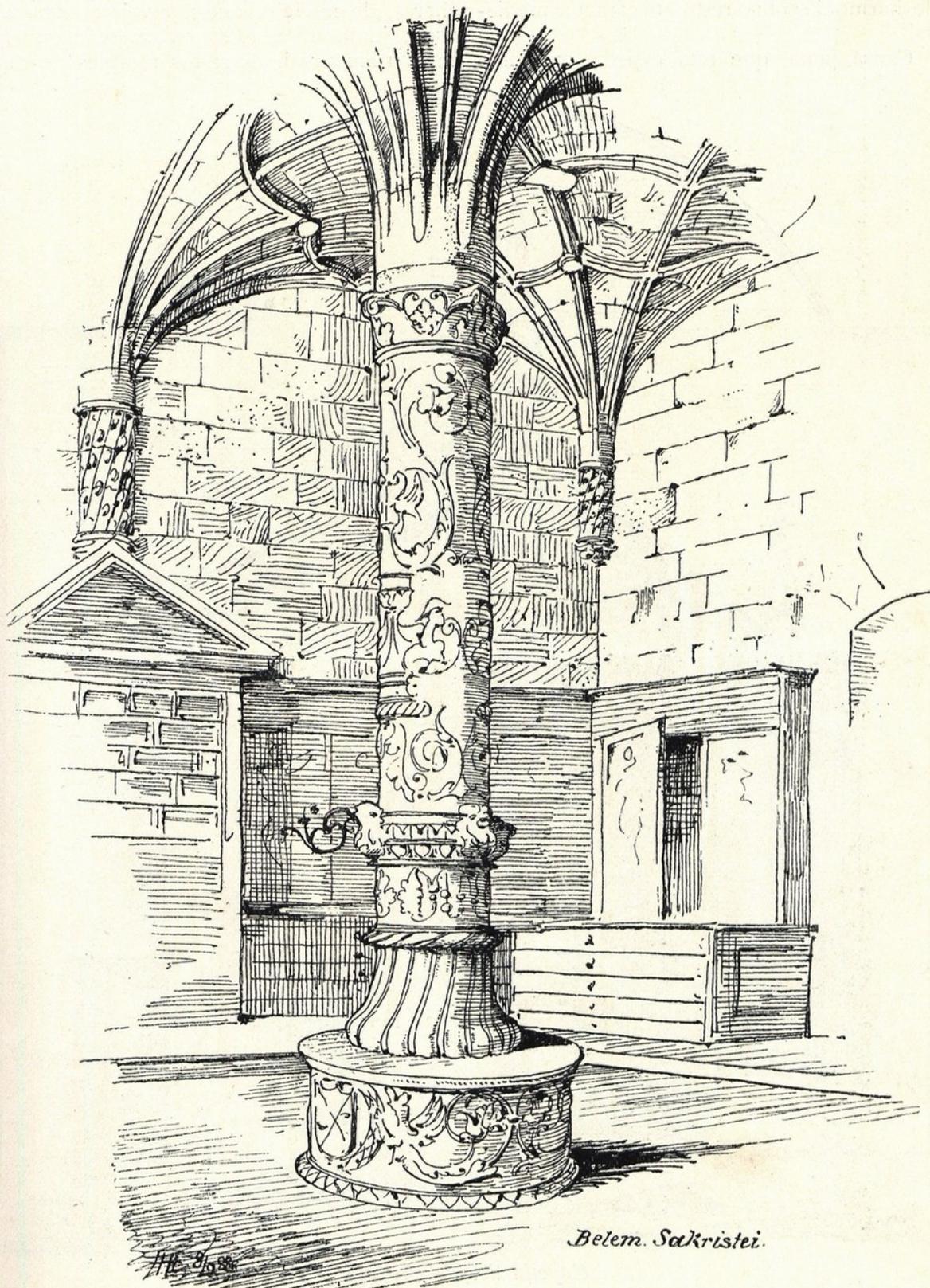


Refeitório no claustro dos Jeronymos

caracter da outra architectura, dizem ter sido substituida por demasiado pequena. Existe ainda uma miniatura representando o interior do côro com o altar mór. Póde suppôr-se que a construcção do tumulo de D. Manuel e

semi-circulo e é dividida por duas columnatas sobrepostas, uma jonica, outra corinthia, as quaes supportam a abobada de berço, adornada de caixotões de diversos marmores. E' este talvez o mais antigo exemplo d'abo-

bada no gosto de Terzi, posteriormente tã da Paixão de Christo, pintados por Christo-
 empregada. Nas fundas arcadas, entre as co- vão Lopes (1516 a 1600) pintor da real casa,



Belem. SaKristei.

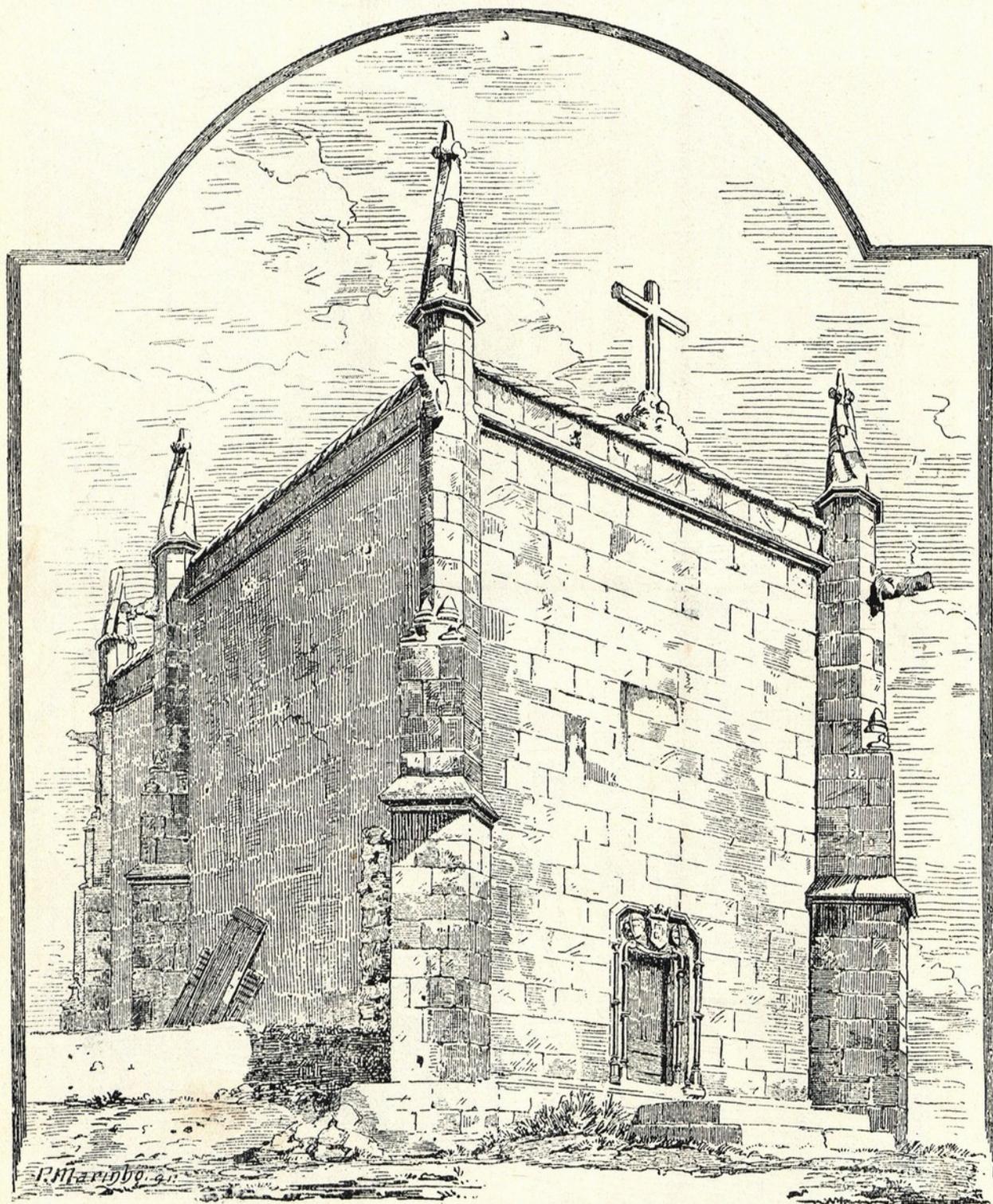
Pilastra do claustro dos Jeronymos

lumnas dos lados, estão os sarcophagos dos reis; e entre as da abside grandes paineis no estylo de Dias e de Campello, quer dizer, n'um maneirismo sem exaggero. A architectu-

ra de Torralva é infelizmente pesada, apesar de ser composta com delicadeza, e em consequencia d'esta feição particular, não está de harmonia com o resto em caracter medieval.

Causa pena que esta capella mór não

No côro da igreja estão depositados os restos mortaes dos reis D. Manuel, D. João III, D. Sebastião e D. Henrique, com suas mulheres, de maneira que a igreja contem ao todo, juntando a estes os sarcophagos da nave transversal, os restos mortaes de de-

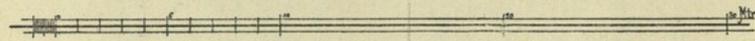
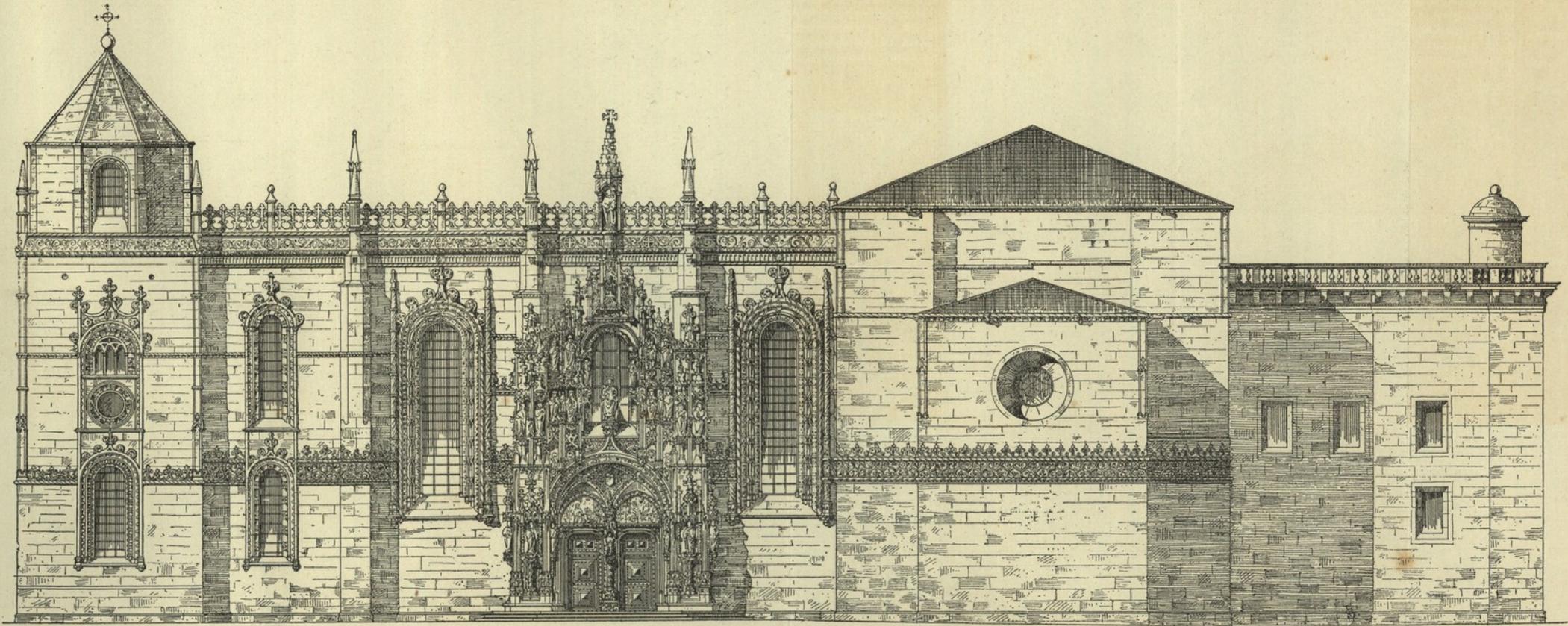


Capella dos Jeronymos

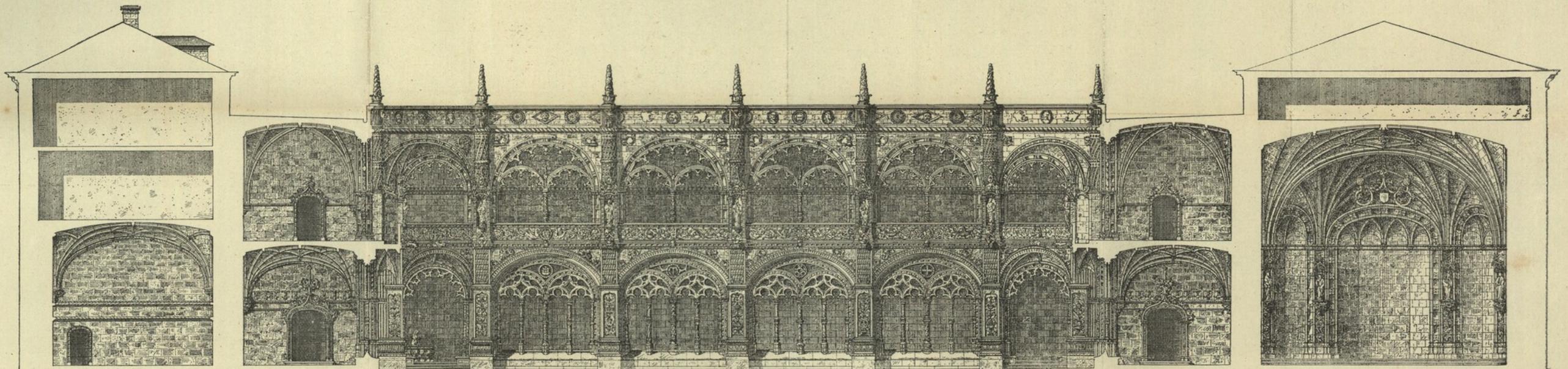
tivesse sido concluida pelo artista que a começou. Não aconselhamos a restauração projectada no estylo manuelino.

zoito pessoas da casa real d'Aviz. Além d'isto estão aqui depositados os restos de Vasco da Gama e de Camões.

(Continua).



Fachada da Egreja e Mosteiro de Santa Maria de Belem



Corte longitudin. da galilea

Uma visita á Beira

POR ANTONIO ENNES

DEVIAMOS estar no porto á bocca da noite. Principiou a viagem sem incidentes, e podemos observar a parte do Pungue por onde, tres dias antes haviamos navegado á tôa fechados em trevas. E' estreito, e n'aquella época do anno em que leva poucas aguas as suas margens em muitos pontos sobrelevam alguns metros sobre o nivel das mais altas marés, o que inspira confiança a alguns, raros, indigenas, para n'ellas assentarem toscas moradias. Torce-se constantemente sobre si mesmo, de modo que a cada trecho parece que o fecha alguma das ribas, e o navegante tem de ir sempre precavido para dar resguardo aos seus frequentes cotovêlos, angulosos ou boleados, onde as areas e as vasas se accumulam formando bancos em parte descobertos e atapetados n'essa parte de hervagens côr de esmeralda. As correntes do oceano chegam até ali, e ainda mais adeante, e chegam a miude formando um macaréu impetuoso, marulhento, roncadador, que raspa as ribas pondo o raizame dos arvoredos a descoberto como rede de veias e arterias d'um animal esfolado, e revolve o fundo entulhando as calas com os baixios e escavando fundões nas corôas da vespera.

Quando já as *tones* começavam a remar para um e outro lado, pelas duas horas da tarde, encontrámos um escaler, em que o commandante militar de Aroangue, o tenente Machado Leal, inquieto com a nossa demora, vinha trazer-nos carvão e viveres; tomámos a reboque esse obsequioso escaler, e seguimos avante, ufanos da destreza com que, até ali, tinhamos sabido evitar os encaihes. Precipitada ufanía! Menos d'uma hora depois, o pobre *Almirante* arrastou, levantou a prôa, estacou, e como a maré descia, por mais que os marujos, mettidos n'agua, tentassem levantar-o nos braços, não lograram descraval-o. Tinhamos de esperar que viesse a enchente pôr-nos a nado. O sitio felizmente era dos mais pitorescos do chato e monotono Pungue. Havia largueza, e o relevo caprichoso do fundo dava tons e labores variegados á agua, que corria aqui encrespada e escurecida pela sua propria massa, além se

empoçava esverdinhada e lisa, n'outras partes espumava arrastando-se na area ou espelhava o arvoredado das margens, laminava-se de sol ou velava-se de sombra. A espaços a formação d'uma grande qucimada, de fumo negro com furta-côres vermelhas, desdobrava um toldo por cima das nossas cabeças. Havia fresquidões no ar, e a natureza tinha uma physionomia communicativa de socego e paz.

Emquanto esperavamos, improvisavamos um *pique-nique*, em que o lugar, o scenario, o nosso descostume do viver sertanejo, davam um sabor original ás iguarias, já de si estranhas. Devorámos bifés do mirú caçado na vespera no caminho de Mapanda; Machado Leal levára no seu farnel gallinhas do matto assadas com piri-piri e os seus criados uns negrinhos do Niassa, improvisaram caril; o commandante do *Euxene* abriu terrinas de *foie-gras*, desrolhou garafas de Champagne; os marinheiros do *Almirante* fizeram chá cozendo as folhas no lume da machina; divertiram-nos as faltas, gracejamos dos incomodos, comemos á mão, lavamos-nos no Pungue, deitamos restos aos patos bravos, e depois, quando o crepusculo começou a derramar melancholia no espaço e a infiltrar saudades nos corações, fallamos largamente da nossa patria e dos nossos santos amores, voltando as cabeças, como a mirar os reflexos vermelhos que boiavam na agua estanhada para occultar as lagrimas que nos marejavam os olhos.

Subiu a maré e os escaleres fluctuaram.

Adeante!

Quando se condensaram as sombras da noite, occultando os mal definidos signaes por que os nossos pilotos acertavam as rotas voltamos a esbarrar, a pegar-nos, a ter de andar á ré; depois n'um passo mais estreito a corrente violenta pôz-se a medir forças com a machina do *Almirante*, e, por mais que o fogueiro atulhasse a caldeira, embora a pressão subisse acima da linha da prudencia, estivemos mais d'uma hora avistando sempre pelo través o clarão rubro da mesma fogueira distante.

Chegámos até a desandar, com a helice

às voltas afadigadas. Rompemos afinal a agua, já perto da volta da maré, e suppozemos que a vasante nos levaria d'uma assentada ao porto, mas d'improviso encahámos mais uma vez, com o impulso associado do vapor e da agua, e o escaler adornou, sendo pouco o peso de todos nós, aferrados a uma das bordas, para lhe restituir a posição de equilibrio. Eram já 10 horas da noite, havia pouco tempo ainda que a maré vasava, e portanto só lá para a madrugada viria a enchente tirar-nos d'aquelle apuro. Não sabiamos onde estavamos, mas pelo tempo de jornada suppozemos-nos perto da Beira, junto das ultimas ilhas. Houve conselho. Deliberou-se que o escaler do commando militar continuasse só a viagem com todos os passageiros, ficando o tenente Leotte e o commandante do *Euxene* a bordo do *Almirante* para o safarem e levarem a salvamento.

Fez-se o trasbordo, os quatro tripulantes negros da fragil embarcação empunharam vigorosamente os remos, e deitamos-nos á aventura. Mas nós nem percebiamos, na solidão escura do rio, de mais a mais bifurcado ali por uma ilha coberta de matto, onde estavam as margens, para que lado era a foz. Navegamos perfeitamente á tóa, discutindo a cada instante para onde deviamos deitar o remo.

Tomamos uma certa direcção votada por maioria, e tocamos no fundo; mudamos a derrota e logo percebemos pela prôa uma ramaria alta a mover-se, cobrindo e descobrindo as estrellas. N'esta desorientação o escaler parou de subito, batendo com um estremeção violento, mas os croques e os remos não encontraram fundo, não encontraram o obstaculo em que haviamos tropeçado, o que nos deixou certos de que tinhamos embicado no lombo d'um hypopotamo adormecido, que fugira ainda mais espantado do que nós. Acertamos por fim, mas logo nos achamos a braços com outra ordem de difficuldades. Um dos quatro remadores estava perdido de bebado, e, uma vez pendendo sobre o punho do remo inerte, outra vez puxando por elle com desordenada furia, atrazava o andamento da fragil embarcação, obrigando-a a bordos e a solavancos. Mandamol-o dormir, mas o possesso do alcool barafustou, engalfinhou-se nos camaradas, pouco menos ebrios e o escaler mais d'uma vez repetiu a menção de alijar ao Pungue a sua empilhada carga de conselheiros e caixotes de louça, officiaes e carvão, auctoridades brancas e criados pretos, colchões, tralhoada e muleques.

Emquanto andámos perdidos passou a vasante, e nós, que a todo o vapor não ha-

viamos podido vencer a maré contraria, desesperamos de sequer lhe resistir a braços de remadores! Mettemol-os em brios, offeremos-lhes premios, fizemol-os cantar, e elles remavam, remavam, como machinas d'aço, sem tomarem o folego, convertidos em cascatas de suor que espalhavam nauseas no ambiente, acertando as remadas pela solfa de quantas melopeas inventou a arte cafreal. *Rema, não rema* entoavam elles, n'um extravagante rythmo, curvando e retezando os robustos corpos nos bancos que rangiam, sem conseguirem dobrar uma ponta da area cuja mancha amarellenta marcava margem sombria; *anda, não anda*, proseguiam a improvisada cantilena, acompanhando novas remadas, e o areal lá estava ainda á mesma distancia da prôa; *paga, não paga, dá mata-bicho, não dá mata-bicho*, e a embarcação parecia pregada n'um chão laivado de barro. Os mesmos troncos de mangue ouviam especados na riba, com que nos iamos protegendo, um reportorio immenso, elegiaco ou buffo, executado a quatro vozes ou a solo com estribilhos coraes, desde a classica e sentimental *Sina mama* até umas caprichosas odes symphonicas em que se exalçava a generosidade do *siô ministro* que dava rupias ou a do *córnol* que tinha barbas grandes como umas vassouras. Apesar d'esta serenata, entremeada de gargalhadas estrepitosas e de ditos trocados em lingua indigena, que tinham ares de satyricos, a nossa situação era mais do que aborrecida, era penosa. A noite estava fresca, o céu chorava cacimba, e nem um toldo tinhamos para abrigo; apertados uns com os outros, não podiamos mudar de posição; enganámos a fome e a sede com pão duro e secco e agua suja da despensa dos negros. Foi girando o norte, foram cerrando as constellações no espaço, e nem signal do porto. Já estavam roucas as vozes dos remadores, já lhes tremiam os braços; era tambem o bebado, que estivera dormindo, quem os estimulava, descompondo-os, chamando-lhes mulheres. Subito, subiu pelo céu acima um clarão azulado vindo da parte do Oriente, e alastrou-se de relance pela abobada immensa, dando-lhe a transparencia opalina d'um globo fusco de lampada electrica; depois diffundiu-se, tingindo-o de desvanecido azul, que ao passo que se ia fechando, repintava-se de vermelhidões ora espalhadas como poeira ora condensadas em laivos e em barras, e antes dos passaros terem tido tempo para despertar nas ramadas, fulgurou o ouro fulvo do disco do sol pelas frinchas do mangal. Esta manhã sem crespusculo nem aurora mostrou-nos, lá muito ao longe, os topos dos mastros dos navios fundeados em frente da

Beira, e quando atracámos ao portaló da *Eu.xene* já a soalheira quente das 8 horas nos enxugára nos corpos as roupas ensopadas pelo orvalho do céu, e pelos vapores do rio.

Pois eu que nunca em minha vida tinha passado uma noite sem abrigo não tive nem um accesso de febre. E—singular coincidência—á hora em que andava perdido n'um rio selvagem, encalhando em cavallos marinhos, com os pés enxarcados pela agua infiltrada no fundo do escaler, esfomeado, espreitado pelos corcodilos e pelas biliosas, agonizava e morria quasi subitamente na Europa, sua patria, no seu lar aconchegado meu pobre irmão, que se despedira de mim chorando os perigos a que me ia expôr a viagem a Africa. Sabe-se lá onde está o perigo, onde está a morte?

Esta excursão pelo Pungue revelou-me as difficuldades que ha a superar para estabelecer entre o litoral e o interior, meios de communicação seguras e faceis, que favorecessem a colonização e o desenvolvimento economico do paiz.

O rio não era só mau por ser, em alguns lanços, tão açoriado que na baixa mar só dois pés d'agua lhe corriam sobre as areas, e por lhe regarem o leito correntes impetuosas e turbulentas, que arrastavam hypopotas; era pessimo, especialmente, por estar sujeito á deslocação caprichosa e frequente dos seus immensos bancos, deslocação que não permittia saber ao certo por onde se poderia navegar sem perigo de encalhar. Em poucos annos a carta do tenente Fontaura, não só se tornára inutil, tornára-se perigosa.

Não havendo ainda outra, pedi aos tenentes Leotte e Ivens Ferraz, que balizassem o rio tal qual elle estava então, assignalando o canal por meio de marcos triangulares, brancos, cravados nas margens e de boias fundeadas nas maiores larguezas de agua; elles passaram inclemencias n'essa tarefa, iam sendo levados pelo mocoiro, apanharam febres, e, provavelmente bastaram um anno e uma cheia para tambem lhe estragarem o solicito trabalho. Como poderia, pois, o commercio aproveitar confiadamente similhante rio? Seria sensato tornar dependente e tributario da sua morosa e perigosa navegação todo o transito para Manica?

Estas perguntas eram especialmente interessantes quando se tratava de escolher o traçado e a testa do caminho de ferro.

Embora as opiniões divergissem ácerca d'esse traçado, todas as pessoas que conheciam o paiz concordavam em que não era possivel prolongal-o até á Beira, por serem submersiveis na extensão de muitas milhas os terrenos adjacentes ao litoral, e que, por-

tanto, a testa da linha teria de ficar na margem d'um dos rios que desaguam no porto. Mas qual d'elles deveria ser preferido para avenida aquatica da estação terminus d'uma grande via ferrea? O governador geral da provincia, o tenente-coronel Machado havia dado a palma ao Busi.

Effectivamente este rio, cuja foz se acha á entrada do porto da Beira, tem melhores condições de navegabilidade do que o seu vizinho e irmão Pungue. Não se parece nada com elle. E' profundo até muito dentro. O *Bufalo* que só ia de rastos a Neves Ferreira, nadava desembaraçado até o Jobo. Navios de muito maior porte ainda podem ir fundear algumas milhas a montante da barra. E', porém, estreitissimo.

Penetra-se n'elle por um canalete, escavado rente da margem esquerda, em que só pequenas embarcações podem virar de bordo. O proprio *Bufalo* passava lá quasi a raspar com as pás das rodas o raizame descoberto do mangal. Tem a vantagem de atravessar terrenos relativamente altos, inaccessiveis em parte ás inundações, e tanto que as suas margens, ao contrario das do Pungue, são enfeitadas de Chiveve para cima, por uma flora opulenta e animada de populações indigenas, o que lhes dá um aspecto fresco e aprazivel. Uma excursão que por elle fiz só me deixou agradaveis impressões. Não conheci na provincia rio mais pitoresco. Onde os taludes marginaes não tapam a vista, descobrem-se relvas vicejantes de chão fertil entre cujas verduras se distinguem as umbrellas escuras dos coqueiros e as ventarolas claras das bananeiras, indicios seguros da proximidade de habitações humanas. Ao passo que no Pungue não se descobre viv'alma, no Busi se por elle passa um barco a vapor, annunciando-o com os silvos de se-reia, acodem ás ribas grupos enormes e festeiros de indigenas, mulheres com ranchadas de filhos agarrados aos pannos e pendurados das saias, latagões de bôa catadura, e essa gente cheia de bonomia sauda os transeuntes com gritos e palmadas, e offerece-lhes de longe gallinhas e ceiras d'ovos. Ha, pois, n'aquella parte, solo habitavel e que pode sustentar os habitantes, ha braços para trabalho, ha agua doce porque as marés oceanicas pouco sobem o rio, parece haver condições para a installação, não só d'uma testa de caminho de ferro, mas até d'uma povoação europeia. Influidido por estas apparencias, o governador Machado acredita que o Jobo poderia, não só servir de caes ás futuras communicações com o interior, mas até substituir a Beira, apertada e incommodada no seu areal; e com a sua imaginação de crente,

mandou lá desenhar no chão o plano d'uma cidade, *Nova Lusitania*, com ruas, praças, e até vão para theatros e circos, dando assim um ponto fixo e determinante á directriz do caminho de ferro.

Mas elle proprio se convenceu, depois, de que o Jobo era mau assento para uma cidade, e o Busi má serventia para viação accelerada. Se as inundações não submergiam o solo da futura Lusitania, cobriam-n'o e rodeavam-n'o pantanos creados pelas chuvas, saturando a atmosphaera de miasmas. O corpo expedicionario não conheceu lugar mais doentio. Tendo mandado para lá um destacamento, teve de o recolher ao hospital. Depois, se o Busi era navegavel, a sua estreita fita d'agua profunda tolhia os movimentos das embarcações, e tambem era encrespada por correntes violentas e tambem cobria um leito mudavel.

Depois em qualquer ponto alto e internado das suas margens, sendo necessariamente distante do porto, onde tambem se lançava o Pungue, não podia concentrar em si os serviços d'esse porto e do transito para o interior, a Beira, emquanto as aguas lhe não levassem o seu areal, havia sempre de ser o principal caes e o principal armazem do commercio, e ficaria mal servida por uma testa de linha ferrea distanciada por muitas milhas d'agua. E que agua! Primeiro um vasto porto, um verdadeiro mar a miude tão revoltado que se não deixa communicar da praia com os navios surtos a poucas amarras da sua rampa, quanto mais atravessal-o!

Não é raro as embarcações de véla que vão da Beira ao Busi, fazer aguada, por exemplo, passarem lá dias e dias sem poderem regressar. Atravessado o porto, havia que penetrar n'uma barra atravancada por bancos de area onde apesar das boias o proprio *Bufalo* — lá esteve encalhado muitas horas n'uma noite escura, — e por ultimo, era preciso esperar maré a favor para gastar só cinco ou seis horas em voltas e contra-voltas até poder baldear no Jobo mercadorias ou passageiros, já baldeados no porto ou na Beira. Que demoras, que despezas, quantos riscos e trabalhos!

O Jobo não resolvia, pois, o problema. A sua unica solução realmente economica e technica era trazer a linha senão até a Beira, ao menos até um local das margens do porto. Era uma incoherencia construir com fabuloso gasto, viação accelerada para a tornar dependente da navegação morosa e arriscada de detestaveis rios; envidar esforços athleticos para facilitar as communicações, e ao mesmo tempo difficultal-a com baldeações. Essa solução, porém, ainda hoje não está achada.

Procuraram-n'a os engenheiros do corpo expedicionario, indagando se haveria chão firme por onde a linha podesse seguir do valle do Busi para a margem fronteira á Beira, e julgaram que, effectivamente era possivel, com o auxilio d'alguns aterros, dirigil-a até o fundo do porto, a um lugar, perto do qual ha fundo para navios d'alto bordo; mas estas indicações não foram aproveitadas.



Na época da minha primeira visita á Beira (agosto e setembro de 1891), a noticia de que, finalmente Portugal e a Grã-Bretanha tinham chegado a acordo acêrca da delimitação territorial, e a certeza de que se realizaria, e estava sendo estudado deligentemente o caminho de ferro de Manica, deram novos impulsos á povoação e restabeleceram entre os seus habitantes portuguezes e estrangeiros a ordem moral, antes perturbada pelo meio de conflictos, pela duvida do futuro, pelos emprehendimentos aventureiros dos agentes da *South-Africa*. Continuava-se a duvidar, se é que se não duvidava cada vez mais de que no planalto houvesse ouro exploravel e de que lá se fizessem correntes de immigração; mas acreditava-se na linha ferrea, e bastaria ella para fazer girar o negocio.

As relações entre as auctoridades nacionaes e as inglezas foram-se tornando, senão cordeaes, pacificas.

Estacionava no porto o cruzador britânico *Magicienne*, e o seu commandante o capitão Pisson, nomeado consul, esmerava-se tanto em zelar os interesses como em reprimir as demasias dos seus patricios. Excelente homem, conciliador, sensato, recto, sabendo conciliar os deveres de diplomata com a generosidade d'animo de marinheiro.

Bom inglez, mas inglez fino. Uma vez, estando na secretaria do commando militar, viu um aventureiro, seu subdito, entrar de chapéu na cabeça, sentar-se sobre uma mesa, e começou a vociferar destemperadamente contra a exigencia d'uma licença de porte d'arma; sem dar tempo a que o commandante reprimissem a insolencia, mostrou-se para o castigar elle com palavras severas, declarando que seria o primeiro a dar exemplos de deferencia pelas auctoridades de Portugal. Para mim foi sempre um prazer tratar com elle, e o *Magicienne* nunca se esquivou a cumprir, para com o commissario portuguez, os preceitos da cortezia naval.

No interior tambem os esperavam os embates e os attritos. Depois da desastrada refrega do Chire, o capitão Pisson e o governador Machado fizeram demarcar, nos ar-

redores de Massikessi, uma zona neutra que nem inglezes, nem portuguezes transportiam armados, e essa neutralidade foi escrupulosamente respeitada. A expedição Caldas Xavier poudé então effectuar a sua retirada para o litoral, tranquillamente e sem deixar arriscado nenhum interesse nacional.

Na Beira não se sabia d'ella, desde que tinham chegado, lá e a Neves Ferreira, os feridos do Chire, e essa ignorancia inquietava. N'uma bella manhã do fim d'agosto chegou até a minha palhota a voz alegre de terem chegado de noite Caldas Xavier e os seus voluntarios, e pouco depois, appareciam de surpresa o benemerito major e mais quatro officiaes, seus fieis companheiros até á ultima hora dos perigos e dos trabalhos. Como nós os abraçámos travando conhecimento nos abraços!

Se longe da patria um patricio é um amigo, aquelles homens eram para nós, ainda vibrantes dos enthusiasmos e das indignações d'uma luta nacional, a propria patria representada na sua virilidade intemerata. O unico rasgo de abnegação e de valor com que se nobilitou a nossa reacção contra as usurpações britannicas, tinham-n'a praticado elles e os seus camaradas. Nunca será de mais recordal-o. Quando as forças de *South-Africa* invadiram a margem esquerda do Save e senhorearam Mutassa e Mutara, Massikessi, não se sabendo onde a sua audacia pararia, julgou-se indispensavel oppôr dique á onda que do planalto podia despenhar-se nos valles do Pungue e do Busi. O corpo expedicionario, organizado em Lisboa n'esse intento, quantos mezes gastaria ainda para se transportar ás terras ameaçadas? Era necessario uma defesa mais prompta, um socorro mais á mão, a provincia só tinha tropas no orçamento. Nem seria prudente soldados negros, mas europeus audazes e bem armados. Alguns portuguezes briosos de Lourenço Marques offereceram-se então para organizar um corpo de voluntarios que fosse a Manica affrontar o perigo imminente; cento e tantos homens, muitos d'elles paizanos que nunca tinham manejado senão a penna ou o martello, pegaram em armas, organizaram-se militarmente, e sob o commando superior de Caldas Xavier, que já havia assinalado a sua intrepidez na margem do Zambeze, partiram para a Beira. Era no mais rigoroso da invernia, desfazia-se o céu em jorros d'agua, trsbordavam os rios, o planalto de Manica era como a costa d'um vasto oceano: nada os deteve!

Cuidando mais de chegarem depressa do que de chegarem bem abastecidos e municiados, metteram-se ao matto, nadando mais

do que andando, sem olharem para ver se eram perseguidos, ignorando o que os esperava pela frente, antes guerrilheiros intrepidos do que militares circumspectos, passando fome negra por não poderem acompanhá-los as bagagens, padecendo enfermidades de que se curavam uns aos outros com fraternal caridade, encontrando-se a miude separados e isolados uns dos outros pelos incidentes, foram até Massikessi, e occuparam-n'a. Ahi, julgando-se ameaçados pelos inglezes e pela gente do Mutassa, foram ao encontro da ameaça ainda extenuados das marchas e das suas privações e encontrando-se inesperadamente em frente do inimigo entrincheirado no Chire, affrontaram-n'o, e ao fogo vivo das suas metralhadoras, em campo descoberto, só armados de espingardas. Tiveram de retirar, mas retiraram sem desaire. Foram talvez imprudentes e imprevidentes, não foram fracos. Contaram os proprios inglezes que do alto da sua trincheira viram um official de engenharia que se juntára aos voluntarios, José Roma, tendo esgotado as munições, sentar-se n'uma pedra debaixo do fogo contrario, tirar da algibeira uma bolsa de tabaco e um livrete de mortalhas e enrolar serenamente um cigarro.

Caldas Xavier e os seus valentes camaradas — os ultimos a retirarem, — traziam escripto em si a historia das suas canceiras e provações. Os exploradores que se mascaram e caracterisam para tirarem e enviarem a Europa, retratos que façam chorar as familias e enthusiasmar os membros da Sociedade de Geographia, nunca foram capazes de *se faire des têtes*, de arranjar apparencias de maior miseria. Sem cumprimento, chegavam a causar pavor e a metter nojo. O bello rosto viril do major lembraria uma caraça feita por um forte nariz aquilino, muito desbrugado, preso por tiras de pergaminho velho a duas orelhas espetadas, se o não illuminasse o fuzilar dos seus dois olhos negros, penetrantes, que a natureza, provavelmente tinha feito para alguma aguia, e por lhe sairem grandes de mais encrustou n'uma cabeça humana. Mas apesar do seu aspecto vinham todos fortes de animo, lastimando apenas que o seu sacrificio não houvesse aproveitado mais á patria, e possuidos pelo singular amor ao sertão que parece que mais obseca quem mais padeceu já por elle. Alguns, e nomeadamente o conductor de obras publicas Brito, que honrara os galões ephemeros de capitão, offereceu-se para sem descanso, auxiliar os estudos do caminho de ferro; voltando para Massikessi com o theodolito ás costas, logo depois de ter voltado de lá com a espada á cinta.

Os soldados acantonaram-se primeiro dentro do terreiro do commando militar, e acamparam depois no areal, á margem do Chiveve. Mostraram-se disciplinados, sobrios, briosos, sabendo provêr ás suas necessidades, como se fossem veteranos de bôa escola militar. Fiz um d'elles, — operario do caminho de ferro arvorado em cabo, — chorar de enternecimento, contando-lhe que a esposa, que ficára em Lisboa com dois filhos de tenra idade, não sahia do corredor da secretaria do ultramar buscando, implorando, noticias d'elle, que a não preveniu da marcha para Manica nem de lá lhe escrevêra. Esse bom homem acabou tristemente, mezes depois, em Lourenço Marques. Um Yago, convenceu-o de que a mulher o estava deshonrando na patria, e o louco lançou mão d'um revolver, e, a beijar os retratos dos filhos, fez saltar os miolos. Dizem que já não ha desgredadas tragedias na vida real!

A força europeia era acompanhada por uns tresentos landins de Inhambane, carregadores que tambem sabiam disparar uma espingarda. Alguns tinham-se portado bem no Chire. Fôra entre elles que as balas inglezas haviam principalmente encontrado victimas. Tres ou quatro que logo depois da escaramuça, foram enviados gravemente feridos e mutilados para as ambulancias do Corpo expedicionario, deixaram os medicos assombrados da coragem com que soffreram terriveis operações cirurgicas. Ferravam nervosamente os dentes, mas não soltavam um ai!

Toda essa gente me foi visitar á minha palhota, em formatura marcial. Ainda agora me parece que os estou vendo, ao descahir da tarde, marchando, ao longo da praia sobre a area ainda endurecida pelas aguas estampando os negros vultos moventes no fundo azul e prata do mar. Abriam a marcha os chefes, cinco ou seis, pannos de listas cingidos aos rins e fluctuando em torno das pernas nuas, fardas velhas ou casacos paizanos deixando a descoberto, da cinta ao pescoço, musculosos thorax polidos, cabeças cobertas por casquetes de variados moldes apenas uniformes na sordidez. Só esses levavam espingardas. Seguiu-os a chusma dividida em duas columnas cerradas, tendo por unico armamento bambús do Donde, empunhados a modo de azagaias, mas ordenados bellicosamente e acertando o passo pelo rhythmico d'uma canção de guerra, grave melodia entoada a meia voz, em côro com uma afinação exemplar.

Impressionava aquella apresentação. Havia gravidade e gallardia na marcha, solemnidade no canto, antes triste como de quem

vae para a morte, do que festivo ou violento em homens correndo á vingança e á victoria. E infundia um certo respeito.

Pensei de mim para mim que se aquellas mangas de gentes viessem em som de guerra esgrimindo puidas azagaias, mais d'um bravo europeu havia de descorar deante de sua arremettida.

Estas impressões dissipavam-se, porem, desde que se observavam de perto e a um por um os singulares guerreiros, que em massa tanto aparentavam. Os rudimentos do fato e os atavios cafreaes tornavam-n'os burlescos, achincalhavam-n'os, davam-lhes ares de creanças que no carnaval tivessem saqueado uma loja de adelo. Os figurinos, — figurinos de miseria e vaidade pueril, — eram immensamente variados. O mais simples compunha-se d'uma simples tanga, bem mal composta ás vezes, e d'um chapéu de feltro acochichado ou um *bonet* de quadrados, ou um lenço de côr atado com grossos nós de pontas espetadas, encarrapitado no touço langudo. Outros admittiam peças de vestuario europeu á excepção de calças e botas, usadas de um modo caprichoso: camisas que se recordavam vagamente de terem sido brancas, com a fralda solta e pendente; colletes abertos sobre peitos cabelludos e deixando passar pelas cavas tsnadas braços nus; um ou outro chapéu alto de seda vergando sobre si mesmo com vergonha do seu largo galão de cebo empastado; capotes fel-pudos de soldados vestidos sobre a pelle luzidia da transpiração; toda a trapagem da feira da ladra pendurada á aventura em cor-pulentos manequins animados.

A nota mais original da mascarada de nús eram todavia os enfeites da cabeça. Para serem tidos por ferozes, alguns honrados chefes de familia tinham atado á cabeça um par de chifres, cuidadosamente dispostos para ficarem muito espetados, muito ameaçadores, cada qual sobre uma fonte; outros mais modestos, contentavam-se com um chavelho só, mui alentado e fixavam-n'o no meio da testa, Julgavam-se terrificantes, assim armados. A par d'aquelles viris adornos escabrosos, pareciam afeminados, as franjas, os aspectos, as guarnições variamente dispostas de cabellos da carapinha e da barba mettidos dentro de canudos delgados de palha ou enrolados em páusinhos, com que apesar dos trabalhos do matto, certos Narcisos de carvão tinham querido fazer realçar a formosura. Os tubos de folha ou de madeira, as capsulas de cartuxos de espingarda, mettidos nos buracos das orelhas não eram peças de decoração vaidosas; eram objectos de utilidade, porque serviam para guardar tabaco.

Muitos dos negros assim mettidos em caricatura eram bellas estampas de homens, altos, robustos, bem proporcionados, esbeltos. As *modas* do sertão, quasi tão irrationaes como as da Europa, e o aproveitamento dos trapos velhos da civilização, mais por vaidade do que por commodidade calumniavam tor-

pemente a natureza. Se a velha Grecia tivesse colonizado a Africa teria prohibido aos indigenas vestirem-se e adornarem-se! A' marcha marcial seguiu-se o *batuque*, ou antes a exhibição das pantomimas chorographicas, que entre os povos do Sul têm sempre uma intenção e como que um libretto bellicoso.

(*Continúa*).

INDELEVEL

No claustro a escuridão era sombria, tetrica.
Apenas uma luz, sinistramente, a espaços,
irradiava uns clarões, amortecidos, baços,
no extenso corredor de abobada symetrica.

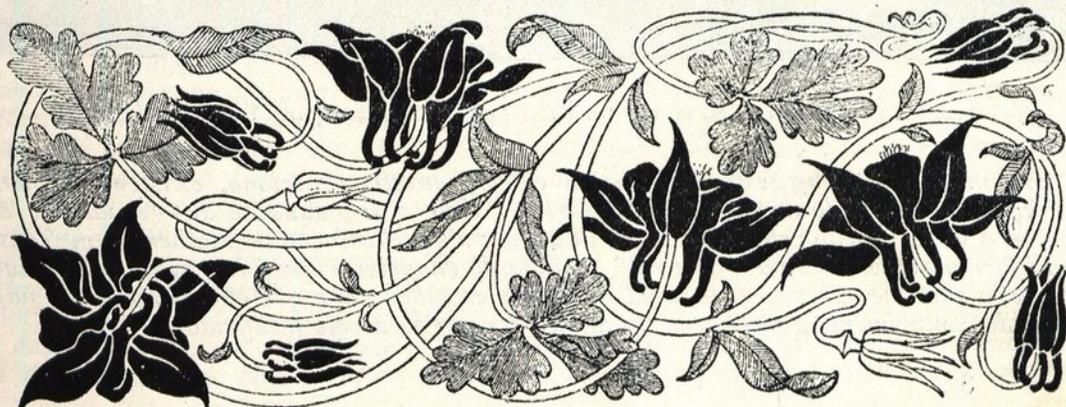
A leve oscillação, cadenciada, metrica,
d'um pendulo qualquer soava debilmente.
Caía a mais e mais a treva. De repente
a lampada fulgia, avermelhada, electrica.

De novo a sombra espessa a distender o manto.
De novo, quasi extincta, a chamma vacillante,
no crepitar final, tremeu. . . sumiu-se, alfim!

E o monge que vagueia, estaca e scisma. Ai quanto
mais negra em si não era a treva dolorida
que um perjurio rasgou no seu amor sem fim!

(*Vibrações*).

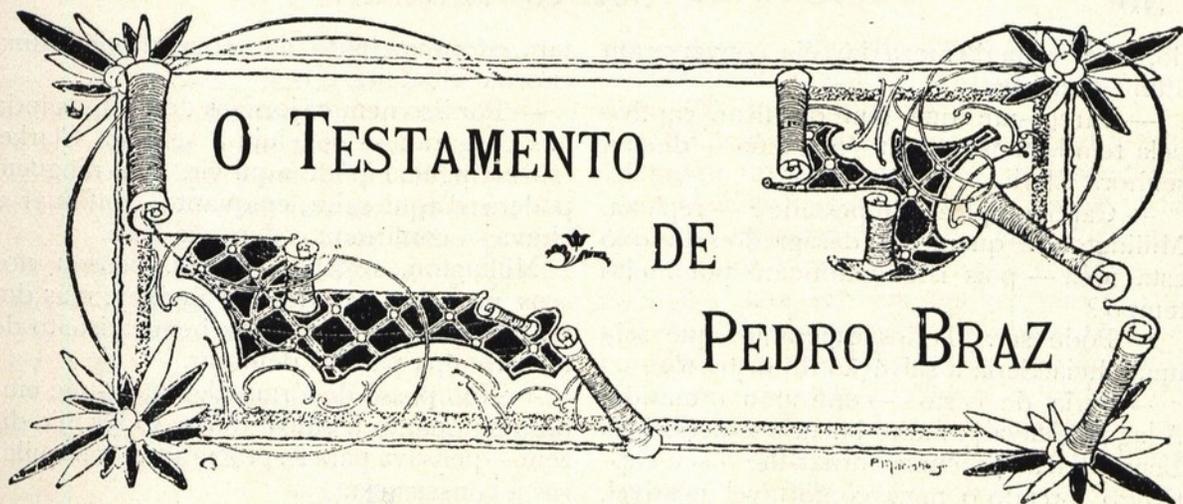
ALBERTO MARQUES PEREIRA





LAURA DE DIANTI E AFFONSO DE FERRARE. — QUADRO DE TIZIANO VECELLI

Este magnífico e suggestivo quadro do celebre mestre veneziano, existente no museu do Louvre, era mencionado na collecção de Carlos I com a denominação de— A amante do Tiziano. — A investigação critica moderna julga vêr n'aquella formosa mulher, bem consciente da sua formosura exuberante, o retrato da filha do chapeleiro que foi a amante do duque de Ferrare, o qual lhe apresenta, no quadro, os dois espelhos para que ella não duvide, julgando lisonja, do comprimento galante que lhe dirige, tocado do desejo insoffrido...



O TESTAMENTO DE PEDRO BRAZ

CAPITULO NONO

De como o amor e o acaso felicitam os herdeiros de Pedro Braz, e de como se encontra afinal o perdido testamento.

As commodidades de vida em Golgolgoa não podiam sequer comparar-se ás de Riverina, e alem d'isso João Millington estava ancioso de rever Catharina, seu unico pensamento desde que a encontrara. Com o coração palpitante e agitado partiu para a sua jornada, sem attender ás apprehensões do seu gerente sobre a incerteza do tempo. Tão absorto ia nos seus agradaveis pensamentos, que não reparou como o céu escurecera. Repentinamente a luz deslumbrante de um relampago, seguido do medonho estampido do trovão, acordou-o do seu sonho delicioso.

— Estamos dentro de uma tempestade, pavorosa — disse para o rapaz que conduzia o pequeno *buggy*.

— Sim, tenho estado a vel-a approximar-se n'estas ultimas quatro milhas. Póde ser porém que não dê chuva, e embora seja bem

precisa, melhor seria que não viesse agora — e o rapaz consultava com a vista o céu completamente nublado.

Antes mesmo que se tivesse voltado para os cavallos, um outro relampago brilhou em volta d'elles, como envolvendo-os, estalou secco o ribombo do trovão e em seguida a chuva cahiu em torrentes. Ficaram alagados completamente. A tempestade bramia furiosa. Fuzilavam os relampagos sem intervallo. Os trovões rolavam através das planicies como descargas de artilharia em combate. Os cavallos estacavam a miude. Um acre cheiro de ozone denunciava a forte electrização do ar. Debaixo d'uma chuva ininterrupta, chegaram a Riverina noite fechada.

Toda a gente veio á varanda quando sentiram o som do carro, e a senhora Clarke sorriu-se intimamente quando soube quem era.

Bem depressa ambos, o advogado e o rapaz cocheiro tinham vestido fato secco e cada um sentava-se confortavelmente á espera de comida. A senhora Clarke e Catharina acolheram com mil gentilezas o moço advoga-

Synopse dos oito capitulos publicados — Um velho fazendeiro australiano, Pedro Braz cuja origem é desconhecida, e de quem se não conhece familia, morre depois d'uma viagem tendo promettido a Helena Moss, cuja vida infeliz o commovera, e a João Millington, advogado intelligente em principio de carreira, deixar-lhes em testamento todos os seus bens que são avultados. Depois da morte, porém, não se encontra o testamento, e as propriedades, á falta de herdeiros conhecidos, entram em administração judicial. Faz-se leilão dos moveis; e alguns objectos da mobilia dispersam-se pelo mundo. Corre a lenda de que a alma de Pedro Braz anda penando e parece que a desventura acompanha sempre os possuidores diversos d'aquelles taes moveis que perteceram a Pedro Braz, o velho criador de gado. Um tal José Candler, vagabundo, chega por acaso a Malugalala; pede pousada, é recebido, e informa-se do caso do testamento de Pedro Braz. O criado d'este, Bob, rapaz gracejador, encontra na physionomia de José Candler pareanças com o fallecido patrão. Em conversa, pergunta lhe se elle vem recolher a herança, e accende-lhe assim o fogo da ambição. Faz o seu plano, procura o advogado Millington propõe-lhe dividirem a herança, fazendo-se elle passar por sobrinho de Pedro Braz. E' repellido severamente. Encontra um advogado desacreditado Geeves, e os dois associam-se n'uma demanda para obter a herança. Helena Moss parte para uma fazenda no interior, acompanhando, como governante, Francisco Crapp, jornalista, o qual vae substituir o dono das pastagens, seu amigo, que se ausenta por alguns annos. A fazenda Narenita é proxima de Malugalala. Helena Moss volta a visitar a antiga fazenda de Pedro Braz. Descre-

do, e em volta da meza da ceia conversaram animadamente.

— Parece-me que tem de ficar captivo pela tempestade, se isto continúa — disse a senhora Clarke.

— Captivo pela tempestade? — replicou Millington, a quem não desagradou de todo esta idéa — pois isto continuará por muito tempo?

— Póde ser. Todos esperamos que seja uma cheia. Seria a salvação do districto.

— Seria de certo — confirmou o marido. A agua estava já muito baixa nos depositos. Bem podem procurar tornar-lhe o seu captivo forçado o mais confortavel possível, accrescentou dirigindo-se para as senhoras.

A chuva parecia não querer nunca acabar. Cahia agua dia e noite sem cessar. O rio engrossara e os tanques trasbordavam. Não havia o minimo divertimento em Riverina, nem era possível sequer sahir de casa, todavia o moço advogado admirava-se de achar deliciosa a vida. Catharina e elle passavam horas estudando duetos, tocando piano e conversando. As recordações de Narenita occupavam a parte mais interessante das conversas.

— Aquelles dois parece que se comprehendem muito bem, dizia o senhor Clarke á mulher, vendo-os n'uma tarde, na larga varanda coberta, ensaiarem umas voltas de valsa, que ambos entoavam para lhes servir de acompanhamento.

— Quando chegará o correio? Devo por certo receber agora uma carta de Sydney — disse João Millington, dirigindo-se aos donos da casa, n'aquelle mesmo instante, parando de dançar.

— Nenhuma esperança de receber correio pode ter emquanto durar este tempo. O factor não póde atravessar, emquanto o rio não descer. De mais disseram-me esta manhã que um dos tanques de barragem arreben-

tara, e formara junto da pequena ponte uma enorme albufeira.

— Por isso nem os jornaes de Neilpo ainda nos chegaram — concluiu a senhora Clarke.

— Ninguém póde aqui vir, nem ninguem poderá d'aqui sahir, emquanto continuar a chuva — confirmou o dono da casa.

Millington, repetidas vezes, pensou nos seus negocios parados em Sydney, mas devia confessar-se que estava bem satisfeito de ter desculpa para se demorar.

— Não posso de fórma alguma ir-me embora emquanto a chuva durar, todos m'o dizem — pensava para si, procurando tranquillizar a consciencia.

Assim decorreram dez dias, ao cabo dos quaes reunidos em volta da meza para o almoço, esperavam pelo senhor Clarke que ousara sahir. Afinal entrou afadigado, perguntando alegre:

— Estará o café ainda quente?

— Sim, respondeu-lhe a mulher, servindo-lhe uma grande chicara — Onde estiveste?

— Lá em baixo nos tanques. Estava receoso de que houvesse desastre. O tempo está serenando. E como para lhe confirmar o dito, entrou pela janella aberta um raio de sol. João Millington anathematizou intimamente aquelle raio de luz, elle que tanto gostava já da musica da chuva.

— Agora vaed dar-se em dois ou tres dias uma grande transformação, — disse a senhora Clarke — O senhor não pode partir antes que baixe o rio, por isso terá opportunidade de a vêr.

— Mas eu precisarei forçosamente partir, mal aclare o tempo.

— Não deve ir ainda, mesmo porque não é possível, e aproveitará vêr o aspecto unico que apresenta Riverina depois das chuvas. E' um acaso de uma vez na vida — e a sua hospedeira sorria-se, sorvendo um golo de café.

vem-se varios incidentes da vida do matto. Retoma-se em seguida a viagem de Walter Reid e sua familia, a casa de quem tinham ido parar os moveis de Pedro Braz, e sobre elles pesa a má sina que parecia perseguir os diversos donos dos taes moveis. Walter Reid morre deixando ao desamparo seus tres filhos, pouco depois de ter desembarcado na colonia; os pequenos alcançam collocação, e separam-se, obtendo a mais velha, Catharina um logar de governante em casa dos Green que são administradores da fazenda Narenita. Os moveis são mais uma vez vendidos em leilão e de novo se dispersam. O pretendente, Candler, á herança do tio Pedro Braz, visita acompanhado do seu advogado a fazenda de Malugalala. Bob vigia-lhe as intenções, e n'um dia, em que exercia esta vigilancia, descobre varios documentos que se referem á vida de Pedro Braz, embora nada elucidem sobre o testamento. Bob deu d'elles immediato conhecimento á senhora Moss que por seu turno os descreve em carta ao advogado Millington. Entretanto Catharina Reid, visitando uma fazenda proxima de Nerenita, encontra uma amiga de infancia de sua mãe, a qual deseja leval-a para a sua fazenda em Riverina e sendo rica toma-a sob sua protecção, bem como aos irmãos mais novos. Catharina parte para a sua nova residencia, deixando á senhora Green saudosa recordação. O pretendente Candler á herança de Pedro Braz julgou opportuno propôr a acção, querendo justificar parentesco com o velho fazendeiro. Os documentos achados por Bob servem para desmascarar o embuste de Candler. O acaso d'uma visita de Millington ás propriedades em administração em Golgolgoa fal-o encontrado com Catharina, de quem se enamora.

A menina Reid e elle sentaram-se na varanda, silenciosos, ambos antevendo o fim dos bellos dias ali passados, e ambos cheios de pezar intimo e inconfessado.

— Terei grande pena de deixar Riverina. Não julgava que n'um sitio tão distante e tão isolado pudesse vir encontrar tanto prazer, disse João, quebrando o silencio. A vida na fazenda, no matto, é tão livre e sem convenções; nunca na minha vida apreciei tanto uma visita.

— Sim, foi muito agradável — replicou Catharina suspirando. — Quem sabe se nos encontraremos em Sydney.

— Vae para a cidade? — perguntou elle com ansiedade.

— Sim, vamos para Sydney no proximo mez. Depois partimos todos para Inglaterra.

— Para Inglaterra! — e tomou alento, como se recebesse uma punhalada.

— Sim, para Inglaterra — confirmou Catharina serenamente, porém com declarada tristeza na voz.

Na manhã seguinte, quando o moço advogado sahia do quarto, a sua amavel hospedeira, chamou-o e disse-lhe: — Vemha vêr, sr. Millin-

gton a primeira parte da transformação do scenario.

Tão longe quanto a vista podia alcançar, cahia sobre o chão um nevoeiro verde-palido. Era como se houvessem coberto a terra d'uma tenue gaze.

— O que é? — perguntou elle.

— Relva — foi a resposta.

— De certo que não é, duvidou sorrindo.

— E', e em poucos dias havemos de a vêr, ondeando ao sabor da briza. Bem se vê que não conhece Riverina.

— Se alguém me tivesse dito que existia o mais leve germen de vida n'esta arêa, eu teria respondido que era uma historia falsa. Se m'o tivessem dito quando aqui cheguei, não teria de certo acreditado.

Tres dias depois quando elle partiu para a

sua jornada, a relva chegava-lhe á altura dos joelhos e todo o aspecto do paiz estava mudado. Era lindo de ser visto.

A despedida entre a menina Reid e elle foi muito formal, como são as despedidas entre aquelles que se encontram e teem sido amigos n'um curto convivio. Quanto elle desejaria dizer-lhe tudo que lhe ia na alma, e pedir-lhe para ser sua mulher, mas não se atreveu. Os seus actuaes proventos não lhe permittiam ainda tomar o encargo de familia, mesmo que ella acceitasse o pedido, do que elle duvidava. Aquella encantadora rapariga havia de ir para Inglaterra e elle perdel-a-hia para sempre.

Pobreza, quanto és cruel! Se ao menos apparecesse o testamento de Pedro Braz, que bom seria! Sanavam-se todas as difficuldades. — Dirigir-me-hia a ella immediatamente e pedir-lhe-hia que fosse minha mulher — dizia elle, enquanto se recostava no vagon do comboio que o trazia outra vez a Sydney.

O moço advogado achou maior difficuldade do que suppunha em se entregar ao trabalho, e á medida que se passavam os dias com menor coragem se animava a abrir o correio. Catharina promettera annunciar-lhe quando poderiam chegar á cidade e uma carta d'ella quereria dizer o principio do fim. O que seria d'elle! Os dias e as semanas



... E' a minha cadeira, affirma a sr.^a Moss...

iam passando mas nenhuma carta veio de Riverina, até que chegou o fim do mez. O que queria isto dizer? Ardia em febre de desespero e de duvida. Avidamente lia nos jornaes a lista dos passageiros que partiam para Inglaterra, receoso ao mesmo tempo de vêr o nome d'ella entre elles, porém para sua intima consolação ainda não tinha apparecido até então.

Na propria manhã do ultimo do mez recebeu uma carta de Neilpo com a lettra de senhora.

Elle nunca tinha visto a calligraphia de Catharina, mas o character d'aquella lettra do sobrescripto não lhe fazia parecer que fosse d'ella; o talhe não correspondia ao que elle conhecia do temperamento da sua amada, e Millington gabava-se de ser eximio grapho-

logo. Com effeito a carta era da sua hospedeira, a senhora Clarke.

A bondosa senhora tinha-lhe adivinhado o segredo do coração e sympathisára com elle. Comprehendia que elle estivesse morto de curiosidade por saber noticias de Catharina, portanto escreveu-lhe delicadamente uma carta, dando-lhe conta do que mais particularmente lhe podia interessar. Que em virtude da doença d'uma parente, senhora de avançada idade, dona d'uma outra fazenda proxima, estava abandonada a idéa de partirem por agora para Inglaterra.

— Graças a Deus — exclamou elle em tom piedoso, não desejando comtudo mal á pobre senhora na sua doença. — Que o medico tinha vindo duas vezes na semana; que Catharina era com inexcedível dedicação a principal enfermeira, visto que a senhora doente vivia só, e que elles, seus unicos parentes, não a abandonariam em Riverina.

João Millington viu n'este adiamento de partida um bom presagio para a realização do seu desejado projecto, e pareceu-lhe que a vida era melhor, e o trabalho mais leve e agradável.



Crapp recebeu em Narenita uma carta do amigo, a quem ficara substituindo na gerencia das propriedades, pedindo-lhe que fosse a Inglaterra. A educação dos filhos, a saude melindrosa da mulher obrigavam-o a demorar-se mais do que pensara, e negocios importantes reclamavam a sua presença. Assim Crapp teria as suas ferias, e accrescentava com uma leve ponta de ironia, teria tambem editor para o seu novo romance. Deixou Narenita acompanhado dos Moss, marido e mulher. Uma luzida cavalgada de amigos veio a dez milhas de distancia para lhe dar uma cordeal despedida. Os Greens acompanharam-o até Talworth.

O sr. Millington foi ao encontro d'elles na estação do caminho de ferro de Redfern, e levou Francisco Crapp para sua casa em Darhsighurst, onde havia de passar os dois ultimos dias da sua estada na colonia.

Os Moss foram para Bondi e deviam demorar-se ali uma semana em casa da velha tia da senhora Moss. — Precisamos de descanso, e a tia sabe quanto me é agradável rever a minha querida e velha Sydney, — disse a senhora Moss com enthusiasmo. Não ha nada que se lhe compare no paiz. Todas as ruas, os barcos, os carros, as egrejas, são como velhos amigos. E' realmente encantador.

Na manhã seguinte procuraram João Millington no seu escriptorio.

— Não ha dez minutos que o Crapp sahio d'aqui — disse o advogado. — Foi comprar alguns photos e outras miudezas para a viagem. Volta breve, e elle deseja passar estas ultimas horas junto dos amigos. E' verdade, deixe-me dizer-lhe que encontrei uma pessoa de sua amizade, — e Millington córou espantosamente.

— Sim, quem?

— A menina Reid.

— Quem disse?

— Sim, ella; encontra-a hontem quando ia para a estação de Redfern.

— Ella parte para Inglaterra? perguntou a senhora Moss.

— Não, nem creio que vá, porque devo dizer-lhe que a pedi em casamento, embora não o possa realizar immediatamente.

— Estou bem satisfeita e felicito-o sinceramente. — exclamou a senhora Moss — desde que conheci a menina Reid achei sempre que devia ser sua noiva em breve. Onde está Catharina?

— Em Sydney agora. A senhora Pendrith esteve muito mal, sem esperanças de vida. Está agora melhor; mas o doutor prohibiu-lhe a longa viagem por mar. Estão vivendo em Burwood, e hão-de ficar muito satisfeitos de a vêr. Fallam muitas vezes em si e nas amigas de Narenita.

No dia seguinte de manhã reuniram-se todos no caes para a partida de Crapp.

— E' verdade. Se souber alguma cousa do testamento, senhora Moss, não deixe de me participar — dizia Crapp abraçando um a um os seus amigos. Pouco depois encostado ao resguardo do tombadilho acenava com o lenço demoradamente para os que estavam em terra no caes vendo afastar-se o navio.



Chegara o dia de regresso dos Moss a Narenita. Tinham de ir ainda fazer umas ultimas compras.

— Estou deveras contrariada por uma cousa, dizia a senhora Moss.

— Por quê? perguntou-lhe o marido.

— Estava certa de que, quando aqui viesse, a Sydney, encontraria a velha cadeira de Pedro Braz. Era mais do que um presentimento; era uma convicção. Estava certa d'isso.

— Era uma convicção enganadora, que se desfez, como fumo — disse o marido.

— Sim, estou desalentada. Pedi á Catharina que a procurasse, visto que vive agora aqui. Eu descrevi-lh'a, e parece que ella tambem tinha uma igual em Inglaterra e prometeu-me procural-a.

— Talvez a cadeira d'ella fosse a mesma. O sr. Millington contou-me uma vez que ouvira

dizer que os moveis tinham ido para Inglaterra.

— Isso é uma hypothese tua, e tão enganadora como a minha convicção.

Em quanto seguiam pela Arcada de Sydney, encontraram-se, como haviam ajustado, com a menina Reid.

— Oh, senhora Moss — exclamou ella, foi acaso á rua de Castlereagh?

— Não; porquê?

— Porque está lá uma cadeira parecida com a que nós tivemos em Inglaterra, e como aquella que me descreveu. Está n'uma loja de moveis usados, sómente está pintada e com dourados.

— Vamos já vel-a, disse com enthusiasmo a senhora Moss.

— Não póde ser a nossa, porque esta é pintada, e a nossa era em madeira natural.

— Também a minha. Conhecel-a-hia em qualquer lugar que fosse. Eu gravei bem fundo as iniciaes P. B. e as minhas H. M. no vigamento da cadeira pela parte de baixo.

Catharina parou e olhou para ella espantada.

— Oh! senhora Moss que notavel coincidencia! Essa era a nossa cadeira. Vendemol-a depois da morte de meu pae.

— Aqui?

— Sim, aqui em Sydney.

— Vamo-nos sem demora — interpôz a senhora Moss.

Continuaram até a rua Castlereagh, indo através da Arcada Imperial, e breve estavam na loja de mobilia. Lá, arrumada a um lado, estava uma cadeira de braços antiga, luxuosamente dourada. A pintura dera-lhe um aspecto burlesco, que a anciedade de a descobrir lhes fazia completamente passar desapercebido.

O adelo, na impossibilidade de a vender tal como era, teve a brilhante idéa de mandar pintar e dourar o antigo movel. Assim ficou uma cadeira de braços antiga resplendente de pintura japoneza dourada.

— E' a minha cadeira — segredou a senhora Moss. — Conhecel-a-hia mesmo quebrada em pedaços.

— Não demonstres interesse, porque o

homem então regateará no preço — disse o sr. Moss. Deixem-me com elle; porque, se pensa que temos desejo particular de a possuir, pedirá dobrado.

— Pergunta-lhe se tem retratos antigos, e depois ajustaremos o preço. Tenho empenho em encontrar os dois objectos — replicou a mulher.

Feita a pergunta disse que sim, que tinha muitos, a oleo, que os ia mostrar. Estiveram analysando miudamente, apparentando vêr só as molduras. O retrato porém não estava entre elles. Perguntaram se não tinha ainda outros. Não estava certo; foi procurar. Em quanto elle se afastava, as duas senhoras levantaram a cadeira. Lá estavam as iniciaes.

O vendedor voltou com um retrato muito arruinado, unico que tinha encontrado. Era o retrato de Pedro Braz.

Affectando um capricho sem explicação plausivel, ajustaram os dois objectos por preço ridiculo para o desejo intenso que a senhora Moss tinha de os adquirir, mas ainda sufficiente para o adelo suspirar de allivio por se vêr livre de semelhantes tropeços. Os artigos deviam ser empacotados e mandados para a estação do caminho de ferro; e pagaram-lhe ainda o empacotamento.



... entre as telas um papel bem acamado...

Foram depois ao Hyde Park em romagem de saudade, recordando o casual encontro que a senhora Moss ali tivera com o velho Pedro Braz, e por ultimo seguiram para o escriptorio de João Millington; Catharina tomou no caminho o tramway para regressar a casa.

— Sr. Millington, dê-me os parabens — exclamou a senhora Moss, quando entrava a porta do escriptorio. — Fiz um achado. Mal imagina. Encontrei a cadeira antiga de Pedro Braz, e o seu retrato ambem. Estão já comprados. Não esteja desalentado, — vendo-lhe passar na phisionomia uma sombra de desanimo — Deus está-nos protegendo e sinto que estamos em vespersas de grandes descobertas — e olhando para o marido que se sorria duvidoso:

— Sabes que te não deves rir das minhas convicções. Tiveste hoje uma prova bem evidente.

— Bem sei, — replicou elle com bondade.

— Presinto que a nossa vida só agora vae principiar — dizia a senhora Moss ao marido quando, sentados no *buggy*, seguiam para Narenita.



— Agora já me pareces melhor — dizia a senhora Moss, apostrophando a antiga cadeira. Ajoelhada defronte d'ella na varanda da casa de Narenita, com uma toalha na mão, continuava no seu trabalho de dias, tentando desfazer a pintura com que a haviam coberto e conseguira afinal com o auxilio da therebintina fazer desaparecer todos os vestigios do excêntrico dourado, mesmo nas menores cavidades da talha.

A cadeira ficou na varanda ao ar livre, para que se evaporasse todo o cheiro da agua raz, e só depois a collocou no seu quarto de dormir com uma almofada por cima.

— Sim, agora ao menos pareces mais natural; voltaste ao teu antigo estado, minha pobre cadeira. Agora falta-me limpar o retrato, — o qual tinha pendurado defronte na parede, afim de que, sentando-se, pudesse vel-o e recordar-se do tempo ido.

Uma simples lavagem com vinagre e agua deu-lhe um aspecto brilhante e fresco.

— Mereces uma moldura melhor e logo que possa arranjar-te-hei outra. Podia ter dito ao Henrique para me trazer uma; mas não importa, melhor será esperar até que eu propria a vá escolher.

O sr. Moss voltara a Sydney para negocios relativos á fazenda e só regressava dentro de alguns dias.

Depois do chá levou o candieiro para o seu quarto. Sentou-se na famosa cadeira e ficou ali por algum tempo, reflectindo como aquelles dois objectos tinham viajado, as voltas que haviam dado, os diversos possuidores, a influencia nefasta que parecia terem produzido sobre a vida dos Reids, conforme

lhe contara Catharina, e como elles andaram sempre juntos:

— Deve haver aqui algum mysterio! — exclamou, convicta.

Pegou na pintura para ir pendural-a, e examinou-lhe a moldura quebrada. Quiz concertal-a um pouco, e trouxe-a para cima d'uma meza. Como estivesse ajustando a tela enfunada, pareceu-lhe ver que havia duas telas em lugar de uma, a da pintura e outra de fundo pela parte de trás. Como mulher, não esperou para tirar os preguinhos; pegou n'uma tesoura e cortou. Entre as duas telas, um papel cuidadosamente acamado. Curiosa, tremula, retirou-o com todo o vagar porque quasi adherira ao panno e leu as primeiras palavras. Era o testamento de Pedro Braz.

Não finalizou a leitura, correu á varanda e chamou pelo criado:

— Corra depressa á casa do sr. Green e peça-lhe, se me pôde conduzir a Talworth: preciso partir immediatamente para Sydney.

Instantes depois, chegava o sr. Green com o *buggy*.

— O que ha? o que succedeu? exclamou, reparando que a senhora, já prompta, trazia na mão uma pasta muito bem embrulhada e atada.

— Achei o testamento de Pedro Braz — replicou subindo apresada para o carro.

— E' possivel? O que me diz?

Ella narrou-lhe a maneira como o tinha encontrado. Seguiram com a maior velocidade, e de Talworth o sr. Green preveniu pelo telegrapho o sr. Moss para esperar na estação de Sydney sua mulher, e tambem a João Millington.



— Henrique até que chegou o dia feliz — exclamou a senhora Moss saltando do comboio. Chama um carro e sigamos para o escriptorio de João Millington — Encontrei o testamento! . . . Admirados e surpresos ficaram silenciosos, e talvez n'este silencio houvesse um fundo de duvida. A senhora Moss contou-lhes o succedido.

— Feche a porta, João Millington — disse ella, enquanto este a seguia com o coração



... Sr.^a Moss, felicito-a ...

palpitante. — De certo não quer ser interrompido hoje pelos clientes.

O advogado examinou a escripta, com a face pallida e as mãos tremulas. — E' o testamento intacto e perfeitamente valido. E' justamente como elle m'ò dissera. Veja aqui, a penna da testemunha que disse ter esbarrado no papel ao fazer a assignatura e apontava os signaes onde havia salpicado a tinta. Muito solememente em seguida leu o testamento.

Era simples e curto. Depois de ter disposto de alguns legados a favor de todos os que estavam a seu serviço no tempo da sua morte, estatuiu uma annuidade de quinhentas libras por anno a Roberto Hawbre, — aquelle excellente e activo Bob de Malugalala, e depois dizia: «Recommendo com muito interesse aos meus testamenteiros que procurem os descendentes directos, se existirem alguns, de Henrique Burgoyne, e, precisando elles, de distribuir-lhes mil libras por anno, ou, se não precisarem, de lhes dar, a cada um uma recordação em memoria minha e em lembrança da bondade que seus antecessores prodigalizaram a um pobre orfão sem amigos, e sem protecção. Deixo toda a minha propriedade de Malugalala a Helena Moss

para seu unico uso e beneficio; o remanescente da minha fortuna toda e tudo mais deixo á dita Helena Moss e a João Millington, advogado em Sydney, para ser igualmente dividido entre os dois». E seguia-se uma enumeração promenorizada das propriedades.

— Senhora Moss felicito-a. — E' uma das mulheres mais ricas da colonia — exclamou Millington acabando a leitura.

Ella retribuiu os cumprimentos, dizendo:

— Nós tambem os felicitamos. Elle cumpriu com abundancia as suas promessas — murmurou a senhora brandamente, recordando-se do velho Pedro Braz, n'uma oração intima.

— Quer escrever a Crapp a contar-lhe tudo? — perguntou o advogado quando se levantaram para partir.

— Por certo! Como ficará surprehendido! E, diga-me senhor Millington, quando se realiza o seu casamento?

— Muito breve, de certo, respondeu sorridente o moço advogado.

Os Moss tiveram de se demorar na cidade mais tempo do que esperavam; porém, quando voltaram para o matto, eram já os donos da magnifica fazenda de Malugalala.

(Fim).



FÃO (ESPOZENDE). — PONTE SOBRE O CAVADO

DESCANTES

Versos de

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

Musica de

AVG. MACHADO

Andantino $\text{♩} = 42.$

PIANO

p

Pedia Deus que meou.

vis.se

poco cresc.

e Deus ouviu-me e eu sor.ri

Po. d'era. quenãosor.

Ao mar de fereza brava
fui meus soluços levar ;
mas, ao ver que eu soluçava,
deu-me consolos o mar.

risse Se estava jun.to de ti Canto ao qe m'êr da vi.
poco rinf.

o la Gêmeavi..o..laa meu canto Chora eminh'alma con.
p poco cresc.

so..la Eu choro e enxuga-me o pranto
1. 2. para conduir.

Diziam-me as ondas máguas,
diziam-me as ondas dores.
Agora as marinhas aguas
tem beijos consoladores.



SANTO ANTONIO. — CERAMICA DE R. BORDALLO PINHEIRO



VISTA GERAL DAS CATARACTAS DO NIAGARA

Utilização de forças naturaes

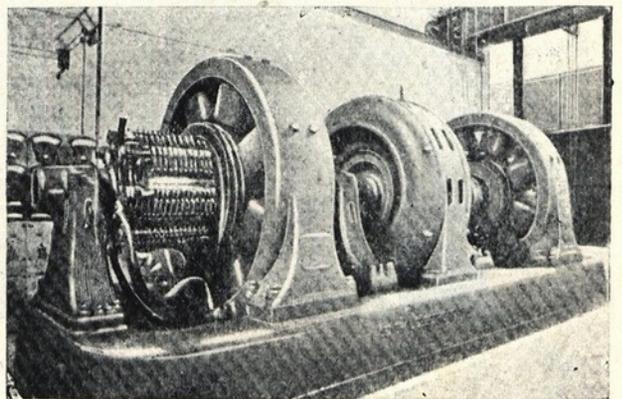
O NIAGARA

De todo o tempo travou-se rijo combate entre homem e a natureza, procurando aquella dominar as violencias d'esta, aproveitar-lhe a força desmedida, domesticar-lhes as bravezas indomitas, utilizar-lhe os beneficios gratuitos que ella rudemente prodigaliza. N'esta lucta incessante e profiada, o engenho e intelligencia humana supprem a inferioridade da sua fraqueza nativa, d'estas victorias, alcançadas á custa de grandes dispendios por vezes, iremos apresentando exemplos, que revistam caracter excepcional, como no artigo seguinte.

AS CATARACTAS do Niagara, as famosas quedas d'agua, são, como é sabido, as maiores do mundo, e pela intervenção intelligente dos americanos constituem hoje a origem da maior e da mais poderosa força electrica que se conhece. O Niagara domesticado, docil e benefico, transmite n'um circulo de 200 kilometros de raio, por meio d'um engenhoso systema de canaes e de cabos, a sua força brutal, illuminando cidades e aldeias, animando as fabricas, actuando as machinas. O rio Niagara recebe o seu enorme volume de agua dos lagos Eric, Michigan, Huron e Superior para a derramar, quasi immediatamente ao salto vertiginoso das suas quedas, n'um outro lago, o Ontario.

Estas ultimas teem uma altura de 48 metros e uma largura de cerca d'um kilometro, comprehendendo a ilha da Ca-bra (Goat's Island) em forma de ferradura e que separa, como fronteira, o territorio

americano do canadiano. Uma immensa toalha d'agua precipita-se d'aquella altura na proporção de meio milhão de toneladas por minuto, e pode desenvolver uma força



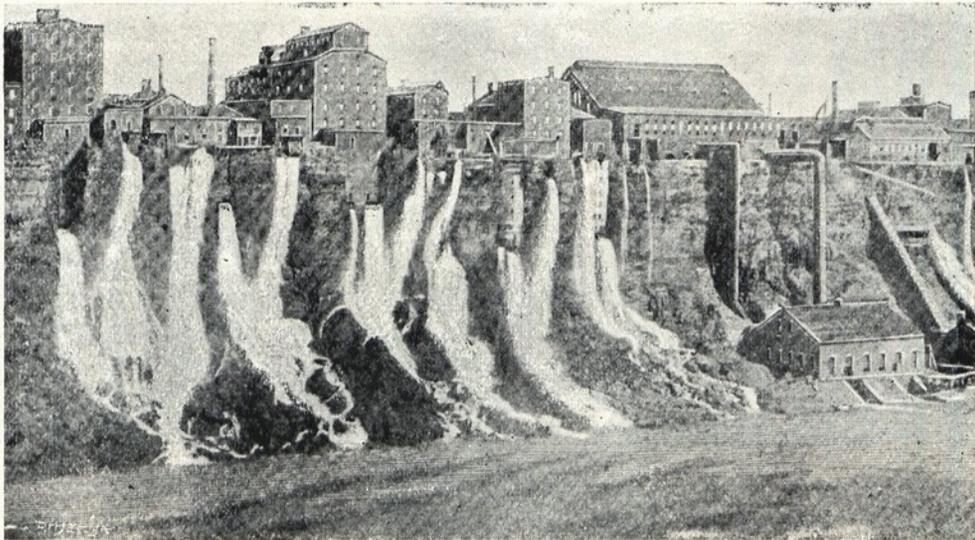
UM GRANDE DYNAMO

de oito milhões de cavallos-vapor, segundo calculos de engenheiros. Por em quanto ape-

nas uma pequenissima parcella d'aquella força colossal está aproveitada, e todavia suppre com vantagem de preço o carvão e o gaz.

Uma companhia exploradora, cujas officii-

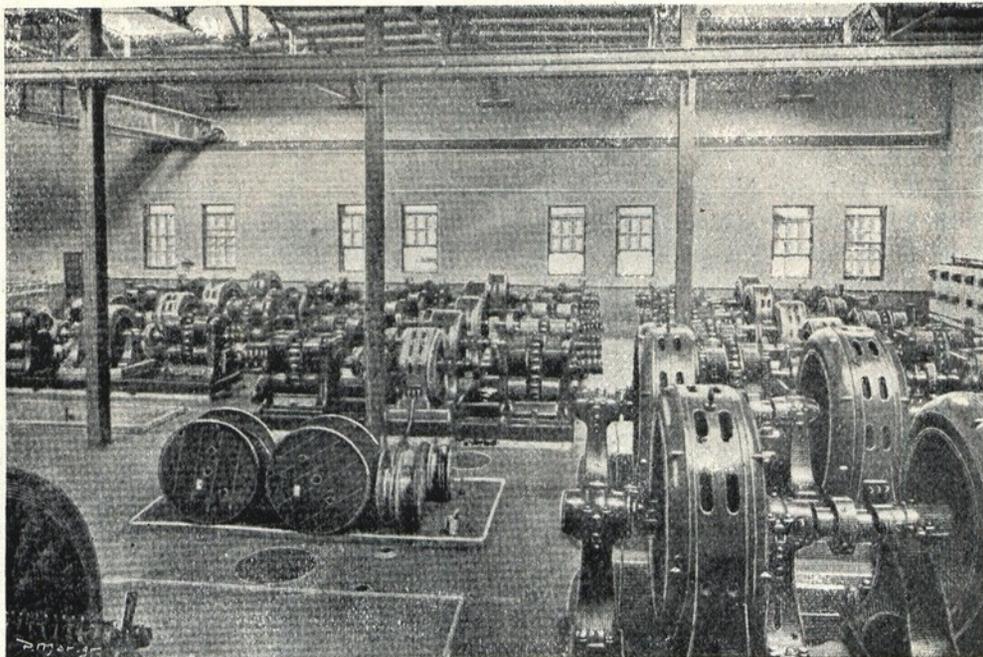
e acima das quedas um canal de cerca de dois kilometros de comprimento, que vem trazer a agua a tubos especiaes, a qual pelo facto da queda da altura de 48 metros produz a força necessaria a mover series de tur-



FABRICAS ESTABELECIDAS SOBRE A ESCARPA DA MARGEM, ANTERIORMENTE
Á INTRODUCÇÃO DA FORÇA ELECTRICA

nas oferecem aspecto fascinador pela grandeza, fornece 50.000 cavallos de força e completa as suas installações para elevar a 100.000 a offerta dos seus serviços, transmit-

binas, essas magnificas rodas hydraulicas horizontaes de pequeno diametro, as quaes por seu turno actuam poderosos dynamos productores. A agua, depois de ter impulsionado



SECÇÃO DE DYNAMOS QUE PRODUZEM A FORÇA ELECTRICA

tidos a distancia por cabos pouco mais volumosos do que um dedo pollegar.

Esta companhia construiu ao longo do rio

directamente as turbinas, é novamente conduzida por canal um subterraneo ao rio Niagara.

Tal é em resumo o systema de utilização d'esta poderosa força natural, e o exame das gravuras que acompanham este artigo elucida melhor do que uma descripção minuciosa a sequencia do processo empregado, cujos beneficios são aproveitados por uma área tão consideravel, onde a actividade emprehensora dos americanos encontra meio facil de se multiplicar.

Desde longos tempos e desde afastadas épocas, a força produzida pelas quedas d'agua foi aproveitada em trabalhos diversos, movendo os moinhos e as azenhas, e a mecanica hydraulica applicou o seu esforço inventivo em aperfeiçoar os motores actuados pelas aguas correntes, tanto na construcção das represas e das barragens, como das rodas e das turbinas, destinadas a transformar o impulso das aguas no movimento rotativo da arvore de força que produz o trabalho util. Principalmente na construcção das turbinas tem havido um decidido progresso.

Com o desenvolvimento dos meios de produção de electricidade, que mais recentemente tem occupado a attenção dos mecanicos inventores, e a qual ainda exige o emprego previo d'um motor qualquer, origem do potencial electrico, as quedas d'agua naturaes ou artificialmente produzidas, todas as vezes que se dispõe d'um curso de rio e d'um desnivel conveniente, tem sido aproveitadas, e por isso pequenas terras, insignificantes como população ou como importancia fabril, sómente gosando da proximidade d'um rio, manso e limpo, correndo sinuoso através de prados cultivados, ou d'um caudal rapido descendo apertado entre rochedos escarpados em declive vertiginoso, affectam a apparencia de luxuosas cidades, illuminando as estreitas ruas e as suas modestas casas com a luz scintillante das lampadas electricas. Curioso

aspecto e estranha surpresa se observam, por exemplo, n'este genero, quando se viaja nos baixos Pyreneos, onde abundam localidades de pequena importancia assim illuminadas.

E' certo, porém, que na Europa ainda as grandes quedas d'agua são mais falladas como aspectos pinturescos do que como productivas de força industrialmente applicada e transmittida a distancia. Esta caracteristica ultima pertence sobretudo ao arrojado mais frisante se conhece do que aquella subordinação das violentas cataractas do Niagara; os cabos telodynamicos seguem d'ali em sentido divergente, irradiando e complicando-se em malhas apertadas, do ponto central productor para distancias consideraveis, conduzindo a sua energia creadora.

Todavia, na Europa conhecem-se localidades onde se podia constituir fontes semelhantes de força para applicar ás industrias, e no nosso paiz bem facilmente se podia generalizar este processo hydraulico, evitando o consideravel dispendio dos motores de carvão de pedra, importado do estrangeiro, o que é uma perda d'ouro constante, e o que não raro encarece desmedidamente o preço da produção fabril, para a qual o custo do combustivel e seu transporte são excessivos. E' certo que nem sempre o motor hydraulico pode fornecer força durante o anno, nem offerece a regularidade por vezes exigida ao motor; tem a sua utilização difficulda-



SECÇÃO DAS TURBINAS QUE DESENVOLVEM A FORÇA MOTRIZ

des e inconvenientes, mas a intervenção moderna do dynamo, creando uma nova energia, a electrica, que assim é intermediaria, resolve muitos dos primitivos inconvenientes.

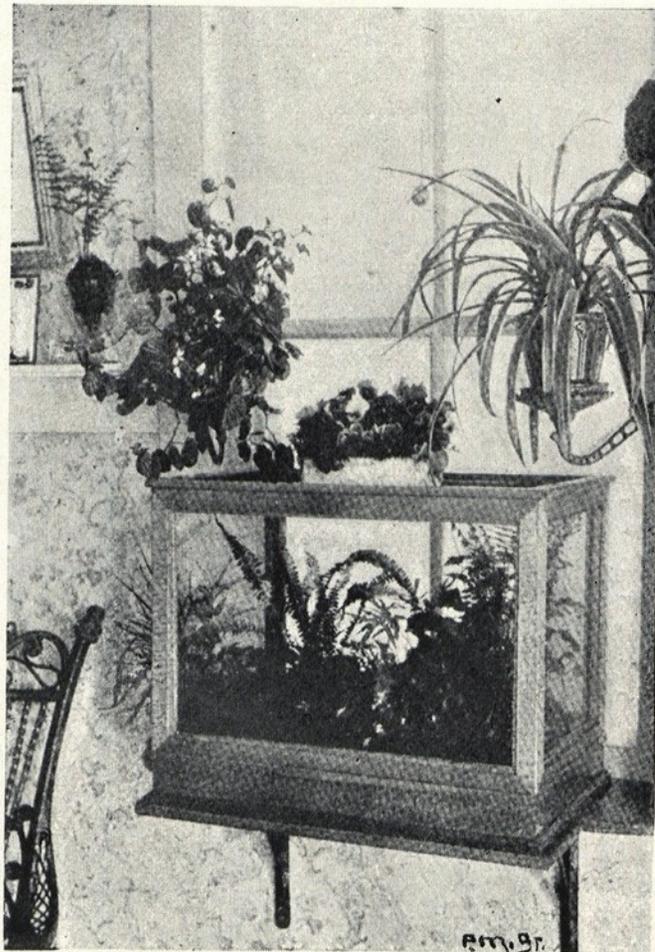


ESTUFIM DE SALA

D ESENVOLVE-SE de dia para dia o gosto pelas decorações do interior de casa com plantas ornamentaes e com flôres naturaes. Já vae longe o tempo em que alguns feixes ou pennachos de *gynerium* prateado bastavam para enfeitar as jarras, acompanhados por vezes de escassas flôres artificaes; hoje espalham-se pelas salas abundantemente os ramos de flôres cortadas e frescas e junto d'uma ou outra janella estabelecem-se estufins onde se cultivam algumas plantas de folhagem permanente ou extravagante que alindam o interior da casa, recordam em miniatura um trecho de paisagem, supprem quanto possivel a falta de jardim na forçada sobreposição dos andares de aluguer. Como modelo d'esses estufins, que muitas vezes attingem o aspecto de objectos de arte, damos nas tres illustrações, que acompanham este artigo, as sufficientes indicações para quem modestamente quizer mandar construil-os, tirando todo o partido possivel das condições artificiaes em que as plantas teem de viver. Vê-se bem claramente que é essencial serem moveis os caixilhos de vidro lateraes da caixa, afim de arejar o interior convenientemente, quando se queira, e de tratar

as plantas á vontade; o caixilho superior é em geral movel em torno de machas-femeas ou gonzos, e os lateraes moveiços por inteiro. A parte inferior é constituída por uma caixa de zinco da altura normal dos vasos que se pretende collocar dentro, sendo, porém, aproveitada muitas vezes para constituir o proprio alegrete.

N'este caso, colloca-se no fundo uma cama de escorias de carvão, cisco, que favorece a drenagem e a conservação das raizes, deita-se-lhe por cima a terra vegetal e recobre-se de musgos com os quaes vão excellentemente os fetos, os adiantos, as avencas arrendadas e os lycopodios minusculos. Escusamos descer a minudencias de construção do estufim, porque suppomos sufficiente o exame das gravuras; são variaveis, é claro, as dimensões, e d'ellas depende a maior ou menor grossura dos sarrafos para a construção; apenas recomendamos simpli-

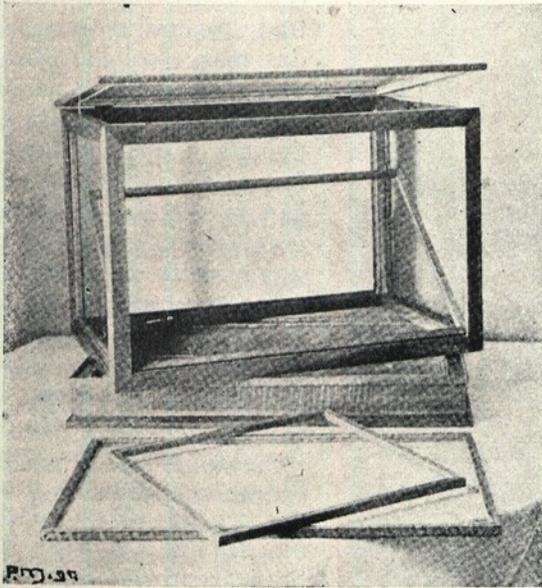


cidade no processo de ajustar ao seu respectivo lugar os diferentes caixilhos, o que se consegue, prendendo-os na parte inferior por fulcros que se encaixam em buracos abertos no rebordo da base, que constitue a caixa de terra, e pela parte superior com cavilhas que passam através de fendas abertas no re-

bordo tambem superior do estufim que constitue a cimalha e aro do caixilho da tampa. Convêm recommendar ao marceneiro o emprego de madeira bem secca, e ainda pintal-a com mais demãos do que as habituaes ou empregar tintas espessas, afim de que a humidade constante não tenha acção muito effectiva sobre ella.

São variadissimas as colleções de plantas que podem assim cultivar-se, e a sua escolha depende das dimensões do estufim e do gosto da amadora que lhes dispense cuidados. Na figura que representa aqui um canto do salão vê-se á esquerda um specimen de *nephrolepsis cordata*, feita de folha escura e compacta, vê-se tambem á direita um onduloso *scolopendrium vulgare* em frente d'uma *cystopteris bulbifera*, que é o mais rendilhado de todos os fetos oriundos da America. Mais pequenos specimens do mesmo feto estão em evidencia adiante dos outros. Um *pteris* dobra os seus dedos pelludos para o centro do estufim e accresce-lhe a belleza pelo contraste do córte e da côr da folhagem.

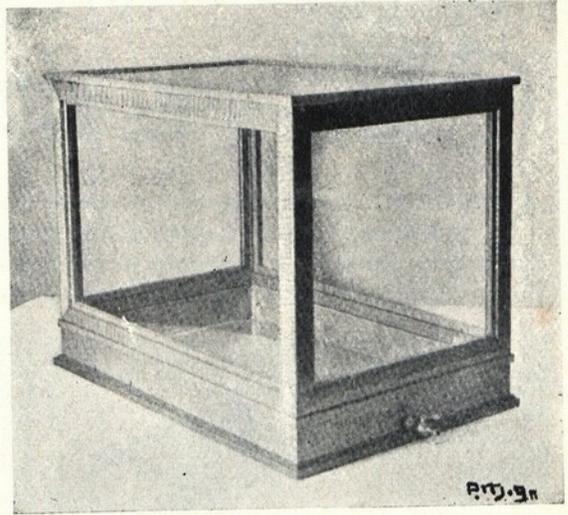
Os accessorios floraes para acompanhar os fetos são sempre leves e delicados. Ha colleções de plantas originaes que podem ser facilmente mettidas no musgo e á medida



que os mezes seguem vão abrindo os seus thesouros floraes.

Principiando pelo abril temos o *arbutus*, a flôr Puritana, modesta simples e suave—em botão e em flôr. A aerea flôr de espuma (*Tiarrella cordifolia*) e violetas, brancas e azues, correspondem a maio. Junho encanta-nos

com a flôr-gemea *Liuncea borealis*, que se dá perfeitamente em casa em lugar humido e com musgo e tem um lindo tom avermelhado. Segue-se julho com a sua perfumada *pyrola*



ou folha de canella, e em agosto completa-se a ornamentação com uma ou duas orchideas.

Em setembro evidentemente tecem as tranças das damas em volta da caixa de fetos, e são do melhor effeito as bonitas flôres brancas em espaço limitado, entre musgos e lycopodios. Outra belleza floral bem util é a *dallibarda*, renovo da familia das rosas que esmalta de julho a outubro o tapete musgoso dos brejos.

Se fôr preciso mais decorações floraes para uma occasião servem então as flôres cortadas, porque a caixa de fetos acceta todo o revestimento que a imaginação lhe queira ordenar. Se as flores applicadas são de qualidade delicada, será melhor retirar o caixilho da frente para evitar que murchem. As flôres de macieira e da azalea brava, amores perfectos, a infinita diversidade de flôres, podem então ser empregadas com tanto que tenham aspecto iev e delicado.

Fallamos propositadamente em fetos, porque a moda voltou-se para estas plantas ornamentaes, procurando e cultivando as diferentes especies e variedades desde os mais frondosos e elegantes sombreiros dos gigantes fetos arborecentes até os mais rendilhados e mimosos, apenas herbaceos, por vezes lipputinianos, delicadas miniaturas vindas de todas as partes do mundo, de Java e de Ceylão, da America e das Indias, da Africa tropical e da Australia. Para outra vez fallaremos d'outras familias de plantas ornamentaes que enfeitam excellentemente o estufim das salas.

MODAS

NA ÚLTIMA chronica que aqui escrevemos sobre caprichos de modas, affirmamos que ainda se prolongaria pelo verão a dentro a mesma hesitação, um pouco versa-

til, que ia caracterisando as predilecções primaveris. Eram as indicações meteorológicas a influenciar directamente n'este dominio da phantasia; a temperatura, conservando-se bai-

xa para a quadra do anno, a humidade, continuando a pôr friezas irritantes no fundo do ar puro, afastavam naturalmente o desejo de adoptar as *mousselines* e as rendas, as cassas leves e vaporosas que predominam todos os annos na entrada do verão. D'aqui uma hesitação justificada para generalização de *blouses*, e uma preferéncia inesperada pelos *boleros* e pelos casacos, genero *tailleur*, necessidade de agasalho contra bruscas virações resfriadas; mas, o sol claro de junho, o céu azul desmaiado, a efflorescencia garrida das plantas e dos parques, as festas marcadas de elegancia estival, a pedirem a *toillete* vistosa, ousada *coquette*, clara para resaltar sobre o fundo verde das *pelouses*, para receber os mil reflexos da luz coada por entre a folhagem das arvores copadas. Houve, portanto, um recurso engenhoso: as flannels brancas, as fazendas de linho ou de linho e algodão brancas muito macias, muito flexiveis, apropriadas a pregas largas e bem vincadas, enfeitadas de botões e de rendas. Entre estas fazendas, appareceram no mercado algumas levemente tintas de azul muito pallido ou d'um tom lilaz esmaecido que foram logo procuradas com avidez



para quebrar a monotonia do branco. E na previsão de que a temperatura se elevasse afinal, como se o sol quizesse desmentir os astrônomos que lhe encontraram agora largas manchas augmentadas, vieram os *foulards* e estes adquiriram uma preferencia decisiva, bem como as fazendas de tecido chinês em seda e linho, leves, brilhantes, de tons unidos, que se prestam a todos os feitios e a todas as composições.



Para acompanhar o gosto mundano, mas limitando o custo excessivo d'estas fazendas exóticas ou de imitação de exotismo, generalizaram-se as alpacas, predominando as de tons azues muito diluidos. Apareceram n'estas *toilettes* os botões de prata, ricamente cinzelados. Para vestuários de jantar e de noute, a renda e o bordado são os enfeites predilectos, sobretudo os bordados em côres orientaes, em caprichosos desenhos turcos, persas, e para consolação europêa arabescos phantasiosos da Roumania. Estes enfeites empregam-se em geral sobre as fazendas de linho e seda de que fallamos. São menos usadas as sedas puras e fortes e preferem-se os tafetás que são na verdade muito apreciados, tendo apparecido, como novidade, um especial denominado *invicta* que pela sua flexibilidade veste muito bem. Notam os que examinam profissionalmente os grandes armazens de modas que se faz numero de *toilettes* de rua, muito superior ao que anteriormente se via encomendado, e os vestuários propriamente de casa são menos procurados, o que traduz nas modas os habitos cada vez mais accentuadamente masculinizados que o sexo fragil vae

adoptando. Os deveres do *sport* assim o exigem. De manhã, os vestidos elegantes que apparecem nas *courses* de compras, de hygienico passeio, de exercicio ao ar livre, affectam quasi sempre o genero alfaiate, ajustados, proprios a permittir os movimentos ageis e vigorosos, as saias curtas, as botas altas de couro de russia ou de pellica colorida de amarello, as mangas largas, as golas derrubadas, os largos chapéus de palha enfeitados com uma flôr, presos aos cabellos por alfinetes de preço, com pedras preciosas e brilhantes, recurvos como antenas de insectos.

Em contraposição, a este feitio masculino,



desembaraçado, e captivante, que se presta á accentuação das curvas sensuaes, das fórmulas ondulantes, dos bustos reforçados e firmes, que os colletes direitos, completados por corpetes de espartilhos na parte superior, ainda mais põem em evidencia, em contraposição, dizíamos, irrompe com visos de dominação um renascido gosto romantico, exhumando

classes, as posições sociaes, e a formosura pessoal das elegantes. Citaremos ainda para definir aquelle gosto romantico, que irrompe tambem pela litteratura e acclama Rostand, uma toilette que fez sensação n'uma grande e recente festa parisiense ao ar livre, era em fazenda branca, com cinco folhos e cada folho uma tira bordada a côres orientaes e duas

fitas pretas passando e re-passando em volta, através de fendas abertas no folho, com as mangas largas da mesma fórmula com folhos, um cabeção sobre os hombros, um largo chapéu levantado ao lado.



As illustrações que acompanham este artigo dão uma idea bem clara do gosto geral que predomina não só em vestuários de passeio ao campo e de visitas na cidade, mas tambem em variados modelos de blouses.

A primeira gravura representa um costume de blusa chamada camisa, em mohair brilhantina, d'uma côr neutra, uma das fazendas mais apropriadas ás excursões de verão, compras, etc., e muito recommendavel pela sua bôa qualidade, resistindo a uso prolongado e repellindo a poeira. O modelo aqui desenhado foi feito em fazenda côr de cinza, mostrando pequenos salpicos ou pontos, tendo ficado uma elegante toilette muito elogiada na garden-party onde appareceu. A blusa camisa é toda em pregas, e a decoração supprime-se por fitas de velludo preto e ornamentações ou

feitos, tendencias e gostos das grandes damas do principio do seculo XIX; com exuberancia de folhos sobrepostos, com largas mangas cahidas, com avalanches de rendas e de tules bordados. Vê-se por esta rapida enumeração de generos quanta variedade a moda admite, mantendo uma certa harmonia com o uso corrente, mas individualizando conforme as

aplicações de tafetá bordado. Pregas simulando um forro estão collocadas ao centro nas costas e tambem na frente onde occulta o fecho. A gola e os punhos da camisa mostram fitas de velludo e o motivo da decoração é o mesmo que apparece na superficie das mangas em forma de mitra de bispo. A saia tem a fórmula redonda e sete airosos

gommos com um forro pelo avêso. Fitas de velludo acompanham as costuras da saia, grandes enfeites prendendo as extremidades e os quaes tambem se usam para o cinto. Tanto se pode fazer o vestido curto como comprido, sendo esta mais uma qualidade por que se recommenda.



Esta segunda illustração representa um costume, tambem de blusa camiza. A combinação de tafetás e rendas que se lavam é eminentemente appropriada ao modelo aqui apresentado. A blusa camiza mostra delicadas pregas em effeito de peitilho á frente, e de cada lado das costas estendem-se grupos de pregas do pescoço até a cintura. Entremeios de renda cobrem o simulado forro de pregas sob o qual se fecha na frente, dispondo-se sobre as pregas da blusa e das mangas motivos bordados illuminando o cabeção da blusa. Rendas de entremeios, que teem tres quartos de comprido, dão acabamento ás mangas, especialmente bonitas quando enfeitadas de renda.

Pequeninas pregas nos cinco gommos da saia; e dispõem-se a intervallos, sobre as pregas, como estão dispos-tas na blusa, diversos motivos de flores. Uma tira de inserção finaliza a parte de baixo da ourela ou bainha, e adopta-se uma roda media, sendo destinado este modelo tanto para saias compridas como para redondas.



A terceira gravura reproduz tres modelos de blouses: a primeira é um modelo em flannela, enfeitado de flannela branca, recortada e debruada de fita de velludo preto. Esta blusa une-se em baixo e na frente, mas é aberta no pescoço para mostrar um peitilho de fazenda em pregas, enfeitado de velludo. A gola tem debrum branco por cima e por baixo do enfeite de velludo; rodeia o pescoço uma especie de triangulo em seda preta.

As mangas largas são enfeitadas nos punhos com um pequeno fôlho de flannela branca recortada de velludo, unindo-o todo com um punho estreito. Apresenta o segundo modelo da gravura uma blusa de seda em pintas com um peitilho de renda e fôfos de cambraia desde o cotovêlo até o punho unidos com renda e pregados n'um punho estreito. A frente da blusa é pregada na borda do peitilho de renda e apertada debaixo do braço esquerdo e por cima do hombro esquerdo. As mangas são muito justas até o cotovêlo ao mesmo tempo que os fôfos de cambraia são franzidos n'uma tira bordada acabando na extremidade com uma renda larga, cosida na cambraia e unida depois n'um punho em bicos.



A terceira representa uma blusa de brocado de seda, enfeitada com tiras de velludo e coberta de renda de *gripure*. O corpo de renda transparente é ligado com velludo tendo na extremidade medalhões de velludo cobertos de renda. De cada medalhão sae uma tira de velludo que segue até á cintura. A blusa na frente é trazida até á cintura um tanto comprida e firmemente ajustada por debaixo do cinto. As mangas, que são repregadas nos hombros, são enfeitadas com medalhões de velludo e renda e a manga em fórma de campainha é enfeitada da mesma fórma.

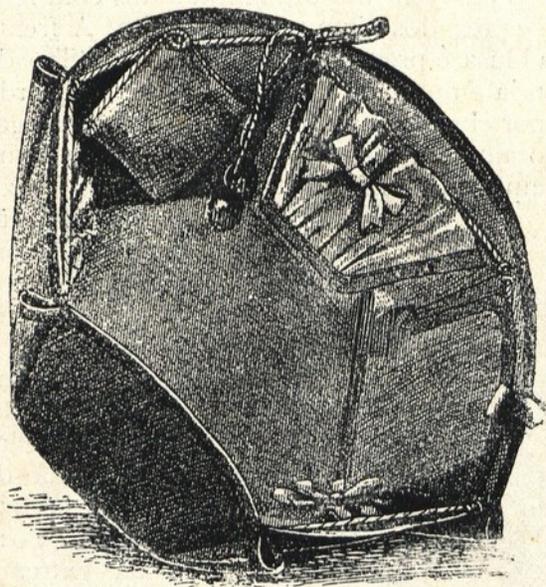


Um elegante vestido mostra a nossa quarta illustração, feito em *cheviot* cinzento, mosqueado, enfeitado de seda branca, cordão e debrum de phantasia. A saia de roda media, tem a forma de cinco gommos e tem nas costas, uma prega invertida.

Uma aba Luiz xv, em quatro divisões (*quartos*) alonga a veste, o que lhe dá um aspecto de casaco largo e fluctuante. A veste é simplesmente feita e o cinto vem prender-se debaixo das frentes; a gola é arredondada e um airoso cabeção, tambem em arredondado contorno, cahe sobre os hombros. Punhos voltados completam as mangas com duas costuras unidas.

TRABALHOS MANUAES

Cesto de costura.— Todas as mezas de costura tem um cesto para guardar os diferentes pequenos objectos essenciaes de costura, e aquelle que se apresenta aqui parece

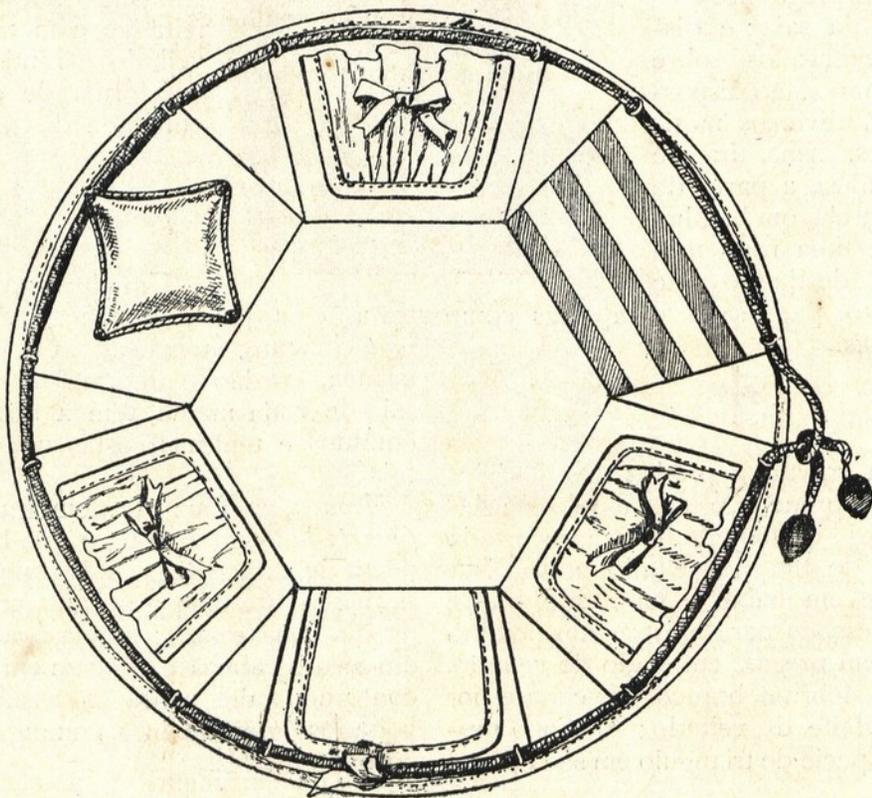


satisfazer ao fim com uma certa elegancia e bom gosto.

E' feito de cartão, coberto de seda e a sua construcção simples está bem applicada pelo diagrama. O centro é hexagonal, e os lados são cortados em secções e arranjados a formar um perfeito circulo quando está ainda desatado o cordão que ha-de correr atra-

vés de argolas, fixadas nas differentes faces. Estes bocados do lado são cosidos ao fundo, ou se o cartão for de qualidade a ser simplesmente vincado pelas dobras, melhor se arma o cesto; quando o circulo está completo, colloca-se todo sobre um pedaço de seda cortado perfeitamente redondo e o forro arranjado de egual fôrma, arrematando na parte superior com debrum de seda. Os bocados dos lados servem de base para varias divisões ou bolsas, de guardar linhas, botões, dedal, e tambem a carteira das agulhas e almofada para alfinetes como se vê na figura junta. As tres bolsas são feitas de seda e debruadas com fitinha estreita acabando com um pequeno laço, que lhes dá melhor aspecto. A carteira de agulhas é feita de flanela branca e o exterior de seda para irmanar com as bolsas; é debruada com fita e atada na extremidade com um pequeno laço. A almofadinha de alfinetes é feita de seda e debruada em volta com cordão de seda. Tiras de côres diversas formam as divisões para tesouras e furador no lado da restante secção. Seda floreada, setim ou cretonne devem servir para fazer este cesto util, e sendo tanto mais attrahente quanto as côres forem brilhantes e claras.

O cordão corre, através de argolinhas de metal, na extremidade superior para puchar o cesto a formar o feitio, arrematando com borlas de tamanho regular.



VARIEDADES

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Acontecimentos políticos e sociaes

MARÇO.—1 *Marrocos*—A kabila Bienosmar recebe uma carta de Roghi, dizendo que será coroado brevemente em Fes e pedindo-lhe que vigie a praça de Tetuan de cujo governo será encarregado um dos seus chefes. Recebem-se noticias de terem sido commettidos recentemente nas visinhas kabilas dois assassinios e varios roubos.

2 *San Salvador*—O general Regalado transmite a presidencia da Republica ao general Escalon, eleito presidente. E' a primeira vez em 50 annos, que esta transferencia se effectua sem conflicto. — *Turquia* — O correspondente do «Daily News» é expulso pelo Sultão da Turquia por ter feito o relatorio das atrocidades commettidas pelo governo turco.

3 *Marrocos* — Roghi com forças não superiores a 300 homens interna-se nas montanhas de Schahunhass.

4 *Dinamarca*—Devido á exaltação dos animos por causa da eleição do presidente da municipalidade em Copénhague dão-se varios tumultos que chegam a adquirir graves proporções. — *Marrocos*— Um grande banqueiro recebe do governo marroquino a missão de negociar um emprestimo nos Estados Unidos, para se fazerem importantes compras de armas e munições.—*Portugal* — Em reunião de moageiros de Lisboa e Porto fica assente a fusão de toda a moagem do paiz, subsistindo apenas um comprador de cereaes e um unico vendedor de farinhas.

6 *Corêa* — O governo da Corêa negocia com banqueiros belgas um emprestimo de seis milhões de libras com a garantia do rendimento das alfandegas.

8 *Venezuela* — Um decreto restabelece o bloqueio do Orinoco, nos portos de Guanta e Carupano por forças venezuelanas.

9 *Estados Unidos* — Os aperarios das industrias de ferro em numero de 500:000 ameaçam fazer grêve, reclamando augmento de salario. — *China* — Chegam noticias de haver ali agitação contra os inglezes.

10 *Portugal* — Chega ao Funchal o sr. Chamberlain, sendo aguardado pela colonia ingleza e muito povo.

12 *Marrocos* — De Tanger referem que as desordens locais augmentam ao norte do imperio. Os roubos de munições repetem-se constantemente.—*Argentina* — O governo argentino convida o governo de Washington a declarar que a divida publica de uma nação americana não póde autorizar nenhuma intervenção europeã, mas os Estados Unidos recusam fazer essa declaração. — *Portugal* — Em Coimbra grande massa de povo, armado com cacetes e com pedras percorre as ruas da cidade, reclamando a annullação das licenças e das multas impostas pelos fiscaes do sello. Ha um ruido de ensurdecer, gritos, e as proprias mulheres proseguem agitando varapaus, como para uma revolta. No mercado falta totalmente tudo. Fecham-se fabricas e todos os estabelecimentos commerciaes e officinas. A grêve não termina sem serem abolidas as licenças os grévistas não aceitam medidas provisórias. — Dão-se conflictos com a força armada, que faz fogo sobre o povo, mas de pontaria alta. Ha felizmente apenas duas victimas. — *França* — Ha no parlamento em Paris forte e violenta discussão acêrca das congregações religiosas. — *Congo* — Descobrem-se importantissimas minas de cobre no Congo belga.

15 *America*—O senado rejeita varias emendas do tratado relativo ao canal inter-oceanico de Panamá, uma das quaes tende a submeter o tratado á França, e outra pede a concessão perpetua de um tratado de territorio ao longo do canal.

23 *Uruguay* — Segundo as condições de paz, cinco governadores provinciaes são escolhidos pelos nacionalistas: os insurrectos deporão as armas e haverá amnistia para todos.

25 *Inglaterra*—A camarã dos communs em Londres approva em primeira leitura o projecto de melhoramento da situação dos agricultores da Irlanda por meio de adeantamentos

feitos aos rendeiros para poderem comprar as propriedades aos senhores.

31 Portugal — Em resultado da gréve que se deu em Tortozendo alguns grévistas percorrem as ruas da povoação gritando «temos fome». — Em Silves declaram se em gréve os operarios da casa Villarinho & Sobrinho, por causa das horas de trabalho. O sr. conde de Silves, chefe da casa, declara annuir, mas só até se manipular a cortiça existente, depois fechará a fabrica.

ABRIL 1 — Marrocos — As kabilas de Beni-Hassan e Cheraghna travam combates entre si no caminho de Tanger a Fes.

2 Russia — Em Ufa dá-se um conflicto sangrento entre os soldados afim de manter a ordem publica fazem uma descarga contra os operarios grévistas matando 28 e ferindo 50. —

Hespanha — Em Salamanca os estudantes apedrejam os gendarmes; estes para manter a ordem fazem varias descargas. — **Portugal** — Chega a Lisboa sendo recebido com entusiasticas ovações e com a solemnidade devida á sua altissima posição Eduardo VII rei de Inglaterra, primeiro imperador das Indias.

3 Hespanha — Os estudantes de Madrid fazem grandes manifestações pelas ruas, afim de protestar contra os successos de Salamanca, onde ficaram trez estudantes mortos e varios feridos. A policia dá cargas contra os manifestantes.

5 America — Em Mexico declaram que toda a republica é partidaria da candidatura de Porfirio Diaz, para occupar a presidencia nos annos 1903 a 1908.

6 Hollanda — A junta de defesa dos trabalhadores de transportes e as direcções das associações operarias em Amsterdam, votam a gréve geral de todos os ramos de transportes por agua e por terra, inclusos os caminhos de ferro. — **Servia** — Travam-se em Belgrado desordens entre funcionarios publicos e estudantes. A cavallaria faz carga sobre os discolos, disparando alguns tiros, sendo numerosos os feridos.

7 Marrocos — Em Melilla 3:000 homens pertencentes ás kabilas Guelaya Mazuzde e Trajana atacam Alkazaba e Trajana.

8 Hollanda — E' proclamada em Amsterdam a gréve dos operarios dos metaes havendo disturbios defronte do escriptorio central dos correios e telegraphos, e ficando feridos dois homens. — **Italia** — Estão em gréve os tvpographos, os cocheiros de praça e o pessoal dos «tramways» em Roma. — **Hespanha** — Em Gijon estão em gréve 5:000 operarios. Os estabelecimentos commerciaes fecharam.

10 Hollanda — Uma reunião monstruosa das Uniões dos trabalhadores federados, reprovam as resoluções da Junta de defesa e decidem continuar a gréve.

11 Servia — E' descoberta em Belgrado uma conspiração contra o rei Alexandre.

12 França — Abre-se em Bordeos o congresso geral socialista francez sob a presidencia de Cipriani. — O presidente Loubet parte de Paris para Marselha afim de embarcar ali para a sua viagem á Argelia. Acompanha-o os srs.

Falliers, presidente do Senado, Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros, e Pelletan ministro da marinha.

13 França — A proposito do congresso catholico ha manifestações ante-clericaes em Brest, travando-se desordens em que são espancados agentes policiaes.

15 Africa do Sul — Ha negociações diplomaticas entre a França, Allemanha e Hollanda para entabolar um accordo commum a favor dos caminhos de ferro neerlandez e do sul da Africa. Os ditos governos dirigem nota a Inglaterra reclamando um accordo na questão. — **Hespanha** — Salmeron parte para Valencia com o intuito de conciliar os dois grupos em que ali se acha dividido o partido republicano e que se degladiam encarniçadamente quando se encontram frente a frente.

17 Marrocos — O pretendente ás portas de Fes approxima se d'aquella capital á frente de forças importantes, reinando ali grande alvoroço.

19 Marrocos — O sultão ordena que saiam immediatamente todos os europeus de Fes, inclusivé o coronel Mac-Clean, em quanto a cidade está ameaçada por Roghi. Em Mekines a situação é alarmante. — **Turquia** — Dá-se um recontro entre os bandos insurrectos e as tropas ottomanas, perto de Ochrida no vilayet de Monastir, tendo ficado mortos 200 homens

20 França — Em frente do convento dos frades capuchinhos em Mans dá-se ruidosa manifestação aos gritos de: Viva a Liberdade, effectuando-se vinte prisões.

22 Estados Unidos — Uma importante companhia que explora minas de carvão e ferro em Philadelphia despede 30:000 operarios que se negam a trabalhar 9 horas.

23 Russia — Dão-se desordens anti-semistas entre os operarios em Kischinew, ficando mortos 25, feridos gravemente 75, e ligeiramente 200. E' proclamado o estado de sitio na cidade e no districto de Kischinew.

24 Russia — Na Bessarabia dá-se grave conflicto com os judeus, os que são atrocemente massacrados. — **Hespanha** — Em Aranjuez as classes pobres amotinam-se, por ter encarecido o pão. Travam-se conflictos ficando feridas algumas pessoas. Fecham-se os estabelecimentos.

26 Bulgaria — Em Sofia é assassinado com uma punhalada no coração por um albanez, o novo consul da Russia em Metrowitza. — **França** — Em Saint Nicolas-du-Port a população expulsa á pedrada os jornalistas que vão vêr o convento, travando-se conflicto e ficando feridos 2 homens.

29 America — Na republica de Honduras os rebeldes aprisionam o general Sierra ex presidente d'aquella republica fuzilando-o em seguida.

30 Hespanha — Em Oviedo o povo desenfreado ao celebrar-se a proclamação do deputado do grupo triumphante em Oviedo intenta assaltar a camara. A guarda civil quer evitar o assalto, o povo aggride a força publica, disparando-se tiros de parte a parte ficando cinco pessoas mortas e outras gravemente feridas.

MAIO 2 — *Russia* — Dão-se em Tomsk grandes disturbios, sendo arvoradas bandeiras vermelhas, soltos gritos sediciosos e cantados hymnos revolucionarios. São presos numerosos manifestantes. — *Turquia* — Em Salonica descobrem-se trincheiras e minas excavadas debaixo dos principaes bairros destinados a fazer ir pelos ares a cidade toda. Teem sido presos cerca de 1000 revolucionarios e mortos 300. — *Hespanha* — Em Barcelona, por motivo de novas tarifas sobre as hortaliças os vendedores negam-se a entrar na cidade e retiram-se sem descarregar 488 carros. Os vendedores de peixe declaram-se tambem em grêve.

4 *Portugal* — Diversas associações commerciaes fazem vivas reclamações contra o boato do projecto do monopolio da venda do petroleo no paiz, nas condições dos tabacos e phosphoros. — *Inglaterra* — Celebra-se em Londres uma reunião da «Tanganica Concessions Company» a qual confirma contracto com o sr. Robert Williams para a constituição da Companhia de ferro do Lobito, a qual será installada ainda este mez; a construcção da linha levará quatro annos. O sr. Robert Williams falla na reunião declarando ser sua opinião que a bahia do Lobito virá a ser mais importante que a de Lourenço Marques.

5 *Italia* — Confirma-se que o Papa decide manter o protectorado francez no Oriente. Consta que um diplomata estrangeiro recebe a missão de preparar terreno junto de alguns governos afim de assegurar a eleição d'um cardeal italiano no futuro congresso.

7 *Marrocos* — A kabila de Benimanzor que está em Nunca, na região argeliana affecta ao sultão, subleva-se, obrigando o Kai a refugiar-se em Kiss. — *Mexico* — E' contratado um emprestimo provisorio de 25 milhões de dollars a 5 % com banqueiros de New-York, Londres e Paris.

8 *Asia* — Os russos penetram na Coréa, avançando sobre Wiju um importante destacamento, protestando o governo coreano contra o facto. — *Grecia* — Dá-se em Monastir graves disturbios, activando-se a vigilancia em toda a Grecia para com os residentes de origem macedonica e effectuando-se algumas prisões. — *China* — Os russos tornam a occupar Niu-Chuan com um importante contingente de tropas collocando guarnições nos fortes da foz de Lia-Su. — *Inglaterra* — A camara dos commons approva em segunda leitura por 443 votos contra 260 o projecto de lei agraria para a Irlanda.

9 *França* — E' preso em Nancy, Balignet por ter entregado documentos á Allemanha e recrutar agentes para aquelle imperio bem como a mulher de Balignet como cúmplice do marido.

10 *Estados Unidos* — Em New-York declaram-se em grêve 5000 operarios do caminho de ferro metropolitano. — *Turquia* — Em Monastir ha graves conflictos motivados pelo fanatismo dos musulmanos contra os christãos.

11 *Marrocos* — Os rebeldes atacam Tetuan. Ouve-se em Ceuta o fogo de artilharia e fuzilaria.

12 *Chili* — Em Valparaiso agrava-se a grêve dos operarios e trabalhadores do porto. Ha collisão entre os grévistas maritimos e a policia, incendiando os grevistas os edificios dos caés, ficando mortos 10 homens e feridos 200.

13 *Macedonia* — Na aldeia Koundino os insurrectos macedonios arremessam bombas explosivas sobre 2000 homens das tropas imperiaes, matando 150 e ferindo outros tantos.

14 *Hespanha* — Assistem ao congresso das federações operarias em Madrid 27 delegados, discutindo se o seguinte thema: «Creação de escolas locais e modo de se propagar nas regiões operarias.

15 *Portugal* — No Porto continuam em grêve os operarios tecelões de varias fabricas por causa do preço da mão d'obra. — *Macedonia* — Descobrem-se na Salonica um novo deposito de mil libras de polvora, estando minados os consulados da França e da Russia. — *Grecia* — Em Athenas são descobertas n'um subterraneo 9 caixas suspeitas sendo presos 8 bulgaros em Athenas e 20 na Thessalia.

16 *Republica Argentina* — O governo argentino faz nova encomenda de armas no valor de 75000 libras sterlingas suppondo-se que estes armamentos são motivados pela questão da Bolivia.

20 *Somalilandia* — Os derviches em numero de 4000 atacam em Bur-Hill a columna de tropas abexins que operava contra o Mullah, mas os derviches são repellidos, deixando no campo 300 mortos e morrendo dos abexins 21 no combate.

23 *Inglaterra* — A federação das associações dos merceiros em Londres representando 80:000 commerciantes do genero, telegrapham ao rei e ao presidente do conselho de ministros da Grecia protestando contra o projecto de estabelecer sobre as passas d'uva, monopolios prejudiciaes aos interesses da merceria ingleza, e declarando que fará a esse projecto a mais energica opposição.

• • •

Acontecimentos mundanos, scientificos e artisticos

MARÇO. — **1** *França* — E' celebrado em Paris o centenario do philosopho Edgar Quinet, havendo grande manifestação no cemiterio. Assiste o presidente Loubet bem como os ministros, senadores e deputados, tendo sido proferidos muitos discursos. — O tribunal de appellação de Nancy condemna a congregação das irmãs do Bom Pastor a pagar a mademoiselle Lecoinet uma indemnisação de dez mil francos, em virtude de a terem despedido, estando cega e doente e depois de ter trabalhado durante vinte annos nos ateliers do estabelecimento. — *Malaga* — E' sentenciado á morte de garrote Francisco Garrido Dias, que regressando de cumprir uma pena de doze annos, mata a amante ao encontrar-se com ella na rua. O assassino allega ter praticado o crime pelo facto de ter confiado, ao partir para o degredo aos cuidados da assassinada,

um seu sobrinho que foi por ella envenenado. — *Italia* — Realiza-se em Napoles com o mais lisongeiro resultado diversas experiencias com um apparelho que permite descobrir a appoximação dos barcos submarinos.

2 Portugal — Realiza-se em Lisboa a sessão solemne commemorativa do centenário do Collegio Militar, com a assistencia de sua magestade el-rei D. Carlos. — *Londres* — A opinião publica torna a occupar-se da escandalosa quebra do grupo financeiro «London and Globe Company».

6 Hespanha — A princeza das Asturias dá á luz um infante.

12 França — Effectuam-se as exequias do sabio philologo Gaston Páris.

13 Austria — O professor Behring envia á sociedade de medicina os resultados da inoculação do sôro anti-tuberculoso, demonstrando que pode obter-se nos vitellos completa imunidade contra a tuberculose.

14 Portugal — Effectua-se em Santarem no velho templo da Graça a abertura da campanha onde, segundo a tradição, repousam os restos do grande navegador portuguez Pedro Alvares Cabral. — *França* — Batem-se em duello á espada no Parc des Princes Joseph Reynaud e Henry Buchard, este ferido n'um beijo ao primeiro assalto. — *Inglaterra* — E' mandado construir pelo «War-office» em Londres um aerostato dirigivel que estará prompto em agosto.

16 Estados-Unidos — E' preso em New-York, Whitaker Wright, director do «London and Corporation Company» na occasião em que desembarcava indo fugido de Inglaterra.

17 Estados Unidos — Em Philadelphia é preso um herbanario negro, accusado de se dedicar a propinação de venenos mediante remuneração.

18 França — Realiza-se em Paris a abertura do hypodromo Colombes — Na Opera Comique a «première» da Muguette peça extrahida da novella de Ouida, a celebre escriptora ingleza conhecida por aquelle pseudonymo.

20 Portugal — Abertura em Lisboa da 3.^a exposição de paisagem da Sociedade Silva Porto com a assistencia de el-rei D. Carlos.

21 França — Realiza-se em Paris um assalto ao sabre entre o esgrimista Sousa Magalhães e o eximio amator Chennerière.

23 França — Suicida-se no hotel Regina em Paris com um tiro de revolver o general sir Hector Macdonald commandante em chefe das tropas de Ceylão.

24 Inglaterra — E' condemnado á morte em Londres, Chapmand por envenenamento de quatro mulheres.

25 Portugal — Realiza-se em Extremoz a festa da inauguração do asylo João Baptista Rollo para creanças pobres e abandonadas.

29 Portugal — E' inaugurado em Lisboa com a assistencia de sua magestade el-rei D. Carlos o Instituto Medico Virgilio Machado (therapeutica electrica). — *Estados-Unidos* — Fazem-se experiencias em New-York com a metralhadora «Lança» que dispara ao mesmo

tempo vinte e cinco projectis de kilo e póde fazer 800 tiros por minuto. O inventor chama-se Cleveland.

30 França — Uma mulher dispara dois tiros de revolver contra o romancista Marcel Prévost na «cité» Rougemont, não lhe acertando nenhum dos tiros.

31 Portugal — Inaugura-se em Lisboa a exposição de rendas portuguezas fabricadas sob a direcção da sr.^a D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro.

ABRIL. — **1 Hespanha** — Chegam a Madrid os duques de Guise.

2 Italia — E' inaugurado em Roma o Congresso Historico.

3 Hespanha — São condemnados á morte, por garrote, em Madrid, Philippe Pacheco, Gregorio Gomes Pacheco e Casimiro Rojas como auctores d'um roubo e assassinio.

4 Allemanha — E' assassinada em Berlim uma millionaria judia, roubando-lhe 250:000 francos.

6 Turquia — Chegam a Constantinopla o principe imperial da Allemanha e seu irmão.

7 Hespanha — No caminho de ferro da Andaluzia dois malfeitores assaltam um «wagon» onde ia uma senhora de idade e sua criada, roubando-lhes uma mala com valores.

15 Portugal — Realiza-se a abertura da exposição de pintura em Lisboa na Sociedade Nacional de Bellas Artes com a assistencia de sua magestade el-rei D. Carlos. — *Italia* — Inaugura-se no Capitolio em Roma o congresso latino estando presentes os srs. Nasi, ministro da instrucção publica da Italia e Chaumié, ministro da instrucção publica de França.

19 Portugal — Inaugura-se com toda a solemnidade o Asylo de Infancia Desvalida no Lumiar, perto de Lisboa. — *França* — Abre-se o congresso internacional de Phalassotherapie em Biarritz. Assistem 200 congressistas á sessão de abertura.

20 Hespanha — E' inaugurada na Universidade de Madrid o congresso da imprensa medica presidindo o sr. Salazar, ministro da instrucção.

22 Portugal — Celebram-se no Porto as exequias pelas victimas da catastrophe da Ponte das Barcas, na Ribeira, por occasião da invasão franceza em 1809.

24 Russia — Um soldado embriagado tenta matar a imperatriz viuva, golpeando-a.

26 Bulgaria — E' assassinado em Sofia, com uma punhalada no coração, por um albanez o novo consul da Russia em Metrowitz.

28 Hespanha — Em Sant'Iago da Galliza são sentenciados á morte marido e mulher accusados de assassinio.

30 Estados Unidos — Edisson inventa um apparelho para extrahir o ouro, empregando o ar comprimido.

MAIO. — **1 Portugal** — Realizam-se em Lisboa manifestações commemorativas do dia 1.^o de maio, festa do trabalho a que concorrem os operarios de todas as classes. — *Hespanha* — Realiza-se em Madrid uma «velada» em homenagem á memoria de Castellar.

2 Portugal — Inaugura-se em Lisboa o pavilhão da Avenida da Liberdade destinado a exposições de rosas e outras organizadas pela Sociedade de Horticultura

3 Portugal — Realiza-se em Lisboa uma imponente homenagem á memoria do glorioso escriptor e grande poeta Almeida Garrett, cujos restos são trasladados para o Pantheon dos Jeronimos. Houve cortejo civico concorrendo numerosas sociedades particulares, escolas, collegios e representantes do governo.

6 Portugal — Começam a ser corridos os dois primeiros tramos da ponte sobre o Tejo, a grande obra d'arte do novo caminho de ferro de Sant'Anna a Vendas Novas. Mede cada um 60 metros de comprimento e são assentes sobre pilares de fundações a ar comprimido. Esta ponte depois de completa contará 840 metros de comprimento e ficará assente em 13 pilares.

8 França — Santos Dumont faz a primeira experiencia em Paris com o seu novo balão dirigivel n.º 9. Faz evoluções durante meia hora na altura de vinte metros, deixando arrastar pela terra o «guiderope».

9 Grecia — Celebram-se em Athenas os esponsaes do principe André da Grecia com a princeza Alice de Battenberg. — **Allemanha** — Os medicos Tanelins e Sommerfeld fazem na sociedade medica de Berlim uma prelecção sobre o novo tratamento da tuberculose causando profunda sensação as declarações sobre os resultados já obtidos com o novo remedio que elles intitulam «Sanosin». — Em Metz o imperador Guilherme inaugura o portal da igreja cathedral na presença do cardeal Kopp, principe-bispo de Breslau, legado a «latere» e dois altos dignitarios.

11 Portugal — Regressam a Lisboa suas altezas reaes o principe Luiz Filippe e infante D. Manuel.

16 França — Os collegios das filhas do Sagrado Coração e da Providencia em Mans, recebem ordem de dissolver-se dentro do prazo d'um mez.

17 França — Na igreja de Belleville dá-se uma desordem em que ficam 10 pessoas feridas mais ou menos gravemente. No momento em que o padre começa a prégar, os livres pensadores soltam gritos hostis, a que bastantes membros da «Juventude Catholica», respondem com bengaladas e murros. A briga torna-se geral. As mulheres são as mais exaltadas. A policia avisada do que se passa separa os combatentes, expulsando uns 50.

19 Russia — O conselheiro Bogdanowitch, governador de Ufa é morto a tiro em S. Petersburgo por dois malfeitores.

20 Hespanha — E' inaugurada em Madrid a exposição de Bellas Artes.

21 Hespanha — Celebra-se em Pamplona uma imponente manifestação ao collocarem-se as lapides commemorativas dos triumphos dos liberaes durante a guerra carlista.

23 — Hespanha — Chegam de Paris a Madrid 47 automoveis. Os touristes almoçam em Burgos.

Accidentes

MARÇO. — 1 — França. — Uma violenta tempestade, que cahe sobre Amiens, causa grande numero de victimas e enormes prejuizos.

Monaco. — Um comboio do caminho de ferro funicular de Monte Carlo desce a montanha com uma velocidade extraordinaria, e percorrendo cem metros de via ferrea, foi esmigalhar-se contra os muros da estação. — **New-York.** — Um comboio que segue pela margem do rio Manesse, em grande velocidade, descarrila, precipitando-se a machina e vagon no rio. Os passageiros salvam-se a nado.

3 Hespanha — Um terrivel cyclone, em San Sebastian, derruba grandes arvores e produz enormes prejuizos nas habitações.

4 Italia — Em Recanati sente-se um forte abalo de terra.

5 Hespanha — Na povoação de Elche sente-se um violento tremor de terra.

6 America — Dá-se uma forte erupção no vulcão de Colima acompanhada de chuva de cinzas, espessas nuvens negras, surdos ruidos subterraneos e abalos de terra.

9 Estados Unidos — Em Leiter, na Virginia, incendeia-se um hotel, morrendo 7 pessoas. — **Ladominique** — Dá-se um tremor de terra muito violento e prolongado.

10 Hespanha — Na via ferrea de Arganda, proximo de Madrid, dá-se um choque de comboios resultando uma morte e tres pessoas gravemente feridas.

14 Argelia — Um comboio procedente de Oran é apedrejado em Aiutezza pelos arabes.

17 Italia — Sente-se em Termo um tremor de terra. — **America do Norte** — Em Olcan dá-se explosão n'um comboio petroleiro. O petroleo inflammado espalha-se sobre a multidão que ali occorre, ficando mortos 22 individuos e feridos muitos outros.

20 Estados Unidos — Um nevoeiro densissimo faz abalroar dois vapores á sahida do Canal em New-York causando um grande numero de victimas.

23 Mexico — A peste bubonica causa ali um elevado numero de victimas nos povos do interior, tornando-se preciso recorrer aos subsidiarios para se enterrarem os mortos.

24 Antilhas — Cae em San Vincente grande chuva de pedras projectadas da Sulphureira, ficando feridas algumas pessoas.

26 Allemanha — A imperatriz Augusta Victoria andando a passear a cavallo em Grunwalde cahe e quebra um braço.

ABRIL. — 1 — Italia — Em Nice uma carruagem automovel, governada pelo sr. Sborowski, despedaça se de encont o a um rochedo causando-lhe a morte e ao barão Pallange que o acompanhava.

2 Palestina — Dá-se em Jerusalem um tremor de terra causando grandes estragos nos estabelecimentos de Monte Olivete. Na aldeia proxima desabam muitos predios.

3 Allemanha — Dá-se n'uma das minas proximas da cidade de Gleiwitz uma explosão de gaz deixando mortos oito operarios e feridos outros oito.

6 França — Um incendio destroe em Lille o «Grand Theatre».

11 China — Dá-se uma explosão n'um parque de artilharia proximo de Cantão, da qual morrem 1:500 pessoas.

13 Hespanha — Incendeia se um deposito onde estavam 43:000 caixas de petroleo no ilheu de Fort Louis, junto á salina Consolado.

— **Inglaterra** — Um comboio que parte de Dublin descarrila perto de Roscamon, ficando oito passageiros feridos e um morto.

16 Portugal — Dá-se uma explosão na fabrica de pólvora em Chellas, arredores de Lisboa, destruindo a officina e causando duas mortes e dois feridos. — **Estados Unidos** — Em Texas, um incendio no districto petrolifero de Spindletst, ardendo 256 poços com as respectivas installações, causa enormes perdas, avaliadas n'um milhão.

18 França — Um grande incendio destroe completamente o antigo café concerto Alhambra, em Marselha. As chammas elevam-se a mais de cem metros.

19 França — As ultimas geadas destroem os vinhedos do departamento da Gironde, causando completa derrota.

22 Estados Unidos — Em New-York um comboio expresso choca com outro de mercadorias ficando completamente despedaçadas as carruagens do primeiro, resultando a morte de cinco passageiros e ferindo gravemente dez.

24 Chile — Um violento incendio ataca a cidade de Pisague, no Chile, e destroe mui-

tas casas commerciaes e estabelecimentos bancarios.

29 Canadá — Um fortissimo tremor de terra, seguido de erupções vulcanicas, devasta Frank, cidade mineira do territorio Alberto, no Canadá. As minas estão sepultadas debaixo de uma enorme camada de muitas toneladas de lava. Ha a lamentar mais de 100 victimas.

MAIO — 5 — Portugal — Naufraga em Angeiras, ao norte de Mattosinhos, um cahique abandonado pela tripulação. Suppõe-se pertencer ao mergulhador Azevedo.

6 Hespanha — Em Miravelles rebenta uma caldeira a vapor matando duas creanças, filhas do director da fabrica, e ferindo gravemente mais quatro pessoas.

11 Tunisia — Um incendio destroe os edificios da companhia de adducção de aguas a Tunis, tendo ficado feridas varias pessoas.

19 Hespanha — Em Reus dá-se uma grande explosão que destroe completamente umas officinas de pyrotechnia, que ficam situadas fora da povoação, havendo mortos e feridos.

21 Filipinas — Um incendio destroe em Manilla 2:000 habitações de indigenas, deixando sem abrigo 6:000 habitantes, sendo os estragos avaliados em dois milhões de pesos. —

India — No instituto Pasteur, de Rausali, India britannica, foram tratados no anno passado 543 doentes mordidos por cães e chacaes, sendo 215 europeus e 328 nativos. Dos primeiros curaram-se todos, e dos ultimos morreram 5, devendo este facto ser attribuido ao tardio tratamento.

NECROLOGIA

MARÇO — 3 — BARÃO DE MATTOSINHOS, em Lisboa.

— **ZALDIVAR**, antigo presidente da Republica de San Salvador.

4 — JOHN WILBOR, 88 annos, em Cintra vice-consul dos Estados Unidos em Portugal, dotado de illustração profunda, quasi encyclopedica, artistica e litteraria.

13 — VISCONDE DA CORTE, em Beja, tendo desempenhado ali todos os cargos publicos de mais elevada cathegoria.

14 — GENERAL JACINTHO COUTO, 68 annos, em Lisboa, reformado, tendo desempenhado por largo tempo o cargo de director geral de engenharia.

— **ERNEST LEGOUVÉ**, academico, em Paris 97 annos de idade.

28 — CONDESSA DE MADEDO, em Malaga, tendo sido ministra de Portugal nas côrtes de Bruxellas, Roma e Madrid.

— **CONDE DA VIDIGUEIRA**, em Lisboa.

31 — BARÃO DA RIBEIRA DE PENA, em Ribeira de Pena, 70 annos, formado na faculdade de direito na Universidade de Coimbra, eleito deputado por varios circulos.

ABRIL — 6 — DR. JOSÉ CARLOS LOPES, no Porto, 65 annos, lente jubilado da Escola Medico-Cirurgica do Porto.

8 — BARÃO DE SANTOS, em Fontenay aux Roses, 75 annos, diplomata de carreira, bacharel em direito, par do reino, antigo ministro plenipotenciario junto da còrte da Russia.

— **VISCONDE DE S. DOMINGOS**, em Vitney, Oson, Inglaterra, 80 annos, um dos proprietarios das minas de S. Domingos.

10 — BARÃO DA COSTA RICCI, em Londres, agente financial portuguez aposentado.

11 — BARÃO DE CAMETÁ, em Lisboa, 80 annos, negociante considerado no Pará.

13 — GEORGINA PINTO, no Rio de Janeiro, distincta actriz portugueza.

19 — CONDE DE FICALHO, 66 annos, em Lisboa, conselheiro d'Estado, mordomo-mór da casa real, notavel homem de letras e sciencias e distincto professor de botanica na Escola Polytechnica de Lisboa, tendo publicado importantes obras sobre esta especialidade.

24 — JOAQUIM DA BOA MORTE ALVES DE MOURA, em Lanhoso, 90 annos, bacharel formado em philosophia e mathematica, appellidado o santo pelas suas sublimes virtudes christãs.

MAIO — 1 — ERNESTO VICTOR WAGNER, 77 annos, em Lisboa, professor do Conservatorio, notavel artista e habil tocador de trompa; profundo conhecedor de todos os instrumentos de metal.

4—SIR ROBERT WILLIAM HAMBURY, em Londres, presidente do ministério da Agricultura.

5 — LUIS PORPHIRIO DA MOTTA PEGADO, general de divisão, em Lisboa, 72 annos lente da

cadeira de geometria da Escola Polytechnica, sabio mathematico.

8 — SOROR MARIA LUDOVINA DO CARMO GRAMACHO, em Evora, ultima freira do convento de Santa Clara.

THEATROS

Primeiras representações de originaes portuguezes e traducções durante os mezes de Março a Maio

MARÇO — 9 — O BANDOLIM, comedia em 3 actos, e em verso, original do sr. Arthur Azevedo (Theatro D. Amelia).

14 — CONSCIENCIA DOS FILHOS, drama em 4 actos, por Gustave Dévore, traducção do sr. Maximiliano d'Azevedo (Theatro D. Maria II).

18 — O SEGREDO DE POLICHINELLO, comedia em 3 actos de Pierre Wolff, traduzida pelo sr. Neves da Costa (Theatro D. Amelia).

23 — O MENINO JOÃOSINHO, comedia burlesca em 3 actos, traducção livre do inglez pelo sr. Freitas Branco (Theatro do Gymnasio)

27 — O SORVEDOURO, drama em 5 actos original do sr. J. M. Cardoso d'Oliveira (Theatro do Principe Real).

31 — LEI-SAN, phantasia chinesa n'um acto original do sr. Manuel Penteado. — COMMISSARIO BOM RAPAZ, farça n'um acto de Courte-line, arreglo do sr. Casimiro Lima (Theatro D. Amelia).

ABRIL — 11 — A ESCOLA ANTIGA, comedia em 4 actos de Harlweiss, traducção do sr. Freitas Branco (Theatro D. Maria II).

11 — POR CIMA E POR BAIXO, revista em 3 actos e 14 quadros, original do sr. Sá d'Albergaria (Theatro Avenida).

16 — O INQUERITO, comedia em 2 actos por Georges Henriot, traducção do francez (Theatro D. Amelia).

16 — NOTICIA DA ULTIMA HORA, comedia n'um acto, original do sr. Eduardo Coelho (Theatro D. Amelia).

18 — SÓ PARA HOMENS, comedia n'um acto, original do sr. Baptista Diniz.

18 — OS AMORES DE CLEOPATRA, comedia burlesca em 3 actos, traduzida do francez (Theatro do Gymnasio).

18 — A LUTA PELA VIDA, drama em 4 actos, original do sr. Carlos Saraiva (Theatro do Principe Real).

21 — A TORRENTE, peça em 4 actos de M. Donnay, traducção do sr. Lopes Tavares (Theatro D. Amelia).

MAIO — 6 — A FESTA DA ACTRIZ, peça em 1 acto, original do sr. Jorge Santos (Theatro D. Maria II).

6 — MEDICINA DOMESTICA, comedia em 3 actos, original do sr. Raphael Ferreira (Theatro D. Maria II).

9 — MARIDO SEM MULHER, comedia em 4 actos, traducção do allemão pelo sr. Freitas Branco (Theatro do Gymnasio).

CONHECIMENTOS UTEIS

Limpeza de esponjas. — Nada mais desagradavel do que uma esponja acinzentada, de aspecto sujo, mesmo que o não esteja. Convem n'este caso mergulhal-a em leite durante doze horas; depois laval-a com agua fria e a esponja tomará a apparencia de nova, menos o gasto bem entendido. O sumo do limão é tambem excellente para o mesmo fim. Mas as esponjas acabam sempre por se *engordurar* e tornam-se então d'um uso repugnante, apesar de frequentes lavagens com agua e sabão. N'este caso deve empregar-se para desengordurar a esponja o acido chlorhydrico na proporção d'uma colher de sopa para meio litro d'agua. Por vezes o carbonato de soda dá bom resultado, dissolvido em agua fervente.



Limpeza e conservação dos veludos. — E' vulgar aproveitarem-se os veludos d'umas para outras *toilettes*, porém po-

dem ter perdido o seu bello aspecto rico. N'este caso o seguinte processo consegue renovar-os, bem entendido, pedaço por pedaço, tendo descosido previamente as costuras. Colloca-se sobre brasas uma placa de cobre espessa e quando estiver bem quente embrulha-se n'uma toalha molhada em agua fervente sobre a qual se poussa o veludo do lado do avesso. Vê-se então elevar-se um vapor negro muito espesso; é o momento de passar, com extrema ligeireza, uma escova macia sobre o veludo que se deixa seccar depois bem estendido sobre uma meza. Quando o veludo está esmagado, emprega-se com resultado o processo de o expôr, pelo lado do avesso, ao vapor da agua a ferver, e em seguida escova-se brandamente ao arpepio do pêlo. Para limpar os veludos de poeira entranhada, usa-se, e diz-se com resultado, espalhar sobre elles arêa secca e muito fina e escoval-os em seguida até que tenha sahido o ultimo grão de arêa.

Limpeza de nodoas. — Ha muitos e variados processos, além da classica benzolina e do chá, para tirar nodoas, que alguém classifica a deshonra do vestuario. Vamos citar alguns. As manchas de tinta de escrever sobre tecidos de lã e de algodão exigem o emprego do acido oxalico, vulgarmente denominado o sal d'azedas; mas, para que o acido não prejudique a côr, deve applicar-se immediatamente e por cima do sal um vinagre bem forte. Estas mesmas manchas em tecidos brancos, fazem-se desaparecer de preferencia, pela applicação de leite ou o suco de limão ou de tomate maduro. Quando a côr d'um estofo foi accidentalmente destruida por um acido, fricciona-se a nodoa com ammoniaco e muitas vezes a côr reaparece. Devemos fazer aqui um nota geral sobre a maneira de esfregar qualquer nodoa: deve friccionar-se sempre ao correr do fio do tecido e nunca em circulo, nem ao acaso. O vinho de Xerez faz desaparecer, dizem, as nodoas produzidas pelo vinho tinto, friccionando-as levemente. De todas as nodoas, as mais desagradaveis são sem duvida as de gordura, que de mais tendem sempre a alastrar. Para as tirar ha tambem variados processos, e é sobre estas que a benzina, o al-

cool, o ammoniaco, a cré, a greda e outras substancias ainda como o ether e o chloroformio, teem a sua especial applicação. As seguintes misturas são de seguro exito: — (1.^a) A essencia de therebentina pura, 26 grammas; alcool de 40°, 31 grammas; ether sulphurico 31 grammas. Mistura-se n'um frasco que se deve rolar cuidadosamente. — (2.^a) Mistura-se ammoniaco, ether, e alcool em partes eguaes. — (3.^a) Deite-se n'um frasco de largo gargalo dois litros d'agua bem limpida e pura; junte-se-lhe uma porção, como o volume d'uma noz, de cinzas gravelladas, (as dos bagaços da uva exprimida no lagar, depois de seccos e queimados) e mais dois limões cortados em rodas. Deixe-se digerir a mistura durante vinte e quatro horas. Filtre-se o licor e conserve-se em frascos bem fechados para uso opportuno. Affirma-se ser esta uma das receitas mais efficazes para tirar nodas de fato.

• • •

Elixir para dentes. — Para o tornar antiseptico qualquer elixir como agua de Botot, do dr. Pierre, etc., deite-se por cada 100 grammas de elixir 2 grammas de resorsina.

PROBLEMAS

Resoluções do numero anterior

N.º 49 — 4,651 por cento.

N.º 50 — *Xadrez*:

BRANCOS

1. P 8 R — faz T
2. P 8 C R — faz T
3. T 6 C R xeque e mate

PRETOS

- 1 R 3 B Ra.
- 2 R 3 Ra.

Num. 51.

A idade d'um homem, em 1808, era igual á somma dos 4 algarismos do anno do seu nascimento. Que idade tinha elle então, e qual foi o anno em que nasceu?

Num. 52.

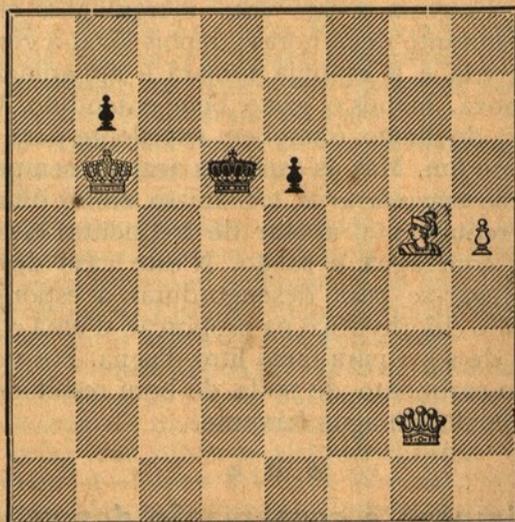
Dois comboios partem de duas cidades, *M* e *N*, distanciadas de 560 kilometros e correm ao encontro um do outro. Para que se encontrem a meio caminho, é necessario que o comboio de *N* parta 1 h. $\frac{3}{4}$ antes da hora de sahida do comboio de *M*. Se os dois comboios partissem ao mesmo tempo, a distancia que os separaria ao cabo de 7 horas de percurso

seria apenas de $\frac{1}{10}$ da distancia primitiva. Quanto tempo gasta cada comboio para ir de *M* a *N*?

Num. 53

XADREZ

PRETOS (3 peças)



BRANCOS (4 peças)

Os brancos jogam e dão mate em tres lanços